

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MULHER – ESPORTE- EMANCIPAÇÃO: DISCURSO
DE PROFESSORES E ACADÊMICOS DO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG-TO**

LUCILENE GOMES DA SILVA

**PIRACICABA, SP
2008**

LUCILENE GOMES DA SILVA

ORIENTADOR: PROF. DR. WAGNER WEY MOREIRA

Dissertação apresentada à banca examinadora do curso de mestrado em Educação Física da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação Física. Área de concentração: Corporeidade e Pedagogia do Movimento.

**PIRACICABA, SP
2008**

Silva, Lucilene Gomes

Mulher- Esporte- Emancipação: Discurso dos professores e Acadêmicos do curso de Educação Física da UNIRG-TO. Piracicaba, 2007. 206p.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Faculdade de Ciências da Saúde - Universidade Metodista de Piracicaba.

1. Mulher. 2. Esporte. 3. Emancipação.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Wagner Wey Moreira FACIS / UNIMEP

Profª. Dr. Tânia Mara Sampaio FACIS / UNIMEP

**Profª. Dr. Érica Renata de Souza. PUC/
CAMPINAS**

Dedico primeiramente à Deus, força absoluta que me acompanha e me guarda sempre em todos os momentos da minha vida, inclusive nessa jornada de estudo.

Aos meus pais Silvério e Maria que dentro da sua simplicidade souberam me apoiar e me incentivar durante esse processo.

Aos meus amigos, irmãos: Jean Carlo; Ricardo Lira e Paulo Lacerda que acreditaram em mim e juntos abriram as portas para que eu concretizasse mais esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à Deus por ter concedido a oportunidade de realizar esse sonho e concretizar mais uma etapa na minha vida profissional. Acredito fielmente que todas as conquistas que tenho obtido em minha vida tem as bênçãos do alto.

Agradeço também à Deus por ter me dado uma família ainda que pequena, porém grande o suficiente para me apoiar, incentivar e preocupar com todos os passos que dou na minha vida profissional e pessoal. São eles: meu pai Silvério Ribeiro; minha mãe Maria Gomes; minha irmã Luciana; meu cunhado Paulo Sérgio e os meus sobrinhos lindos: João Neto e Paulo Filho. Especialmente aos pequenos, que souberam ficar sem a tia “Du” nas férias e entender que este era um momento importante para consolidação desse estudo.

No contexto da minha família não poderia deixar de agradecer o apoio ainda que distante, dos meus tios Dário e Odília e da minha tia Edite e da minha prima Renata, sei que eles sempre estiveram torcendo para que eu realizasse esta etapa da minha vida com sucesso e alegria.

Aos meus amigos e amigas em especial Lídia, Juliana Paula, Daniele Ribeiro, Eliana Zellmer, Lílian, Fatiane, Chênia e Olminda que nos momentos de desespero e fraqueza sempre souberam me dar uma palavra de otimismo e suas mãos amigas a me estender quando precisei.

Não poderia jamais de esquecer de agradecer a família da Olminda que me acolheu como filha em Gurupi, durante as minhas idas e vindas de Piracicaba – Gurupi durante esses dois anos de estudo. Saibam que eu os tenho fraternalmente como minha família.

A todos os meus alunos que de maneira direta e indireta apoiaram a minha saída para o mestrado, concordando em ter aulas em módulos mensais, momentos difíceis, sem o apoio de vocês nada disso teria dado certo. Daí vai meu agradecimento especial a “8ª Turma do Curso- Turma Profª Lucilene Gomes”.

A todos os membros da “comunidade” que construímos em Gurupi em

especial Jean e família, Ricardo e família, Jackson e Ângela, Paulo e Rhaylla, Fernanda e Adolfo e todos os demais componentes.

Agradeço também a todos os professores e acadêmicos do curso de Educação Física que concordaram em participar dessa pesquisa, acreditando na importância desse estudo para o curso e para concretização dessa etapa em minha vida.

Especialmente ao Kiu, que na época da minha saída para o mestrado, não poupou esforços para conduzir um ano conturbado no curso e com sua simpatia me apoiou e segurou todos os problemas com tranquilidade e bom humor. Mais uma vez vai ai o meu eterno obrigado!

Ao Professor Wagner por ter acreditado em mim, ter depositado sua confiança e conhecimento para a concretização desse estudo. Devo lhe agradecer imensamente também por ter me oportunizado a chance de fazer parte do quadro de professores da UNIMEP, oportunidade que me fez crescer profissionalmente e me ajudou muito em um dos momentos mais difíceis que estava enfrentando no período em que morei em Piracicaba.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e amigas que fiz durante o período do mestrado, Andréia Richinelli, Karina, Renata e Adna. E profesoeres: Regina Simões, Tânia Sampaio, Eline Porto, Ademir de Marco e Ida Carneiro (Tita).

A todos vocês, meu eterno obrigado!

RESUMO

MULHER – ESPORTE – EMANCIPAÇÃO: DISCURSO DE PROFESSORES E ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG -TO. Silva, Lucilene Gomes¹, Moreira, Wagner Wey². (¹Aluna do curso de mestrado em Educação Física, FACIS - UNIMEP; ²Professor do curso de mestrado em Educação Física, FACIS - UNIMEP).

O presente estudo aborda enquanto tema a inserção da mulher no esporte e como este contribuiu para o processo de sua emancipação. Tem como objetivos: Fazer um levantamento bibliográfico acerca: da emancipação feminina no contexto social e esportivo; Verificar se há a discussão sobre a mulher no esporte e suas possibilidades de emancipação por meio do esporte no curso de Educação Física; Identificar qual o discurso que os professores do curso de Educação Física da faculdade UNIRG-TO têm quanto à emancipação feminina por meio do esporte. Conhecer qual a concepção que os acadêmicos participantes do projeto Paidéia possuem sobre a possibilidade de emancipação da mulher por meio do esporte. Analisar se o discurso dos docentes reflete na concepção dos acadêmicos estagiários que atuam no projeto Paidéia. Analisar quais são as interfaces presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos. O público alvo e o local em que foi desenvolvida a pesquisa foram respectivamente os professores do curso de Educação Física da Faculdade UNIRG e os acadêmicos estagiários do projeto de iniciação esportiva Paidéia, configurando um total de 19 pessoas. Para operacionalização da pesquisa de campo, adotamos a pesquisa qualitativa tendo base em Minayo (2003); utilizando do estudo descritivo pautados em Rudio (1982), adotando enquanto instrumento para a coleta dos dados o recurso da entrevista contendo duas perguntas geradoras e reportando para análise das informações a técnica desenvolvida por Moreira; Simões e Porto (2005) designada como: A análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significados. Chegamos à conclusão, ainda que provisória, de que os docentes entrevistados apesar de não serem estudiosos das questões específicas do processo histórico da inserção da mulher nos contextos sociais e esportivos, estes dentro das possibilidades que as disciplinas oferecem e de seus valores destinados à formação profissional, apresentam ações bastante favoráveis para contribuir na formação de professores de Educação Física capazes de intervir no contexto escolar e esportivo pensando na formação humana, sobretudo das mulheres.

Palavras-chave: Mulher, esporte, emancipação, formação profissional.

ABSTRACT

WOMEN- SPORTS- EMANCIPATION: TEACHERS AND STUDENTS SPEECHES FROM THE PHYSICAL EDUCATIONS AT UNIRG- TO.SILVA, Silva, Lucilene Gomes¹, Moreira, Wagner Wey². (¹Student of the master in Physical Education, FACIS - UNIMEP; ²Teacher of the master Physical Educations, FACIS - UNIMEP).

This present subject was done about the women's integration in sports and how it has been contributing to the process of their emancipation. The objectives are: Making a bibliographic survey about: Women's emancipation in the social context; To identify if there's a discussion about the woman in sports and their possibilities of emancipation through it in the physical educations course; Identify from the UNIRG's teachers, their speeches about the female emancipation through the sports. To know the point of view from the Paidéia's students project about this theme. Analyzing if the teachers' speech has reflected in the trainee students in the Paidéia's project. Analyzing what's the real connection through the teachers and students' speeches in this project. This research was develop with some teachers and some Paidéia's trainees from the physical educations course at UNIRG. This subject was done through bibliographical researches on Minayo (2003), and through the Rudio's studies (1982). The argument used in this research was the interview. It was about Moreira's techniques; It has been nominated by Simões and Porto (2005) as the analysis of the contents. Therefore, through the discerning study about the women's emancipation, it was concluded that both, trainees and teachers are concerned about this new conception about the women's emancipation in sports.

Keywords: Women, sports, emancipation, professional capacity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	16
Condição social da mulher... Caminhos percorridos em busca da emancipação.	16
CAPÍTULO II	48
Mulher no Esporte: Caminhos Percorridos, Da Proibição À Possibilidade De Emancipação.....	48
Procedimentos Metodológicos da Pesquisa	75
1. TIPO DE ESTUDO.....	75
2. UNIVERSO DA PESQUISA	76
2.1 – LOCAL	76
2.2 PÚBLICO ALVO.....	77
2.3 Instrumentos e procedimentos para coleta de dados	78
2.4 Técnica para análise dos dados.....	80
2.5 Relato das informações obtidas em campo.	81
2.5.1 Relato das informações do primeiro grupo: Acadêmicos estagiários do Projeto Paidéia. .	82
2.5.2 Análise das informações dos Acadêmicos referente à questão nº1.	89
2.5.3 Análise das informações dos Acadêmicos referente à questão nº2	98
2.5.4 Relato das informações do segundo grupo: Professores do Curso de Educação Física da UNIRG	104
2.5.5 Análise das informações do segundo grupo referente à questão nº1	138
2.5.6 Análise das informações do segundo grupo referente à questão nº2.	149
2.5.7 Pontos de convergências e divergências entre os discursos.	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163

INTRODUÇÃO

Uma mulher forte versus uma mulher de força

*“Uma mulher forte malha todo dia para manter seu corpo em forma...
Mas uma mulher de força constrói relacionamentos para manter sua alma em forma.
Uma mulher forte não tem medo de nada...
Mas uma mulher de força demonstra coragem, em meio a seus medos.
Uma mulher forte não permite que ninguém tire o melhor dela...
Mas uma mulher de força dá o melhor de si a todo mundo.
Uma mulher forte comete erros e evita os mesmos no futuro...
A mulher de força percebe que os erros na vida também podem ser bênçãos inesperadas e
aprende com eles.
Uma mulher forte acredita que ela é forte o suficiente para a jornada...
Mas a mulher de força tem fé que é durante a jornada que ela se tornará forte.”
(autor desconhecido)*

Vivemos na atualidade um período de intensas transformações de ordem social, política, econômica e cultural. Todas estas, acontecendo de forma integrada que de modo direto ou indireto acabam por influenciar a vida de todos nós seres humanos.

Dentre as várias transformações que vêm ocorrendo, podemos ressaltar as conquistas que as mulheres vieram obtendo na sociedade ao longo dos tempos. Hoje em dia, é possível vê-las assumindo espaços no mercado de trabalho, jamais imagináveis em épocas passadas, como também, usufruindo sua sexualidade sem culpa, conquistando espaços na política e nos esportes

Podemos dizer que estas últimas décadas caracterizaram-se como uma revolução pela igualdade de direitos. Sabemos que no aspecto coletivo, social, os ganhos foram imensos. Do ponto de vista individual, há ainda desafios consideráveis a ser vencidos.

A expressão da força feminina na sociedade e a construção da “mulher forte” ocorreram mediante a superação de vários obstáculos, sendo o principal deles o preconceito.

Se retornarmos um pouco na história das sociedades ocidentais, encontraremos que as mulheres viveram um longo período no silêncio, impuseram-se a estas uma ausência que lhe ocultava o desejo e o direito de se expressarem, de viverem plenamente o seu eu. O corpo feminino tinha a função anônima e impessoal da reprodução.

Por muito tempo, perdurou na sociedade que a imagem da mulher ideal seria as que apresentassem os atributos da submissão e obediência, em que sua função principal seria a da reprodução e serem mães dedicadas, esposas obedientes e subordinadas aos homens.

No entanto, a partir das transformações por que as sociedades passaram, aquela figura feminina repleta de valores e atributos impostos pelo modelo patriarcal, em que o valor maior da mulher encontrava-se atrelado à maternidade, tendo na procriação o fim último dos relacionamentos, é deixada para um segundo plano nos projetos de vida das mulheres modernas, sobretudo daquelas que conseguiram alcançar maior independência financeira e qualificação educacional.

A mulher moderna conquistou espaço no âmbito esportivo e encontrou nele também uma possibilidade para sua emancipação. Estudos como de Simões (2003); Romero (2003); Alonso (2003); Knijnik (2003) mostra-nos o quanto a mulher veio ingressando no mundo esportivo e por meio dele alcançando sua emancipação.

Sabemos que esta realidade não se faz de forma homogênea na sociedade, por mais que as mulheres tenham conquistado o seu espaço no âmbito esportivo, este ainda se configura como sendo prioritariamente masculino, principalmente em se tratando de algumas modalidades esportivas.

Podemos dizer que os valores patriarcais vigentes na sociedade são ainda, as principais barreiras existentes que refletem nos empreendimentos das mulheres que buscam alcançar seus espaços no âmbito esportivo.

Partindo do panorama ora levantado acerca das conquistas das mulheres tanto no contexto social quanto no esportivo, levantamos as seguintes questões de estudo: Será que se discute sobre a participação da mulher nos esportes e a sua possibilidade de emancipação a partir desta, nas disciplinas da grade curricular do curso de Educação Física da Faculdade UNIRG? Qual seria o discurso dos

professores do curso de Educação Física da faculdade UNIRG-TO quanto à possibilidade do esporte ser um meio facilitador da emancipação da mulher? O discurso dos professores quanto às possibilidades de emancipação da mulher por meio do esporte refletiria na opinião dos acadêmicos estagiários que ministram o ensino dos esportes no projeto Paidéia?

A partir dessas inquietações elencamos os seguintes objetivos para o estudo:

Fazer um levantamento bibliográfico acerca: da emancipação feminina no contexto social e esportivo;

Verificar se há a discussão sobre a emancipação da mulher por meio do esporte no curso de Educação Física;

Identificar qual o discurso que professores do curso de Educação Física da faculdade UNIRG-TO têm quanto à emancipação feminina por meio do esporte;

Conhecer qual a concepção que os acadêmicos participantes do projeto Paidéia possuem sobre a possibilidade de emancipação da mulher por meio do esporte;

Analisar se o discurso dos docentes reflete na concepção dos acadêmicos estagiários que atuam no projeto Paidéia;

Analisar quais são as interfaces presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos;

Como forma de operacionalizar o presente estudo, o mesmo foi configurado em dois momentos distintos, que se complementam. O primeiro momento chamamos de pesquisa bibliográfica e o segundo de pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica estrutura-se na forma dos capítulos um e dois, nos quais apresentamos o processo de inserção e reconhecimento da mulher ocidental na sociedade e nos âmbitos esportivos.

Especificamente o primeiro capítulo aborda um pouco da história das mulheres, apresentando os caminhos que estas percorreram até alcançarem a emancipação. Traz informações de como estas eram tratadas na sociedade, desde as sociedades agrárias, grega, espartana, romana, medieval e moderna.

Este capítulo faz também, referência ao patriarcado, ao movimento feminista,

ao processo de modernização da sociedade e à conseqüente entrada da mulher no mercado de trabalho. Acontecimentos que consideramos importantes para o processo de reconhecimento social e emancipação da mulher.

O segundo capítulo vem mostrando como ocorreu o processo de reconhecimento e emancipação feminina no âmbito esportivo. Particularmente apresentamos informações que vão também no trilhar evolutivo e histórico vivido nas sociedades: grega, espartana, romana, medieval até chegarmos ao contexto da sociedade atual.

Neste capítulo, evidenciamos as principais barreiras e obstáculos vividos pelas mulheres no contexto esportivo a partir dos acontecimentos da sociedade grega, tendo em vista que esta sociedade é considerada o berço do esporte moderno.

Apresentamos, portanto, as formas de preconceito que as mulheres tiveram e ainda têm que superar enquanto atletas ou mesmo desportistas. E quais foram as principais mulheres – atletas que deram tudo de si, superaram as barreiras, enfrentaram preconceitos e hoje são consideradas como ícones do esporte na categoria feminina.

A parte da pesquisa de campo constitui-se de um estudo qualitativo do tipo descritivo. Para este, optamos pelo recurso da entrevista contendo duas perguntas geradoras como forma de instrumento para coleta dos dados.

Para análise das informações obtidas no campo, utilizamos a técnica desenvolvida por Moreira; Simões e Porto (2005) designada como: A Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significados.

O público alvo e o local em que foi desenvolvida a pesquisa foram respectivamente os professores do Curso de Educação Física da Faculdade UNIRG e os acadêmicos estagiários do Projeto de Iniciação Esportiva Paidéia.

A Faculdade UNIRG é considerada uma das principais Instituições de Ensino Superior no Estado do Tocantins. Esta Instituição de Ensino Superior (IES) oferece o curso de Educação Física.

O curso de Educação Física na Faculdade UNIRG busca oferecer propostas pedagógicas significativas nos aspectos: pessoais, sócio-culturais e políticos. Tem

por vocação incentivar uma formação generalista e humanista, sistematizando e produzindo o conhecimento, levando o egresso a uma consciência crítica e autônoma, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

O Projeto Paidéia consiste em um projeto de iniciação esportiva e, na atualidade, encontra-se vinculado ao curso de Educação Física da referida Instituição de Ensino Superior. Criado desde 2003, por iniciativa de um dos professores do Curso de Educação Física, tem desde a sua primeira versão o intuito de oferecer iniciação esportiva em algumas modalidades de quadra (Futsal, Voleibol e Handebol) de forma gratuita às crianças carentes do município.

Acreditamos que a presente pesquisa nestes dois contextos nos permitiu ter uma amostra da situação do ensino e da formação profissional desenvolvida no interior do Curso de Educação Física, especificamente na intervenção no âmbito esportivo e no desenvolvimento das ações pedagógicas realizadas no projeto Paidéia.

Este estudo representou particularmente que devemos pensar e (re) pensar nossas ações no sentido de possibilitar a igualdade de oportunidades de aprendizagem a todos. E que pensemos também nos valores que depositamos às nossas ações empreendidas no interior das nossas disciplinas.

CAPÍTULO I

Condição social da mulher... Caminhos percorridos em busca da emancipação.

*“Dizer **eu**, não é fácil para as mulheres, toda uma educação inculcou o decoro do esquecimento de si.”*

Michele Perrot

Como falar sobre as conquistas da mulher na sociedade atual e conseqüentemente de sua emancipação, sem antes conhecermos como foi sua condição social, seus papéis, funções, suas lutas e história?

Versar sobre a emancipação da mulher e de todas as suas conquistas alcançadas na sociedade atual temos que a priori, deixar claro que estes caminhos não foram pavimentados com os componentes da igualdade, serenidade e democracia. Se hoje, as mulheres transitam pela sociedade livremente entre os espaços públicos e privados, é prudente evidenciar que esta conquista ocorreu mediante uma via de mão dupla, em que em uma das vias encontravam-se as atribuições sociais dos homens e na outra a das mulheres. Neste vai e vem percorrido, a acessibilidade da mulher quase sempre foi permeada por lutas, renúncias e submissão do seu eu e do esquecimento de si conforme elucida Perrot (1989).

Ao adentrarmos nas narrativas históricas para conhecer a condição social designada às mulheres, encontramos na forma de organização social conhecida como patriarcado, um dos principais pilares para a situação desigual e discriminatória que a mulher viveu.

Na história do povo ocidental, tudo indica que as bases do patriarcado não possuem sua origem firmada na sociedade ocidental moderna, estas, segundo Muraro (1992) já vem sendo destacado no livro de Gênesis e vai se estabelecendo de forma lenta e gradual, solidifica-se nas relações de dominação entre os pares: homem/filhos, homem/mulher, homem/natureza e mãe/filhos.

Podemos dizer que a relação de dominação do homem com a natureza talvez seja a maior contribuição para a solidificação do patriarcado. Na medida em que o homem vai descobrindo e exercendo seus poderes sobre a Natureza, devastando-a, aperfeiçoando suas técnicas de exploração cresce também a ansiedade e a ambição. Ele passa a abusar mais da mão - de- obra em prol da acumulação de bens e de lucro. “... Neste âmbito a mulher se faz presente no contexto do lar – privado, a fim de fornecer o maior número possível de filhos para arar a terra e defender a terra e o Estado.” (MURARO 1992, p 62)

Bourdieu (2007) ao analisar as relações dos povos da comunidade Cabila, fornece-nos dados importantes que nos servem de parâmetros para compreendermos as relações entre os povos ocidentais, justamente quanto às divisões sociais e as relações de poder que se fazem presentes nestas. Segundo o autor, a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça. Nesta, há uma divisão social bem estabelecida entre as condições de trabalho e suas atividades estritamente opostas entre os dois sexos, que vão desde o local, momentos e instrumentos de trabalho.

Apresenta ainda a idéia de que há uma nítida estrutura binária que demarca as diferenças entre homens e mulheres. A estrutura do espaço, destinando o lugar das assembleias e salão aos homens e a casa e o seu interior às mulheres. E mais, que na estrutura do tempo existe também uma diferenciação para os dois sexos, a jornada, o ano agrário, ciclo de vida, com momentos de ruptura sendo masculinos e os longos períodos de gestação, os femininos. (BOURDIEU, 2007)

Ainda sobre a associação da dominação da Natureza constituindo-se como uma das principais bases do patriarcado, Baptista (1995) nos esclarece mais detalhadamente que a exploração da Natureza pelo homem co-relaciona com a exploração feminina. A autora nos fala que a submissão feminina às forças masculinas provém de uma forte semelhança da mulher com a Natureza. Ainda a propósito dessa questão encontramos em Capra (1982) a seguinte explanação:

A exploração da Natureza anda de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a Natureza ao longo dos

tempos. Desde as mais remotas épocas, a Natureza – e especialmente a terra - tem sido vista como uma nutriente e benévola mãe, mas também como uma fêmea selvagem e incontrolável. Em épocas pré-patriarcais, seus numerosos aspectos foram identificados com as múltiplas manifestações da Deusa. Sob o patriarcado, a imagem benigna da Natureza converteu-se numa imagem de passividade, ao passo que a visão da Natureza como selvagem e perigosa deu origem à idéia de que ela tinha que ser dominada pelo homem. Com o surgimento da ciência newtoniana, finalmente, a Natureza tornou-se um sistema mecânico que podia ser manipulado e explorado, o que coincidiu com a manipulação e exploração das mulheres. (p. 37-38)

Nas sociedades tradicionais a solidariedade, a parceria e a propriedade ainda eram bens comuns do grupo inteiro e as relações humanas não eram seccionadas. No entanto, com o advento do mundo agrário, começa-se também o domínio do mais forte sob a Natureza e os outros. Muraro (2002) nos mostra que estas configurações sociais vieram se rompendo, agora o que domina é a lei do mais forte, a luta pela posse da terra é que passa a ser o bem supremo. Vive-se a lei da propriedade privada. Neste âmbito, a mulher, considerada a mais fraca, passa a ser propriedade do marido, fica reduzida ao trabalho doméstico e à criação dos filhos. As leis, a economia, os impérios são feitos pelo homem e para o homem.

Para Bourdieu, a dominação masculina ter um carácter universal, no entanto, esta ganha contornos diferentes em sociedades distintas. (SOUZA, 2000).

A partir da consideração da universalidade da dominação masculina e da secundarização da mulher perante a sociedade, temos que as mulheres nas sociedades agrárias passaram a assumir papéis secundários na comunidade, estas teciam, costuravam, criavam pequenos animais, processavam os produtos colhidos pelos homens. Não possuía o direito de usufruir de sua sexualidade. A elas passaram uma condição de serem castas- frígidas e a idéia de que o sexo era sujo e pecaminoso.

Sobre essa diferenciação, Bourdieu (2007) nos remete à idéia de que o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante. E que este programa social de percepção incorporada, aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica. Como observa-se nas próprias palavras

do autor:

...é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com divisão do trabalho, na realidade da ordem social. (p.20)

Desse modo, o corpo feminino vivia no silêncio. Impuseram a este uma ausência que ocultou o desejo e o direito de se expressarem, de viver plenamente o seu eu. Perrot (2003) nos conta que ao corpo feminino pesou primeiramente a função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino torna-se onipresente nos discursos dos poetas, dos médicos e políticos; em imagens de toda a natureza, como: quadros, esculturas e cartazes. Mas esses corpos, quando expostos continuam opacos. As mulheres não falam, não devem falar de seus corpos, pairam sob estes, uma atmosfera pesada e nebulosa de pudor que encobre e lhes cerram os desejos e lábios, características que marcam profundamente a feminilidade.

Viver a sexualidade nas sociedades agrárias era permitido apenas às mulheres das camadas mais excluídas na sociedade. Aparece então a prostituta, mulher que podia relacionar com vários homens, especialista na arte sexual. Passa a existir então, dois tipos de mulher: a da esfera pública e a da esfera privada.

Percorrendo a história das civilizações antigas, especialmente no Egito antigo, por volta de 2000 a.C. momento em que a organização social ainda não se pautava na estrutura de classes, encontramos indícios de uma certa expressividade social da mulher que marca sua presença na sociedade. A título de ilustração, temos a figura de Cleópatra, guerreira que defendeu seu país dando sua própria vida, seus poderes e encantos ameaçavam a hegemonia do império romano. A ela era destinada uma reverência, contudo, foi queimada e considerada uma bruxa mais maléfica que o mundo já teve. (MURARO, 1992)

Outra figura semelhante à de Cleópatra foi à de Helena de Tróia, grega, mulher guerreira, que transgrediu os padrões instaurados da época e viveu plenamente o seu corpo e sua sexualidade. No entanto, as atitudes de Helena de Tróia não eram comuns às mulheres da Grécia, estas viviam completamente separadas da esfera pública, ou seja, encontravam-se no âmbito doméstico e só podiam sair em ocasiões especiais, como nos ritos religiosos e em funerais.

Com o progressivo desenvolvimento da sociedade grega e com a adoção do modelo de sociedade por estratos sociais, começam-se então a ser estabelecidas concepções e relações com o corpo feminino de modo contundente, opressor e dominador. As mulheres, assim como os escravos estavam destinadas a ocupar a mesma posição secundária e subordinada na sociedade, sendo sua função primordial a da reprodução e o cuidado com tudo o que era ligado à subsistência do homem e da família.

Souza (2000) analisando os escritos de Lévi- Strauss e de Rubin nos apresenta que a divisão sexual do trabalho aparece em quase todas as sociedades, mas nos alerta que quando a questão encontra-se no tipo de tarefa que cabe a quem, há uma grande variabilidade entre as sociedades. A autora relata que para Rubin, a divisão sexual do trabalho se apresenta como um tabu contra a similiariedade entre homens e mulheres, abrindo para uma divisão mútua e exclusiva de papéis.

Sobre essa situação da inferioridade feminina na Grécia, Soares (2001, p.9) nos lembra que o importante filósofo grego, Platão, referia-se às mulheres dizendo: “Abaixo dos deuses, encontravam-se os homens e, mais abaixo, a mulher e os demais animais, estes considerados formas degradadas do homem.”

O corpo da mulher grega era compreendido sob dois prismas: o da matéria – corpo objeto – coisa viva, passível de ser mensurada, dissecada e comparada por médicos, e como figura social a se instituir por filósofos; e o da sensibilidade – corpo sujeito – sensível, capaz de transmitir receptividade, mas não como ser dotado de possibilidades de conhecer, aprender e conquistar. (SISSA, 1990)

Entretanto, vale ressaltar que casos particulares aconteciam nas civilizações gregas. Em Esparta, as mulheres, apesar de não terem os mesmos direitos e poderes sociais que os homens, estas possuíam mais autonomia que as demais gregas. E isso se deu pelo fato de Esparta viver constantemente em guerras, as mulheres acabavam assumindo as casas e comunidades. A situação também diverge já no ato educativo das crianças, pelo fato de serem uma sociedade altamente militarista, as meninas eram educadas juntamente com os meninos em atividades guerreiras, possibilitando assim, uma educação menos desigual nesta

comunidade.

Muraro (1992) nos apresenta outro fato excepcional que marca a condição da mulher grega, especialmente em Atenas no período clássico, em que a sociedade já se consolidava em camadas sociais distintas. Segundo a autora, existia um grupo de mulheres que não eram analfabetas e nem viviam isoladas, este grupo elitizado denominava-se de *hetairas*, único grupo de mulheres não estereotipadas, estas podiam conversar com homens de alta classe e tornarem-se amigos. Frequentavam a Academia e o Liceu, muitas até eram alunas de Platão e atuavam como poetisas e cientistas.

Já em Roma, a condição social feminina apresenta-se de modo interessante, pois, traz mescladamente uma situação composta de liberdade - submissão - proibição. Para entendermos esse paradoxo precisamos desvendar pontos importantes da evolução histórica de Roma.

O primeiro deles é entender que o regime organizacional dos romanos, por ser pautado na monarquia, fez com que este sistema conferisse aos homens um forte domínio e poderes perante a sociedade, inclusive sobre as mulheres. O que faz reaparecer, a idéia do patriarcado, como Monteiro e Leal (1998) nos explicam:

O patriarcado significa o poder de homem na família e na sociedade. (...) O conceito e a teoria do patriarcado, sustentado pela estrutura político – ideológica, consistia em uma proposta teórica que tentava explicar a opressão feminina e as formas de superação dessa desigualdade. As relações sociais entre homens e mulheres no patriarcado eram de extrema dominação e baseavam-se, principalmente, em dois pilares: na divisão do trabalho por sexo e na “posse” da sexualidade feminina. Essa concepção de poder e posse submetiam a mulher a uma condição de permanente subordinação que se expressa na falta de acesso às oportunidades e benefícios, assim como nas tomadas de decisão e no exercício do poder. Nas sociedades sexistas, o que é masculino tem mais valor do que é feminino. Nesse caso, estabelece-se uma relação desigual de poder e de prestígio. (p.33)

Por sua vez, Souza (2000) nos apresenta que o termo patriarcado oscila entre dois sentidos que precisam ser esclarecidos, primeiro: a capacidade e necessidade humanas de criar mundos sexuais e segundo: os modos empíricos de opressão que se organizam, ao passo em que o sistema sexo / gênero refere-se ao

domínio da sexualidade e ao seu caráter de produto das relações sociais.

O patriarcado evidencia-se entre os povos romanos, reforçando ao corpo feminino a condição de subserviência ao homem e anonimato perante o contexto social. Uma sociedade que primava pela presença masculina nas lutas e nas conquistas das terras não reconhecia, portanto, uma significância ao corpo feminino. Sobre esse assunto Simões e Moreira (1997) falam:

Como para Roma conquistar terras era lei, o padrão de corpo da sociedade, principalmente dos soldados, deveria vir representado pelo homem com disciplina, portador de um físico atlético e forte, dotado de rapidez e coragem para enfrentar o inimigo, o que, com certeza, descartava a necessidade do corpo mulher para esse objetivo. A família romana priorizava o sexo masculino, sendo que as meninas, bem como aqueles que apresentavam algum tipo de deficiência, não tinham para os romanos o mesmo valor (...) Esta falta de identidade, exclusiva das mulheres, ocorria porque eram consideradas parcelas anônimas e sem importância para a família. (p.137)

Notamos o quanto as romanas não possuíam importância perante sua sociedade, estas não tinham reconhecimento nem mesmo em seus próprios nomes. Muraro (1992) nos fala:

A falta de reconhecimento da mulher como indivíduo refletia-se no fato dela não ter nome próprio. Por exemplo: se seu pai chamasse Júlio, seu nome seria Júlia. Quando havia mais de uma filha, eram conhecidas como Júlia a mais velha e Júlia menor, ou Júlia primeira e Júlia segunda, e assim por diante. Ao contrário, os filhos homens possuíam nomes individuais. Todo o sistema romano foi construído para mostrar que as mulheres eram parcelas anônimas e sem importância de famílias maiores. (p.95)

No entanto, apesar de toda essa falta de reconhecimento, Muraro (1992) nos retrata que ainda assim, nos tempos que antecederiam a república romana, era possível ver mulheres participando das jornadas de trabalho, fazendo compras, visitas e indo ao teatro. O que nos leva a afirmar anteriormente que a condição social das romanas também se apresentava com certa liberdade.

Contudo, com o avanço das conquistas das terras e com a troca do regime governamental, Roma passa cada vez mais a se organizar em um sistema de

classes, aparecendo conseqüentemente as classes detentoras de poderes - ricos e as classes oprimidas - pobres trabalhadora.

Com o surgimento paulatino das classes sociais, as mulheres passavam cada vez mais a serem, dominadas pelo sistema e pelos homens, integrando assim, às classes dos oprimidos romanos. Estas apesar de serem consideradas como serem inferiores aos homens perante a sociedade, possuíam direitos que vinham expressos no código de direito civil romano. Thomas (1990) nos apresenta que a mulher não se constitui numa espécie jurídica à parte, apesar de sua fraqueza de espírito, leviandade mental e das suas incapacidades estatutárias. Estas apareceriam como pessoas privilegiadas de usufruir de direitos e de poderem exercer sua cidadania, mesmo possuindo direitos relativamente inferiores aos dos homens. Sendo que o principal direito consistia em ser mãe e ter um casamento.

No âmago da sociedade romana surge o cristianismo. Este aparece como a religião que vem libertar os oprimidos, sobretudo os escravos. A mulher, ser oprimido na sociedade romana, também ganha amparo dentro da religião, pois, todos passam a ser iguais perante as leis de Deus.

O cristianismo conquista cada vez mais, seguidores e fiéis. Em seu início era permitido o celibato tanto para os homens quanto para as mulheres. Dessa forma, Muraro (1992) nos fala que a adoção do celibato causou às mulheres poderes enormes perante a sociedade, uma vez que estas, as celibatárias, ministras dos serviços de Deus, passaram a ser dignas de respeito tanto quanto os bispos.

No entanto, a consolidação do cristianismo em todo o mundo ocidental, deixa de ser a religião defensora e libertadora da mulher e passa a assumir uma postura contra a mulher o que intensifica em seus discursos a submissão desta, considerando, por conseguinte o único exemplo de mulher a Virgem Maria. (MURARO, 1992)

Os vultos do cristianismo caminham por toda a sociedade ocidental e suas bases se fazem presente, sobretudo no período da Idade Média. Período em que se reforçavam cada vez mais os discursos e valores masculinos diferenciados dos femininos, nos quais o poder assemelhava-se aos homens e amor e misericórdia às mulheres. (MACEDO, 1997)

O papel social da mulher no período da Idade Média variava quanto à autonomia e à submissão. Estas, tinham as funções de chefiar as casas, lavouras e as comunidades, e também eram subjugadas, inferiorizadas e até violentadas.

A título de revelação da autonomia feminina no período medieval Macedo (1997) nos mostra que nos registros históricos, a mulher germana era possuidora de uma austeridade e força moral, vitalidade, companheirismo, porém com fortes traços de submissão em relação ao homem, seguiam junto a seus esposos em todas as atividades, inclusive nas guerras, enfrentavam perigos e desafios tanto quanto os homens, pois estas eram protegidas e dotadas de virtude.

Na Idade Média percebe-se o reforço da dicotômica entre público e privado. De um modo geral, a mulher passa a fazer parte dos espaços privados, com as mesmas funções de fiar, tecer, cozinhar, cuidar da casa e do marido.

Esta situação é apresentada também por Bourdieu (2007), o qual apresenta que cabe aos homens, situar-se ao lado exterior, público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares. Às mulheres, pelo contrário situar do lado do úmido, do baixo, do curvo, e do contínuo, envolver com os trabalhos domésticos, privados, escondidos, invisíveis e vergonhosos, como o cuidado dos animais e das crianças e como ele próprio afirma “com todos os trabalhos exteriores que lhe são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas, ou fazer jardinagem), com o leite, com a madeira, e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes”.(p.41)

Macedo (1997) nos fala que o destino das mulheres era antes de tudo o casamento, ele nos esclarece sobre a importância do casamento neste período:

O casamento era, antes de tudo, um pacto entre duas famílias. Nesse ato, a mulher era ao mesmo tempo doada a recebida, como ser passivo. Sua principal virtude, dentro e fora do casamento, deveria ser a obediência, a submissão. Solteira, era identificada sempre como *Filia de*, *Sóror de*. Casada, passava a ser personificada como *Uxor de*. Filha, irmã, esposa: servia de referência ao homem a que estava sujeita. (p.15)

As mulheres casadas e as solteiras das famílias reais das camadas mais

abastadas da sociedade são vistas como peças fundamentais nas negociações financeiras entre as famílias. Passam a assumir um importante papel na sociedade. No entanto, estes papéis não lhes conferiam nenhum status social que as considerasse emancipadas, apenas eram usadas no jogo político e econômico de suas famílias. Muraro (1992) comenta sobre essa condição das mulheres das famílias reais:

Assim, as mulheres nos primeiros tempos da Idade Média eram importantes reservas de força de trabalho, manipuladas de acordo com os desejos e as necessidades dos homens. Isto fazia com que, embora experimentando altos e baixos do poder, o status das mulheres como grupo não se elevasse. E isto aconteceu pelo fato de elas serem exército de reserva dos homens. (p.102)

Podemos analisar essa situação da mulher à luz do que Bourdieu (2007) nos incita: de que o corpo da mulher possui um poder de atração e de sedução conhecido e reconhecido por todos os homens e mulheres; no entanto este era e podia ser usado conforme interesses do contexto e também como forma de continuar sob a guarda e controle dos homens, dos quais, segundo o autor: “ela depende, ou aos quais está ligada.” (p.41)

Com o desenrolar dos fatos sociais no período da Idade Média a mulher vai assim, assumindo uma condição social cada vez mais inferiorizada na sociedade. Estas, apesar de possuírem em alguns momentos da história, certo reconhecimento no seio das igrejas e assumirem cargos e funções importantes, passam agora ser substituídas pelos homens. E a razão central dessa condição fica a cargo mais uma vez, da ascendência do patriarcado, o qual reforça fortemente a presença masculina no interior das instituições religiosas.

Sobre a condição social da mulher Simões e Moreira (1996) nos revelam que:

A necessidade do corpo mulher era admitida para perpetuar a família, mas não para compartilhar. Aliás, a mulher só era esposa porque seu papel associava-se ao de mãe dos futuros herdeiros, enfatizando o corpo mulher como reprodutor, resguardado de pudores e restrições. (p.399)

Sendo assim, a imagem da mulher na sociedade vem expressa sob a condição de serem submissas, abnegadas, obedientes e sua função principal na sociedade é de serem reprodutoras, mães dedicadas e esposas obedientes e subordinadas aos homens.

A igreja passa a disseminar então, um estereótipo feminino o qual veicula a idéia que co-relaciona a mulher à imagem e semelhança da Virgem Maria, mãe imaculada de Jesus, a qual representava o exemplo ideal da figura feminina. Qualquer comportamento que não se assemelhasse a este designado pela Igreja era condenado e associado à imagem de Eva, símbolo do pecado e da tentação.

Simões e Moreira (1997) nos contam que por ser a Igreja composta em sua grande maioria por homens esta colocava obstáculos em tudo que se referia à projeção social da mulher, alocando restrições, sobretudo aos seus corpos, fazendo-as rejeitarem desejos, e sonhos. A Igreja desencadeia assim, uma grande perseguição às mulheres e se alguma destas possuía profissão, o saber feminino era sufocado pelo saber masculino.

As mulheres comuns da sociedade que não se enquadrassem no estereótipo postulado pela igreja e insistiam em levar uma vida independente e longe das pregações e recomendações designadas, acabaram sendo perseguidas e consideradas também, como “bruxas”.

Este movimento, Muraro (1992) nos fala que foi intitulado na Europa durante os séculos XIV ao XVIII como o período de caça às bruxas, pois acreditavam que as mulheres que não seguiam no trilhar das normas estabelecidas pela Igreja, e assumiam uma condição de mais liberdade, sobretudo com o seu corpo e permitiam viver sua sexualidade, eram vistas como seres que possuíam relações sexuais com o diabo.

O movimento de caça às “bruxas” teve enquanto razão principal a perseguição de membros adeptos a heresia, Verdon (2006) ressalta que no contexto do movimento de perseguição havia também os bruxos, no entanto todas as barbáries foram desencadeadas somente às mulheres.

A perseguição à bruxaria instaura um grande movimento dos inquisidores,

Verdon (2006) nos conta:

O trabalho dos inquisidores levou ao desenvolvimento de novos processos judiciais. Essa argumentação aumentou a experiência dos magistrados. Na Europa, foram recenseados, evidentemente não incluindo a totalidade 12 processos de bruxaria, diante de tribunais eclesiásticos, entre 1320 e 1420, contra 34 entre 1421 e 1486; e 24 diante de tribunais laicos, entre 1320 e 1420, contra 120 entre 1420 e 1486. Na verdade, o crescimento do absolutismo real aproximava os crimes contra o soberano dos crimes contra Deus, de modo que a justiça laica intervinha sempre mais na caça às bruxas. (p.37)

Este movimento de caça aos bruxos e bruxas é analisado por Arnould (2006) de uma forma mais crítica, aonde ela faz uma abordagem social e política sobre os fatos ocorridos. A autora afirma que a perseguição aos hereges e bruxas parte da razão central de que estas pessoas contestavam a forma organizacional da sociedade, estas viviam sentimentos generalizados de insegurança, constituídos por medos reais provindos das guerras, fomes e epidemias.

Arnould (2006) nos esclarece que estes sentimentos foram as causas e os efeitos que acabaram por contribuir para uma psicose coletiva, exarcebando superstições tão profundamente arraigadas nos espíritos. Daí os bruxos e bruxas tornaram-se as vítimas perfeitas para sufocar e banir um problema de ordem política.

As perseguições ainda em Arnould (2006):

..atingiram indiferentemente cidades e vilarejos, ricos e pobres, homens e mulheres, com uma maioria esmagadora de mulheres (de 80% a 82%). A faixa etária média de 60 anos para os dois sexos confirmava o estereótipo da bruxa velha, solitária principalmente viúvas e, de preferência, feia. (p.42)

Notamos pelos acontecimentos históricos que o período da Idade Média foi um momento marcante na história das conquistas sociais das mulheres. Período fortemente influenciado pelas doutrinas religiosas e pelo absolutismo masculino na sociedade. Muraro (1992) nos conta que no contexto do movimento de extermínio da bruxaria, as mulheres curandeiras e que manipulavam ervas foram severamente perseguidas, sobretudo porque estavam entrando em um território exclusivo do

domínio masculino que era a área médica.

A autora nos revela que nos períodos do século XII a XIV quem cuidava da saúde eram as mulheres, estas, assumiam as funções de parteiras, curandeiras, médicas, farmacêuticas e cirurgiãs. Possuíam um amplo conhecimento sobre as químicas das plantas, parto, aborto os quais eram passados de mães para filhas e de geração para geração.

A prática do curandeirismo exercido pelas mulheres era considerada como ato de bruxaria, o que ocasionou, contudo, uma ampla perseguição destas, sobretudo, com a vasta solidificação do poder do médico na sociedade.

Este período de caça às bruxas, ficou registrado na história do ocidente como sendo um dos períodos das mais severas perseguições ao corpo mulher, deixando, portanto, marcas que tatuaram e determinaram toda uma condição social destas. A exemplo da brutalidade exercida neste período, temos o caso de Joana D'Arc, líder dos soldados franceses durante a guerra dos Cem Anos contra a Inglaterra, a qual foi vencedora da guerra, porém capturada pelos ingleses acusada de bruxaria e como punição foi queimada em uma fogueira.

O movimento de caça às bruxas, segundo Muraro (1992) propicia para a normatização do corpo das mulheres e a condição básica para a produção e o nascimento do corpo dócil do operário do século XIX.

No entanto, sob influencia da Igreja e da monarquia, as manifestações de aversão, repressão e violência às mulheres, acabam por reforçar que estas deveriam se limitar aos espaços domésticos e privados. A condição social da mulher é assim imposta e a razão de tamanha imposição encontra-se na semelhança e na representação que estas possuíam ao poder sobrenatural, ao perigo e a tentação da carne. O corpo feminino na sociedade assemelhava-se à sexualidade, ao erótico e ao pecado tão condenado pela Igreja. Sobre a presença do corpo feminino e sua dominação e designação na sociedade, Duby (1991) menciona que:

O corpo feminino requer uma guarda mais atenta, e é ao homem que cabe a sua vigilância. A mulher não pode viver sem o homem, deve estar no poder de um homem. Anatomicamente, ela está destinada a ficar encerrada, em uma cerca suplementar, a permanecer no seio da casa, a só sair dali escoltada, enterrada em um invólucro de vestuário mais opaco. É preciso erguer diante de

seu corpo um muro, o muro, precisamente, da vida privada. Por natureza de seu corpo, ela é obrigada ao pudor, ao retiro; deve preservar-se; Sobretudo, ser colocada sob o governo dos homens, desde o nascimento até a morte, porque seu corpo é perigoso. Em perigo, e fonte de perigo: por ele, perde sua honra, por ele corre o risco de ser desencaminhado, por essa armadilha tanto mais perigosa quanto mais preparada para seduzir. (p.518)

Percebemos que o corpo feminino na sociedade foi associado à semelhança do pecado e da perdição. Estas semelhanças fizeram com que desencadeassem sucessivas perseguições. Estas condicionariam a mulher a um comportamento perante a sociedade pautado na subserviência, resignação e, sobretudo de dependência masculina.

Paralelamente ao período de caça às bruxas, que perdurou no imaginário da sociedade européia, aconteceu também, uma outra situação, a qual vem para reforçar ainda mais os comportamentos corretos das mulheres no contexto social. Estas passaram a ser retratadas nos contos, nas literaturas, como sendo possuidoras de condutas dóceis, amáveis, disciplinadas, sempre presentes num pedestal da pureza e do amor fraterno.

Estes contos e histórias, para Muraro (1992) vieram para revigorar uma condição de subserviência necessária para desenvolver a estruturação da sociedade que estava se consolidando, ou seja, era necessário delimitar o espaço feminino na sociedade, e nada mais envolvente do que representar condutas brilhantes e envolventes em forma de contos e fábulas nas quais as mulheres se encantariam e construiriam em seu imaginário procedimentos semelhantes, os quais justificavam a soberania em que reinavam somente nos ambientes privados do lar.

Del Priore (1995) nos fala ainda sobre a necessidade de aprisionar o corpo da mulher no período da Idade Média, a autora nos conta que na sociedade ocidental eminentemente cristã, exalta-se o poder onipresente masculino e designa-se à mulher uma situação limitada, buscando normatizar seus corpos e alma, a fim de esvaziar qualquer saber ou poder ameaçador domesticando-a, portanto, dentro do contexto familiar.

Dessa forma, os poderes dominadores provindos do Estado e da Igreja impuseram às mulheres uma situação de domesticação, lapidada a partir dos

discursos dos médicos, os quais reforçavam a idéia de a mulher significar uma ameaça à sociedade.

No entanto, com a evolução dos tempos as transformações sociais vieram modificando a história da sociedade ocidental. Por volta do século XVI até o século XVIII a sociedade começa a viver uma profunda modificação em seus aspectos políticos – econômicos – culturais e sociais. Estas modificações possibilitaram outras formas de conceber o mundo, de ser, estar e se relacionar neste. Na análise dessas profundas alterações podemos questionar: o que de fato muda na condição social a que as mulheres vinham se submetendo? Será que com as novas formas de pensar e ser neste novo mundo que surgia, a mulher conquista mais autonomia, de modo a garantir sua emancipação social?

Analisar como fica a situação social das mulheres nos meandros dos avanços sociais que a humanidade estava passando entre os séculos XVI ao XVIII, precisamos conhecer quais foram ao certo, os principais fatos e alterações sociais que se fizeram presentes neste momento da história.

Assim, encontramos em Muraro (1992) que a transição do século XVI ao século XVIII marca o salto da evolução humana, o ser humano passa a produzir grandes criações como: a invenção da imprensa, o desvendar do sistema solar dentre outras. Como também a partir das grandes navegações puderam ampliar suas fronteiras para maiores negociações comerciais.

As transformações vividas também se fizeram presentes no seio organizacional da Igreja. Esta viu pouco a pouco a perda do poder centralizador que exercia sobre a sociedade. O poder, agora era encaminhado também àquele que detinha o conhecimento. Instala-se assim, uma busca pelo saber, a qual impulsionou a sociedade para uma postura intelectual na forma de conceber o mundo e a vida. O pensamento mágico e religioso é substituído pela racionalidade científica. Inaugura, portanto, uma nova era, a da racionalidade científica.

Este período ficou conhecido como a idade da razão, fato este que contribui cada vez mais na controvérsia entre Igreja e mundo científico. Moral, religião e política deviam ser compreendidas e conduzidas pela razão intemporal do homem.

Aludia-se neste período a um maior esclarecimento das massas, as pessoas

deveriam ter a oportunidade de adquirir o conhecimento para serem libertas da opressão e ir à busca de seus direitos.

Com o uso da razão, estava colocada a possibilidade de se criticar todas as influências que ocultavam do homem a sua própria realidade, deixando-o num espaço de minoridade e ignorância tal, que poderia ser caracterizado como estar vivendo na Idade das trevas. (PERES, 1994)

Assim diz Peres (1994):

A partir do momento em que Iluminismo se liberta de forças externas, combatendo todos os fanatismos (deuses, mitos, etc.) que julgavam provenientes da manipulação do clero e do estado tirânico, coloca em seu lugar o chamado processo de “desencantamento” do “mundo”, dissolvendo-se os mecanismos controladores do comportamento humano e do seu próprio saber. (p.2)

Dentro desse movimento, vimos a transformação na forma organizacional da sociedade que até então se caracterizava em feudos, passando agora a organizar-se a partir de um regime capitalista, em seu estado incipiente, o qual viria a se estruturar posteriormente.

Muraro (1992) afirma que a grande contribuição que vem garantir o salto qualitativo e quantitativo das mudanças neste período foi a invenção da máquina de vapor. Ela vai permitir pela primeira vez na história humana domar a energia mecânica, conferindo portanto a fabricação em série de roupas, calçados e outros objetos.

O fato de substituir a energia muscular pela energia mecânica marca radicalmente o modo das relações do ser humano com seu trabalho, com o meio ambiente, consigo mesmo e com os outros. Em se tratando das relações, especificamente com as mulheres, houve algumas modificações; no entanto, estas não foram suficientes para lhes conferir autonomia e liberdade para conquistar sua emancipação.

Cria-se um novo protótipo feminino, que na verdade percebemos que este nada mais é do que o reforço dos desígnios postulados outrora à mulher. Vale ressaltar que em razão da estruturação da sociedade em classes sociais,

encontramos na história da humanidade ocidental dois tipos de condutas femininas. Uma, voltada especificamente às mulheres das camadas sociais mais abastadas e outra, voltada às camadas menos favorecidas as quais representam a mulher trabalhadora. (MURARO, 1992)

A mulher, de um modo geral (tanto as das classes trabalhadoras com as da elite) na era industrial deveria cultuar acima de tudo o lar e ter um casamento. Casar a partir de então, aconteceria por méritos da identificação pessoal criados pelos laços afetivos e amorosos. E não mais na união conjugal como forma de negociação de dotes entre as famílias.

Mediante esse modelo de conduta feminina, a mulher é levada a aprender a ser dócil, amável, delicada e preparada para conquistar um bom rapaz e com ele constituir uma família e tornar-se o mais perfeito alicerce do lar, e a ele se dedicar inteiramente.

A mulher, agora no período industrial deixa de parecer uma ameaça perigosa e sai da condição de marginalizada, aparecendo como peça fundamental para a estruturação da sociedade capitalista, esta passa a ser representada na figura materna, as quais deveria ser o esteio de toda a formação do novo cidadão, atuando diretamente na educação e domesticação destes.

Soares (1998) nos traz a idéia do que seria a necessidade de domesticar e adestrar o corpo na sociedade industrial capitalista, a qual se consolidava na Europa do século XIX e também a idéia de como se deu a ascendência da mulher neste processo.

Nas palavras da autora, um corpo adestrado estaria preparado para enfrentar os desafios da moderna sociedade industrial. O erro poderia ser previsto e afastado. O indivíduo seria dono de um corpo adestrado o qual saberia dominar suas próprias forças e as distribuiria adequadamente controlando seus impulsos e canalizando sua energia para o trabalho, enfim, seria disciplinador de si mesmo. (SOARES, 1998)

À mulher caberia, portanto, a função de cuidar do seu corpo a partir de hábitos de higiene e preservação da saúde, devendo se envolver em práticas corporais – como a ginástica – a qual foi idealizada e apresentada de modo

científico como algo útil para a criação de bons hábitos corporais necessários para o futuro da educação de toda uma geração. (SOARES, 1998)

A figura materna na sociedade capitalista solidifica-se em razão da pouca existência de empregos no mercado de trabalho, o qual abrigaria primeiramente o homem. Sobre esse assunto, Muraro (1992, p.123) diz: "... Como o mercado era incipiente e mal davam para os homens, as mulheres são incentivadas a ficar em casa e a se dedicar inteiramente à família e aos filhos. Surge então a figura da dona – de- casa e da mãe sofredora".

Apesar de todos os avanços provenientes da era industrial capitalista, a condição social de um modo geral, que foi designada à mulher encontra-se mais uma vez na história do povo ocidental voltado para a esfera privada, estas são excluídas dos espaços públicos e a elas voltaram-se toda uma educação com regras e condutas próprias para o universo feminino, o qual condiciona para o mais perfeito exercício materno e familiar.

Reforça - se assim a construção de uma concepção de feminilidade em que os atributos são: pureza, piedade religiosa e submissão. Recai sobre a mulher a visão de ser despreparada e frágil para viver em ambientes públicos, sobretudo no mercado de trabalho, amputando-lhe qualquer indício de potencial intelectual humano. (MURARO, 1992)

Porém não podemos deixar de destacar que todos os atributos que foram postulados à figura feminina nos períodos dos séculos XVIII a XIX recaíram diferentemente às mulheres neste período. E a diferença se encontra como já foi ressaltado, em virtude da presença de uma sociedade pautada em segmentos sociais. Assim, temos toda uma outra caracterização feminina para as condutas da mulher pobre e trabalhadora.

Ao longo da história da sociedade ocidental, a mulher, tanto a rica quanto a pobre, sempre veio assumindo uma situação de desvantagem comparada à situação do homem. A mulher assume uma característica de invisibilidade social apesar de contraditoriamente ser considerada o esteio de toda a sociedade.

A contradição e a invisibilidade social acentuam-se ainda mais quando nos referimos à mulher pobre e trabalhadora, Muraro (1992) nos fala que: "... As

mulheres pobres sempre tiveram e têm até hoje uma dupla jornada, em casa e no trabalho. Sempre trabalharam no setor produtivo (privado) e produtivo (público), mas seu trabalho nunca foi considerado produtivo, só o do homem.” (p.127).

Dessa maneira a mulher pobre e trabalhadora encontrava-se maciçamente nas fábricas, estas só foram contratadas em razão dos baixos custos que representavam, pois aceitavam mediante necessidades receber salários inferiores aos dos homens. Auad (2003) nos fala que muitas indústrias preferiam empregar mais mulheres que homens, por que era vantajoso em termos econômicos para indústria, o que provocou uma revolta dos homens contra as mulheres.

Essa situação de revolta entre os homens trabalhadores quanto à presença da mulher nas fábricas gerou grandes manifestos encabeçados pelos sindicatos os quais questionavam, sobretudo a ascensão que a mulher vinha tendo no mercado de trabalho. (AUAD, 2003)

O clima de insatisfação e manifestação trabalhista propaga-se por toda Europa no final do século XVIII e início do século XIX. Dentre estas, a Revolução Francesa foi um fato de grande notoriedade na história da humanidade. Este período da revolução ficou marcado pelas constantes manifestações em que o povo contestava os paradigmas e os valores impostos aos proletariados, que lutavam por igualdade, fraternidade e liberdade.

No âmbito da Revolução Francesa o corpo da mulher, também se fazia presente, elas contestavam a exploração que viviam: as duplas jornadas de trabalho, salários menores, precariedade nos locais de trabalhos e nas condições destes.

A revolução deu às mulheres a idéia que não eram crianças. Reconheceu-lhes uma personalidade civil que o Antigo regime lhes negava, e elas tornaram-se seres humanos completos, capazes de fruírem e de exercerem os seus direitos. (SLEDZIEWSKI, 1991 p.44)

O contexto da Revolução Francesa representa para as mulheres o início de sua emancipação apesar dos muitos percalços entre discriminação e preconceitos contra a mulher ainda existirem neste período. O movimento foi considerado o

primeiro passo de muitas conquistas e avanços no sentido da sua independência e autonomia perante a sociedade. Fica-nos evidente que todas as conquistas e autonomia que a mulher alcançaria na sociedade só aconteceram de fato por causa da participação das mulheres pobres e trabalhadoras.

Assim, junto ao movimento da Revolução Francesa crescem as constantes manifestações das mulheres que começaram a contestar sobre suas condições de vida, direitos e deveres perante a sociedade francesa. A título dessas manifestações Auad (2003) apresenta que:

As ativistas revolucionárias da França protestavam contra as leis que visavam submeter o sexo feminino ao domínio masculino e reivindicavam a mudança da legislação sobre o casamento que dava ao marido direito absoluto sobre o seu corpo e os bens da mulher. (p.43)

Frei Betto (2001) completa essa idéia do crescimento das manifestações femininas no contexto da Revolução Francesa afirmando que o movimento pode ser considerado como o berço do feminismo.

O surgimento do movimento feminista no seio da Revolução Francesa também é analisado por Goldenberg e Toscano (1992), os quais o definem:

Enquanto ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela estava sujeita, só vai surgir no quadro de mudanças mais profundas que marcaram a história da Europa Ocidental a partir do século XVIII. A corrida industrial, a expressão mais evidente da expansão do capitalismo, e a revolução francesa, seu paradigma político, foram o caldo de cultura de onde brotou o feminismo, tal como hoje o entendemos. (p.17)

Podemos dizer que o movimento feminista tem como base as reflexões postuladas por Beauvoir (1986) sendo que a autora, já elucidava que a mulher não nasce mulher mas sim torna-se mulher. A partir desse olhar da construção social da mulher e conseqüentemente aos seus atributos sociais adquiridos ao longo da

história da humanidade ocidental, o movimento feminista começa a questionar, em que medidas essas construções vinham possibilitando uma formação social da mulher de modo a vê-las como seres sociais passíveis de direitos como qualquer outro ser social.

Desse modo, Sarti (2004) nos mostra que os pensamentos que balizavam o movimento feminista versava sobre essa desnaturalização do ser mulher que vinha sendo imposta pela sociedade. E a partir dessas reflexões, o movimento trava a discussão de modo tenso entre a identidade sexual compartilhada na anatomia feminina e as circunstâncias às quais as mulheres eram submetidas socialmente.

O movimento feminista questionava sobre em quais medidas acontecia a desnaturalização da mulher e como estas eram delineadas pelas diversidades dos mundos sociais, culturais. Diversidade essa que, depois veio a se tornar o ingrediente principal da diferenciação sexual circunscrita e denominada como identidade de gênero.

Ainda sobre a essência do movimento feminista, Baptista (1995) nos chama a atenção para entendê-lo com cuidado e criticidade, pois o mesmo apresenta características bastantes paradoxais, uma vez que se exigiam direitos, no entanto mantinha as mesmas estruturas sociais, desenvolvia-se de modo radical e revelava-se muitas vezes masculinizado e arcaico. O movimento conforme nos alerta a autora, foi aos poucos dando conta de que as questões levantadas pelas mulheres, encontravam-se muito mais na inteireza do ser humano do que na divisão e oposição. O movimento feminista deveria portanto, ir ao encontro das pessoas, das experiências e das relações mais plenas.

No âmbito das reivindicações do movimento feminista, Muraro (1992) argumenta que as mulheres talvez nem dessem conta da profundidade de suas reivindicações, mas mesmo assim, as mulheres organizaram-se de modo a contestar por seus direitos e a reivindicação maior era o do direito ao voto.

Dentre os argumentos para conquistar o direito de votar, às mulheres Muraro (1992) nos conta que estes vinham na direção de uma vida recatada e privada do lar. Sendo assim, as mulheres eram possuidoras de uma conduta

honestas e tudo o que estas faziam eram voltadas para o bem dos outros, tudo que se encontrava no ambiente externo, ou seja, no mundo público, representava intrinsecamente a imoralidade.

Dessa forma, as colocações para que pudessem ocupar os espaços públicos da sociedade, eram de que a sua presença representaria no ajustamento do que era imoral e ocupado na presença masculina. Assim, nada mais justo do que elas passarem a ter o direito de exercerem sua cidadania através do voto, do acesso a mais educação e mais direitos legais.

O direito ao voto tornou-se uma das reivindicações prioritárias do movimento feminista, acreditavam que ao adquirirem esse direito, alcançariam a sua cidadania e a partir daí, exercendo-a, as outras questões levantadas dentro do movimento também poderiam ser resolvidas. E, por almejarem o direito de votar as mulheres envolvidas no movimento feminista ficaram conhecidas como sufragistas. (MURARO,1992)

As sufragistas integraram causas sociais coletivas como a abolição da escravidão e as lutas do movimento operário, ressaltando acima de tudo, a busca por melhores condições sociais e trabalhistas para as mulheres. Dentre as lutas por estas levantadas, temos a que historicamente marca o dia 08 de Março de 1908, data que ficou conhecida como sendo o Dia Internacional da Mulher.

O dia 08 de Março de 1908 é visto na atualidade como uma data comemorativa em que se festejam com flores e bombons as mulheres pelo seu papel conquistado e representado na sociedade. No entanto, percebemos que pouco se lembra do que realmente foi essa data. Sobre essa questão, Blay (2001) nos alerta para que essa data seja sempre lembrada como um momento histórico marcado por fortes movimentos de reivindicações políticas, trabalhistas, greves, passeatas e muita perseguição policial. E também que nos lembremos desta, como um momento que simboliza a busca da igualdade social entre homens e mulheres, em que as diferenças sejam respeitadas, mas não sirvam de pretexto para subordinar e inferiorizar a mulher.

O dia 08 de Março ficou instituído como sendo o dia Internacional da Mulher

a partir de um fatídico acontecimento em meio às reivindicações operárias em Nova York. A partir de então as grandes militantes: Clara Zetkin, Alexandra Kollontai, Clara Lemlich, Emma Goldman, Simone Weil sugeriram esta data em forma de reconhecimento da força da mulher operária em meio à luta por seus direitos. (BLAY, 2001)

A data de 08 de Março fica então consagrada como sendo o Dia Internacional da Mulher, em homenagem às 150 mulheres que foram trancadas por seus patrões em uma fábrica e foram queimadas vivas, por estarem reivindicando melhores salários e menor jornada de trabalho (MURARO, 1992).

No entanto é salutar ressaltar que o Dia Internacional da Mulher já vinha sendo idealizado pelas militantes muitos anos antes do fatídico incêndio em Nova York, e que o dia 08 de Março é empregado erroneamente no Brasil. Sobre esse assunto Blay (2001) nos revela que:

No Brasil vê-se a cada ano a associação entre o Dia Internacional da Mulher e o incêndio de Triangle, quando na verdade Clara Zetkin o tenha proposto em 1910, um ano antes do incêndio. É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da Triangle tenha se incorporado no imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e européias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin. (p.5)

O movimento feminista apresenta-se como um movimento político que evidencia claramente a emancipação das mulheres nos espaços sociais, culturais, políticos. Contribui para realçar, a presença desta na sociedade.

Particularmente no Brasil, estas conquistas iniciaram a partir das manifestações de descontentamento feminino por volta de 1850. Baptista (1995) nos conta que este descontentamento da mulher quanto ao seu *status quo* encontrou forças com o surgimento de uma imprensa feminina, como também no envolvimento das brasileiras nas lutas abolicionista. Segundo a autora estes fatos deram às brasileiras o sentido de emancipação, em que a expressão em primeira pessoa se fará de fundamental importância.

A presença contestadora da mulher na sociedade no período de 1850, não se caracteriza ainda no Brasil como sendo ações do movimento feminista, que já vinha acontecendo na sociedade européia, mas sim como um momento de maior aproximação das mulheres com os homens no sentido de convencê-los de as deixarem ter mais instruções para serem melhores mães e esposas e por conseqüências poderem servi-los melhor. (BAPTISTA,1995)

Neste panorama de conquistas e reivindicações das mulheres brasileiras temos no período de 1852, a primeira edição de um jornal feminino, o Jornal das Senhoras. E dez anos mais tarde o aparecimento no Rio de Janeiro do Jornal O Bello Sexo, o qual trazia as mesmas preocupações sociais das mulheres européias e norte-americanas, contando com a participação tanto de mulheres com nível intelectual secundário como de mulheres com mais conhecimento elaborado. (BAPTISTA,1995)

O surgimento da imprensa feminina brasileira abre espaço também para que as mulheres refletissem sobre sua participação na política. Propicia assim, a organização do movimento sufragista brasileiro semelhante ao das mulheres européias.

No entanto, Baptista (1995) nos fala que a conquista de direito ao voto das brasileiras atravessou na história um período de quase um século para que de fato pudessem adquiri-lo. Durante este período, as mulheres conviveram com uma situação de permissão social e viviam tentando constantemente provar que a sua cidadania não afetaria em nada nos seus papéis de mãe e esposa.

A partir do movimento sufragista, o feminismo cresce em sua expressão por toda sociedade brasileira e em sua decorrência as mulheres acabam por conquistar em 1932 o direito ao voto, o qual vem legalmente expresso no Código Eleitoral.

Sarti (2004) nos alerta que apesar da essência do feminismo brasileiro encontrar-se equivalente ao das norte-americanas e européias, este apresenta características peculiares ao contexto brasileiro em que se vivia. Vivíamos neste período, momentos significativamente marcados pela contestação à ordem política instituída no país desde o golpe militar de 1964. A autora ainda nos lembra que

uma grande parte das militantes do movimento encontravam-se aliadas clandestinamente a organizações de influências marxistas, fortemente comprometidas contra a ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias.

O movimento feminista brasileiro também conhecido como movimento das mulheres, expandiu-se através de uma articulação peculiar com as camadas populares e suas organizações de bairro, constituindo-se assim, como um movimento interclasses. O feminismo brasileiro em sua essência contou também com alianças entre os grupos de esquerda e com a Igreja Católica, todos impulsionados contra o movimento autoritário do regime militar. (SARTI, 2004)

Dessa forma, o movimento feminista brasileiro foi fortemente marcado pelos acontecimentos sociais da época, trazendo em seu legado uma diferenciação entre as gerações de mulheres e modificando formas de pensar e viver, causando impactos nas instituições sociais e políticas, como nos costumes e hábitos cotidianos. Temos, portanto, uma ampliação definitiva da atuação pública da mulher, a qual ocasionou repercussões por toda a sociedade brasileira. (SARTI, 2004)

O feminismo brasileiro assume uma característica bastante radical a partir da inserção das mulheres militantes em lutas armadas. Essa postura das militantes segundo Sarti (2004) representou uma profunda transgressão do comportamento feminino da época. A autora nos conta que o movimento feminista brasileiro por não possuir uma proposta política deliberada, fez com que as militantes passassem a negar sua condição feminina e assumissem comportamentos masculinos, em que virgindade, casamento eram constantemente questionados perante toda a sociedade.

Garcia apud Sarti (2004) analisa essa postura radical das mulheres do movimento feminista brasileiro de se envolverem em lutas armadas e assumirem comportamentos masculinos como sendo algo positivo para sua emancipação, segundo ele, esse acontecimento transformou-se em instrumento sui generis de emancipação, pois a igualdade com os homens foi reconhecida ainda que retoricamente.

O momento de transgressão dos comportamentos femininos vividos nas décadas de 60 e 70 no Brasil marca a abertura da discussão acerca da mulher. Baptista (1995) aponta que no âmbito das reflexões sobre a mulher e suas relações com sexo oposto, o que se pretendia era que o movimento entendesse e construísse uma postura de atitudes, olhando para as diferenças apenas como diferenças e que estas não fossem postas a serviço da discriminação e da exploração de um sexo pelo outro. As diferenças de gênero deveriam ser entendidas como algo a ser vivido por homens e mulheres, sem hierarquias.

Estas discussões levantadas no interior do movimento feminista abrem caminhos para que nos próximos anos sejam aprofundadas as reflexões acerca de gênero. Neste sentido trazemos Scott (1991) para explicar acerca desse debate tão fundamental para as conquistas femininas posteriores, temos, que “ gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”(p.14)

Dessa maneira, os anos 70 se configuram no cenário brasileiro como um importante momento para as conquistas feministas, particularmente em 1975 em que foi declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como sendo o Ano Internacional da Mulher, a partir dessa data e na medida em que o processo de abertura política no país foi se instaurando, a mulher ganha mais espaço e começa a se expandir no contexto social.

Sarti (2004) nos conta que a visibilidade feminina nos espaços sociais ocorreu em virtude da

(...) A expansão do mercado de trabalho e do sistema educacional que estava em curso em um país que se modernizava gerou, ainda que de forma excludente, novas oportunidades para as mulheres. Esse processo de modernização, acompanhando a efervescência cultural de 1968, com novos comportamentos afetivos e sexuais relacionados aos métodos anticoncepcionais e com o recurso às terapias psicológicas e à psicanálise, influenciou definitivamente o mundo privado. (p.39)

Percebemos que a partir das mobilizações oriundas do movimento feminista no período da década de 70 e com a crescente visibilidade feminina na sociedade,

cria-se um entrave entre os hábitos e costumes tradicionais presentes no sistema patriarcal, o qual reagiu, manifestando-se contra por toda a sociedade, dividindo a opinião pública.

As opiniões diferenciadas pela sociedade, inicialmente soaram como um tom pejorativo. Para os defensores de uma política da direita, o feminismo era um movimento imoral, portanto perigoso. Para os defensores da esquerda este, representava um movimento anti-burguês. E para muitos homens e mulheres o movimento aparecia com uma conotação anti-feminina. (SARTI,2004)

Nos anos 80, o movimento feminista no Brasil ficou reconhecido como uma força política e social consolidada. A partir desse período, foi possível visualizar a participação da mulher em associações profissionais, sindicatos e partidos políticos, legitimando assim, a mulher como um sujeito social particular.

Esta abertura reflete intimamente nas discussões acerca de gênero, que ganham força, sobretudo no período da década de 80. A mulher, agora passa a ser vista e compreendida a partir das relações que estabelece com o outro. Neste caso, Scott (1991) nos orienta que falar da mulher, implica em falar também no homem. Agora o mundo da mulher faz parte do mundo do homem, a qual é criada dentro e por esse mundo.

Os estudos de gênero, segundo Auad (2006) mantiveram uma larga e inegável ligação com o movimento feminista, contribuiu de forma dialógica um com o outro. O movimento social fez com que estruturassem, ampliassem e reformulassem conceitos, opiniões e pensamento acerca das relações de poder perante a sociedade e inclusive sobre a mulher. Isso tudo por meio de pesquisas, publicações de artigos e livros, aproximando a discussão acadêmica à opinião pública, resultando em ares de reflexões, mudanças e transformações.

Dessa forma, as reflexões provenientes dos estudos sobre gênero nos remetem a entender que

As relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características “naturalmente” femininas ou

masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre feminino e o masculino foram se engendrando socialmente. (AUAD, 2006,P.19)

Os estudos sobre gênero não consistem em apenas olhar para as questões da mulher de maneira estrita e estreita, mas sim sob um caráter relacional de poder que permeia as relações na sociedade. Assim, temos que considerar não só as relações entre a mulher e o homem, mas também entre os mais diversos grupos, como os indígenas, os negros, idosos, crianças e os empobrecidos. (SAMPAIO, 2002)

Vale ressaltar que os estudos de gênero são oriundos também dos estudos das relações sociais de poder nas diferentes esferas: acadêmicas, culturais, familiares, afetivas e científicas vividas por homens e mulheres nos espaços e tempos. Os quais buscam apresentar a subordinação e opressão gerada pelas condições étnicas e de classes por estes vividos. (ZUZZI, 2005)

No período dos anos 80 e a partir da crescente modernização brasileira, a participação da mulher perante a sociedade encontra um reforço a mais no surgimento de organizações não governamentais, estas mobilizaram e influenciaram os poderes públicos para que de fato legitimassem a presença e os espaços femininos tanto no mercado de trabalho quanto aos seus direitos constitucionais.

Enquanto direito e conquistas femininas na década de 80, podemos apresentar os direitos reprodutivos da mulher e a atenção especializada à sua saúde, no aprimoramento das tecnologias reprodutivas presentes na ginecologia e obstetrícia.

Também na década de 80 no Brasil, aparece uma grande mobilização no meio acadêmico o que fez crescer pesquisas e estudos, trazendo como foco a mulher e gênero. No plano governamental, criam-se os conselhos federais, estaduais e municipais de proteção aos direitos femininos como também a criação de delegacias especializadas à assistência feminina.

Todas essas conquistas ressaltadas anteriormente, fizeram dos anos 80 um ano importante para a emancipação da mulher brasileira, Sarti (2004) nos confirma essa importância mostrando que: “No fim da década de 80, como saldo positivo de todo esse processo social, cultural e político deu-se uma significativa alteração da condição da mulher na Constituição Federal de 1988, que extinguiu a tutela masculina na sociedade conjugal.”(p.42)

A constituição traz explicitamente os direitos e responsabilidades decorrentes da sociedade conjugal apresentando as igualdades para ambos os cônjuges. Apresenta uma alteração que marca significativamente a abertura dos espaços da mulher no mercado de trabalho, retirando as amarras que as prendiam e delimitavam apenas ao mundo privado do lar, dessa forma, estas possuem agora, o direito de poderem trabalhar.

A constituição de 1988 é considerada um marco jurídico da concepção de igualdade entre homens e mulheres, aparece como reflexo das transformações ocorridas na metade do século XX. Ela trata da superação de um paradigma jurídico que legitimava declaradamente a organização patriarcal e a conseqüente preferência do homem ante a mulher, especialmente no locus familiar. A partir da sua promulgação, desaparece a figura da chefia, da sociedade conjugal e com elas as preferências e privilégios que sustentavam juridicamente a dominação masculina. (LOPES, 2006).

No trilhar da história da humanidade pudemos perceber o quanto as conquistas oriundas do movimento feminista e os acontecimentos ocorridos especialmente na década de 80 contribuíram para que os papéis sociais fossem amplamente divididos e assim, a mulher passasse ter a sua via de acesso na sociedade e definitivamente, assumir significativamente seu espaço na sociedade como um todo, alcançando sua emancipação e uma possível autonomia.

No entanto, a partir das transformações por que as sociedades passaram, aquela figura feminina repleta de valores e atributos impostos pelo modelo patriarcal, em que o valor maior da mulher encontrava-se atrelado à maternidade, tendo na procriação o fim último dos relacionamentos é deixada para um segundo

plano nos projetos de vida das mulheres modernas, sobretudo daquelas que conseguiram alcançar maior independência financeira e qualificação educacional.

As condutas femininas impostas pelo patriarcado, marcadas pela resignação e negação do desejo e do prazer, cedem lugar às novas práticas sociais nas quais as mulheres puderam exercer novas concepções de feminilidade e assim viver os desejos e os prazeres livremente.

O ideário patriarcal que as rotulavam em: mulheres para fazer sexo e ter prazer; e mulheres para casar e ser mãe, esposa são contestados. E a partir, das conquistas provenientes do movimento feminista, a feminilidade e sua forma de vivê-la e expressá-la acabam sendo repensadas e superadas os modelos hora impostos, garantindo assim, também mais autonomia para a mulher assumir o que de fato sentem e desejam.

Apesar de todas essas conquistas, a que mais possibilitou a emancipação feminina foi a da sua entrada no mercado econômico. Esta representa o marco de todo esse processo emancipatório, marca também um momento de profundas reflexões na estrutura social como também nas estruturas psicológicas.

Sobre as projeções sociais que as mulheres alcançaram em decorrência da sua entrada no mercado de trabalho e as profundas alterações sociais e psicológicas, Baptista (1995) nos apresenta um olhar atento a este movimento nos dizendo que a entrada da mulher como participante da força de trabalho, apesar de ser um primeiro passo, não é suficiente para alterações mais profundas que garanta sua autonomia. Urge ainda que a mulher construa uma nova atitude, não só no que se refere aos papéis sociais, mas também enquanto forma de se relacionar de um modo global com o mundo.

Ainda sobre a emancipação da mulher e sua entrada no mercado de trabalho, Rabello (1969) apresenta que a inserção feminina no contexto social, ampliou o espaço de vida, permitindo não só uma movimentação livre mas também uma mudança de ordem sócio- psicológica significativa, as quais garantem em parte sua independência, auto – determinação e percepção como ser autônomo. Mas paradoxalmente estas conquistas, constituíam-se em um fator negativo na sua

autonomia, pois, o trabalho fora do lar somado com os afazeres domésticos, constituiu, portanto, uma sobrecarga na vida da mulher, o que no entendimento do autor, não confere um sinal de autonomia, mas sim uma subordinação e dependência muito maior que outrora.

Esta relação conturbada, vivida pela mulher moderna – mãe – esposa - trabalhadora, que se encontra entre a possibilidade de ter autonomia e liberdade de poder trabalhar; e a contraposição, a dependência masculina nos afazeres domésticos é também ressaltada por Baptista (1995) que nos traz uma outra ótica para a situação dicotômica entre o trabalho fora e dentro de casa. Dessa forma, a autora nos fala que:

Ser do lar passa a ter um cunho negativo; é vergonhoso. A mulher agora sai dos limites da casa para “trabalhar fora”. Há uma divisão, **fora** e **dentro** de casa, mas geralmente o que é considerado trabalho é o que se passa **fora** do espaço físico da casa e o que é remunerado. O que se passa **dentro** parece ser visto como tão aderido à mulher, como uma segunda pele, que constitui uma identidade. A remuneração é um fator extremamente importante, um diferencial que se insere a mulher no espaço público. (BAPTISTA, 1995 p. 31)

As idéias apresentadas acima levam-nos a entender que nem sempre a entrada da mulher no mercado de trabalho representa o sentido de ter autonomia. A mulher trabalhadora – mãe e esposa vive a divisão de si mesma. O trabalho (preparo da comida, limpeza da casa e das roupas, organização e gerência do lar, formação e criação dos filhos) da forma como ele é encarado, como obrigação inerente a função social da mulher, inculcada ao longo de toda história da sociedade ocidental acaba por representar um entrave nas conquistas sociais.

Conciliar as tarefas domésticas com as da vida profissional passa a ser vista como uma batalha, o que para Baptista (1995, p.31) significa ser: “... É um trabalho árduo, uma batalha, onde a mulher luta por um espaço em que ela sai em desvantagem e tem que se superar a cada momento.”

Acreditamos que ao focarmos o nosso olhar para as conquistas e lutas vividas pelas mulheres em busca de um reconhecimento social e daí a sua

emancipação e autonomia no trilhar da história da humanidade ocidental, conseguimos construir um panorama geral sobre os aspectos da exploração e subordinação aos domínios masculinos.

No entanto, mesmo com esse panorama construído ao longo deste capítulo, ainda nos restam algumas inquietações que se fazem presentes também neste mesmo processo de lutas e conquistas das mulheres. Dessa forma ainda, questionamos: como o processo de emancipação se constituiu no mundo esportivo? Como se deu a inserção da mulher no âmbito esportivo? Será que na história da humanidade ocidental, a entrada da mulher no mundo esportivo representa um meio para que ela possa exercer sua autonomia?

Assim, as indagações acima nos levam a aprofundar no próximo capítulo especificamente como foi o processo de emancipação da mulher no contexto do esporte.

CAPÍTULO II

Mulher no Esporte: Caminhos Percorridos, Da Proibição À Possibilidade De Emancipação

Vimos no capítulo anterior os caminhos trilhados pelas mulheres na história da sociedade ocidental e como estas construíram sua condição social até se aproximarem da possibilidade de se emancipar e ter sua autonomia. Ao passarmos pelas narrativas históricas, conhecemos o quanto a construção social da mulher foi desencadeada em meio a privações, lutas, renúncias e submissões.

Mesmo diante das lutas vividas, as mulheres conquistaram postos significativos no mercado de trabalho. Esta conquista representa um ponto fundamental para a emancipação feminina.

Neste capítulo, apresentaremos de modo específico outro ponto que contribuiu para emancipação da mulher, que foi a entrada da mulher nas práticas sócio- esportiva e esportivas competitivas.

No entanto, sabemos que essa inserção no cenário esportivo, principalmente no competitivo, foi marcada também, por lutas, preconceitos e superação de barreiras pautadas em mitos e tabus que em nada se diferenciaram das suas conquistas na sociedade. Simões et.al (2003) fala que a mulher moderna tenta enxergar, nas barreiras de discriminação social, o sentido último de sua participação. Ela quebra, então, severas restrições impostas pelos antigos paradigmas inerentes a questões de gênero, cor, raça e credo religioso.

Podemos dizer que esta situação sofrida pelas mulheres justifica-se pela maneira organizacional dos esportes de rendimento, os quais se encontram arrolados na forma excludente e conservadora do patriarcado.

Vale lembrar que a sociedade patriarcal veicula valores que exaltam a presença do homem como sendo a mais adequada para conduzir o controle da sociedade e abarca, dessa forma, valores pautados na supremacia masculina sob a feminina.

Esses valores patriarcais se fazem presentes no contexto dos esportes de alto rendimento, os quais reforçam a todo o momento o desenvolvimento das qualidades físicas, da força e resistência, qualidades estas atreladas do ser masculino.

Por muito tempo em nossa história, os atributos presentes no desempenho físico foram utilizados para reforçar as diferenças entre homens e mulheres no cenário dos esportes de alto rendimento. Brandão e Casal (2003) nos falam que os esportes de alto rendimento representam um espaço de domínio masculino, o qual é monopolizado pelos homens e pela força da sua masculinidade.

As diferenças bio-fisiológicas entre homens e mulheres, no âmbito dos esportes de alto rendimento, sempre serviram de pretexto para acirrar as barreiras da participação feminina nos esportes de alto rendimento. Designadas como “sexo frágil”, as mulheres por muito tempo tiveram seus desempenhos atléticos comparados e justificados como inferiores a partir de sua composição bio-fisiológica.

Sobre esse assunto, os autores Oliveira; Polidoro e Simões (2003) nos dizem que

Com base na genética da época, hoje completamente desacreditada, tudo que exigisse força, rapidez e resistência não era apropriado para o sexo feminino. E, assim como os negros eram considerados inferiores aos brancos, sobretudo nos planos intelectual e moral, “o sexo frágil” era visto como incapaz de se aproximar do homem e muito menos superá-lo em atividade esportivas. (p.181)

No contexto das diferenças bio- fisiológicas entre homens e mulheres e estas servindo de barreiras para impedir a ascensão feminina nos esportes de alto rendimento, temos os argumentos advindos das comparações quanto à capacidade de hipertrofia muscular destes.

O corpo masculino possui mais facilidade de desencadear hipertrofia devido ao maior número de hormônios, inclusive a testosterona, este contribuiu para uma melhor performance atlética principalmente no que consiste em capacidades físicas de força, resistência, velocidade e potência.

Simões; Cortez e Conceição (2004) analisam que estas diferenças biofisiológicas, especialmente no que concerne à hipertrofia muscular e ao acúmulo

de gordura, interferindo na performance atlética de homens e mulheres. Afirmam os autores que estas “constatações” foram determinantes para exclusão de muitas mulheres em algumas modalidades esportivas.

A diferença, geneticamente estabelecida em função de fatores hormonais, é responsável por diferenças no desempenho, principalmente nos esportes em que o peso corporal precisa ser transportado em deslocamento verticais e horizontais.

Tais convicções explicariam e justificariam a superioridade dos atletas do sexo masculino e da masculinidade no contexto do esporte de rendimento. (p.135)

As comparações quanto ao desempenho atlético entre homens e mulheres, pautadas na composição biofisiológicas, enfatizaram negativamente a participação das mulheres, sobretudo, pelas suas características de baixa estatura, maior percentual de gordura corporal, menor capacidade pulmonar, menor densidade óssea e menor massa muscular.

Sabemos que estas comparações foram utilizadas por um bom tempo da nossa história, como pretexto para impedir a participação da mulher em várias modalidades esportivas e que estas serviram, também, para permanência do discurso patriarcal.

No entanto, sabemos que na atualidade, com os avanços das pesquisas, sobretudo da área do treinamento esportivo, as diferenças biofisiológicas entre homens e mulheres apesar de existirem, passaram a ser melhor compreendidas e a serem ofertados diferentes programas de treinamento, os quais contribuíram significativamente para a inserção das mulheres nos contextos dos esportes de alto rendimento.

Sobre esse assunto, Simões; Cortez e Conceição (2004) nos falam que muitas mulheres passaram a ser aceitas nos esportes de alto rendimento no período em que começaram a se desenvolver estudos científicos na área do treinamento esportivo.

Porém, apesar destes avanços terem contribuído para uma abertura e inserção da mulher nos âmbitos esportivo, a história revela que neste contexto a mulher ainda enfrentou outros obstáculos até conquistar seus espaços.

Contudo, podemos nos questionar: quais foram as outras barreiras que as mulheres enfrentaram para adentrar nos ambientes esportivos? Como ocorreu o processo de reconhecimento da mulher nos esportes? E como este processo contribuiu de fato para emancipação feminina na sociedade?

Iniciaremos nossa busca por informações de como foi o processo de superação das barreiras e obstáculos encontrados pelas mulheres, para adentrarmos nos espaços do mundo esportivo, sobretudo nos esportes de alto rendimento, a partir dos momentos vividos no período da Antiguidade Clássica, especialmente os acontecimentos na civilização grega.

Esse enfoque específico para a civilização grega tem um sentido especial, pois esta sempre foi considerada o berço das práticas esportivas as quais deram origem aos Jogos Olímpicos. Estes surgem a partir da cultura e tradição de cultuar os deuses do Olimpo com a prática de lutas e jogos como forma de celebração e adoração destes.

Na Grécia, segundo Alonso (2003), os esportes eram considerados um meio de aproximação entre os homens e os deuses, no entanto esta aproximação era permitida apenas aos homens. As mulheres eram proibidas de praticar qualquer atividade esportiva. Os homens vencedores eram vistos como aqueles que estavam mais próximos dos ideais de perfeição física, moral e psicológica. As mulheres, por serem consideradas um apêndice dos homens, não podiam ter uma vida independente.

Giarola (2003) ao analisar autores que retratam as condições discriminatória que as mulheres gregas viveram nos mostra dados que retratam um pouco mais sobre as barreiras que estas viveram ao querer adentrar nas práticas esportivas. Ele nos conta que nas civilizações gregas, o corpo mulher sofria padrões e valores de discriminação e exclusão, pois estas eram proibidas de participar dos espetáculos esportivos, até mesmo como espectadora. Nos conta ainda que as competições eram permitidas somente ao corpo masculino, que muitas vezes participava das provas de corridas, lutas e lançamentos. Para evitar dúvidas, as competições eram vivenciadas a corpo nu, tal o medo da participação feminina.

Às mulheres cabiam então a prática de atividades rítmicas e danças, pois

estas eram mais adequadas aos seus corpos e, por meio destas, era possível preservar as essências dos valores e padrões de feminilidade e sensibilidade postulados como ideais ao corpo feminino pela sociedade.

Continuando na busca sobre informações que nos mostram quais foram as barreiras e os obstáculos enfrentados pelas mulheres ao aderirem às práticas esportivas, encontramos as narrativas históricas dos povos antigos os contos mitológicos dos povos helênicos.

Nestes percebemos uma contradição, as mulheres representadas pelas deusas, apresentavam uma forte expressividade e uma valorização perante a sociedade. Ao contrário das mulheres gregas neste mesmo período histórico. As deusas possuíam direitos e poderes semelhantes aos dos homens. Segundo a tradição mitológica as deusas e deuses representam arquétipos.

Os arquétipos, segundo Alonso (2003) seriam: "... uma energia psíquica ou um campo energético que inspira e dá subsídios a diferentes atividades diárias, orientando nosso comportamento e até idéias".(p.39)

Estes podem assumir no contexto de uma narrativa mitológica ou em uma epopéia, valores, atitudes, comportamentos e percepções de uma coletividade. São fontes primordiais de determinados padrões emocionais presentes em pensamentos, sentimentos, instintos que caracterizam comportamentos femininos e masculinos.

No contexto esportivo, temos a representação dos arquétipo no mito da deusa Ártemis. Alonso (2003) descreve Ártemis como

...uma caçadora solitária, com muito senso prático, atlética e aventureira, que aprecia a cultura física, a solidão, a vida ao ar livre e os animais, dedicando-se à proteção do meio ambiente, aos estilos de vida alternativos e às comunidades de mulheres. Reage aos instintos e enfatiza o corpo em detrimento da cabeça. É voltada para todas as atividades físicas, práticas e ao ar livre, sendo costumeiramente representada como uma mulher jovem, de corpo ágil e atlético, dançando em um bosque florido e cheio de animais. (p.40-41)

Sabemos que estas conquistas e configurações se fizeram presentes apenas no imaginário dos povos antigos e nos contos mitológicos, na realidade a presença

feminina no meio esportivo no período da Antigüidade Clássica se encontrava de forma bastante excludente e preconceituosa

Sobre a realidade da condição feminina nos esportes no período da Antigüidade Clássica, Romero (2003) nos traz algumas informações interessantes quanto às diminutas participações das mulheres gregas em jogos e esportes. A autora nos conta que nos regulamentos olímpicos estava vedada a participação da mulher, mas fora dos jogos, estas podiam participar de provas no hipódromo. Neste particular, a premiação não era feita ao condutor do cavalo ou dos carros, mas sim, ao proprietário do animal ou da biga, que na ocasião normalmente era um homem.

A história dos povos da Antigüidade Clássica nos revela ainda outros fatos curiosos que representam os desafios enfrentados pelas mulheres para participar do mundo esportivo. Podemos citar o episódio de uma mulher que transgrediu as regras postuladas quanto à proibição da frequência feminina de mulheres freqüentarem os Jogos Olímpicos. Recorrendo a Romero (2003) quando detalha que esta mulher não resistiu a tentação e foi assistir a uma competição da qual participava seu filho, descoberta, só não lhe foi aplicada a pena de morte porque seu filho venceu a prova.

Outro episódio interessante que representa as transgressões das mulheres para conseguirem adentrar no mundo dos esportes, ainda no período da Antigüidade Clássica, é apresentado por Simões (2003) que nos fala de

uma mulher chamada de Calipáttria que preparou seu filho Psidoros para participar do pugilato. Ele venceu a competição numa luta dramática. Emocionado, o treinador invadiu o cenário da luta para abraçar o grande campeão, porém, ao retirar a longa túnica que cobria o corpo do grego, o grande público descobriu Calipáttria.” (p.12)

Percebemos a partir desses dois fatos mencionados o quanto as mulheres tiveram que transgredir normas para conquistar seus espaços no mundo esportivo grego em seu período clássico. No entanto, esta realidade não se apresenta de forma hegemônica na civilização helênica. Simões (2003) relata que em Esparta as mulheres apresentavam uma condição social mais dinâmica, podendo, portanto, ingressar com maior facilidade no mundo esportivo.

Macedo e Simões (2003) nos apresentam que as mulheres de Esparta foram estimuladas a participar de diversas tarefas com certo grau de independência em razão de seus maridos ficarem muito tempo afastado de casa por causa das jornadas militares. Esse contexto imprimiu uma mentalidade belicosa, que propiciou o encorajamento às mulheres para a vivência de esportes em que se exigisse rigor físico, como forma inclusive de gerar filhos fortes e saudáveis.

Essa mesma realidade se fazia presente também na civilização cretense, em que às mulheres eram designados espaços e momentos para a prática da atividade física com o intuito de fortalecer o seu corpo para que assim pudessem gerar crianças sadias para as cidades – estado.

Simões (2003) analisando os escritos de Vazquez (1987) nos fala que as mulheres cretenses compuseram uma história que vai à contramão de toda a história das mulheres. Estas, possuíam uma situação privilegiada, pois, além de exercerem suas tarefas femininas de cuidado com o lar, também caçavam, conduziam carroças, além de façanhas e proezas físicas em esportes intitulados agressivos.

Observamos que com o passar dos tempos houve uma tendência das mulheres ganharem mais projeção tanto no âmbito social quanto nos esportivos. Estas também são apresentadas por Simões (2003), o qual nos fala que na Idade Média as mulheres já participavam de atividades idênticas às dos homens e de jogos desportivos populares.

Mas foi no período da Modernidade que as mulheres tiveram uma abertura para adentrarem às práticas esportivas, sejam estas competitivas ou sócio-esportivas. Simões (2003) comenta que a inserção feminina nos esportes coincide com as lutas em prol dos direitos da mulher em integrar-se nos espaços sociais, liderados pelo movimento feminista.

Outro fator contribuinte para entrada da mulher nos esportes foi a preocupação em torno dos cuidados com o corpo, seja esta em razão da saúde ou da estética.

A inserção das mulheres nas atividades esportivas é analisada por Mourão (2000), que nos apresenta dados interessantes sobre este momento vivido na

história das mulheres. A autora nos fala que a ideologia higienista foi um fator contribuinte para a democratização das práticas esportivas e para emancipação feminina.

Goellner (2005) também nos mostra que o discurso higienista foi contribuinte para o processo de inserção das mulheres nas práticas esportivas e corporais. A autora nos mostra ações governamentais que instituem esse direito dedicado às mulheres. Ela nos fala que foram desenvolvidas ações para efetivação do projeto nacional de fortalecimento da nação e que estas perpassariam pelas medidas de fortalecimento do corpo feminino por meio da adesão às práticas esportivas.

A educação da mulher passa, portanto, a fazer parte de um projeto nacional que, em busca do embranquecimento da raça, prescreve um conjunto de medidas profiláticas que objetivam definir, determinar e propor e impor um estilo de vida considerado higiênico e saudável. (p.90).

A autora ainda complementa essa idéia, apresentando-nos que às mulheres são indicadas formas de comer, de falar, de vestir, de realizar movimentos, de fazer amor, de apresentar determinados comportamentos e, principalmente, de adotar, enquanto hábito, a prática de exercícios.

O envolvimento feminino com as práticas esportivas ganhou plena expansão, modificando concepções que até pouco tempo mostravam-se cristalizadas e absolutas na sociedade.

Brandão e Casal (2003) analisam essa expansão da participação feminina nos esportes e coloca que

Com o avanço da participação da mulher no esporte, permitiu-se a ruptura de muitos mitos e paradigmas antigos, e é pouco provável que algum entusiasta do esporte, se vivo 100 anos atrás, pudesse prever como essa presença se desenvolvesse. Inclusive o próprio Barão de Coubertien, que fez a seguinte afirmação: Às mulheres cabe somente, no contexto do esporte, coroar os vencedores, com a coroa do triunfo. (p155)

Podemos perceber como as transformações sociais possibilitaram também a entrada das mulheres nos esportes de alto rendimento, quando realizamos uma

passagem sobre a história dos Jogos Olímpicos da era moderna.

Assim, encontramos inicialmente, que as mulheres foram conquistando seus espaços como espectadoras, podendo freqüentar apenas as arquibancadas dos jogos. Este fato ficou marcado na primeira edição dos Jogos olímpicos em 1896 em Atenas organizada pelo Pierre de Fredy (Barão de Coubertin) que buscou revigorar o espírito olímpico da tradição grega. Os Jogos Olímpicos traziam em si um caráter preconceituoso e discriminatório para as mulheres, pois não era permitido que estas competissem. (GIAROLA, 2003)

Somente a partir das Olimpíadas de Paris em 1900 que começamos a ver a participação das mulheres enquanto competidoras, ainda que de forma bastante inexpressiva. Nestes jogos foram inscritas apenas, 11 mulheres para participarem das competições de tênis e golfe; e a participação destas ocasionou muitas polêmicas por causa de suas vestimentas, as quais tinham que ser compatíveis com a feminilidade da mulher, daí acabavam utilizando os mesmos vestidos longos e fechados adotados no uso cotidiano.

Estas determinações à participação das mulheres nas práticas esportivas sobretudo no tênis e no golfe conforme os relatos acima, nos fazem lembrar o que Bourdieu (2007) nos fala sobre a dominação expressa ao corpo feminino. Segundo o autor, há um trabalho de socialização que tende a pôr limites ao corpo da mulher, conferindo-lhe a idéia e a permanência do sagrado, tendo que por conseguinte ser inscritos nas disposições corporais.

Estas passagens representam um pouco das conquistas e da superação das barreiras a que as mulheres se submeteram para ingressarem nos esportes. Sabemos que foram vários os obstáculos que estas tiveram que enfrentar, mas o maior deles, talvez tenha sido a superação das barreiras colocadas pelo principal idealizador dos Jogos Olímpicos da era moderna, o senhor Barão de Coubertin.

Cardoso (2000) nos fala que o Barão de Coubertin foi o maior opositor da participação feminina nas provas olímpicas, ele queria manter a tradição das competições gregas em que não era permitida a participação das mulheres em hipótese alguma.

Seus argumentos contra a participação feminina nos jogos iam em direção a

um discurso biológico, no qual afirmava que o esporte descaracterizaria o corpo feminino. Ou seja, as mulheres acabariam adquirindo características corporais indesejáveis, desinteressantes, moralmente incorretas para uma mulher.

Este pensamento coaduna com o que Bourdieu (2007) apresentou acerca do comportamento feminino ao retratar a realidade da sociedade Cabila. Nesta, as jovens cabilas adotavam os princípios fundamentais da arte de viver feminina. Ter boa conduta inseparavelmente corporal e moral, aprendendo a vestir e usar as diferentes vestimentas que correspondem a seus diferentes estados sucessivos : menina, virgem núbil, esposa, mãe de família, adquirindo insensivelmente, tanto por mimetismo inconsciente quanto por obediência expressa, a maneira correta de amarrar sua cintura ou seus cabelos, de mover ou manter-se imóvel tal ou qual parte do seu corpo ao caminhar, de mostrar o seu rosto e de dirigir o olhar.

As mulheres, ao adentrarem no mundo das práticas esportivas e se “descaracterizarem da sua condição feminina” despertavam cada vez mais a insatisfação do Barão, sobre esse assunto, Cardoso (2000) nos fala que o Barão referia a uma partida de jogos femininos como sendo uma cena imoral, obscena e antiética. A indignação, quanto à crescente participação das mulheres no âmbito das olimpíadas, fez com que o senhor de Coubertin, deixasse o cargo no Comitê Olímpico Internacional (COI) como forma de manifestar sua indignação contra a participação das mulheres. Sobre essa indignação encontramos a passagem a seguir

Quanto à participação de mulheres continuo contra, sua admissão em um número de provas cada vez maior se deu contra a minha vontade. Pessoalmente não aprovo a participação das mulheres. Isso não significa que elas se abstenham de praticar esportes, mas não devem dar espetáculo. Seu papel deveria ser, como nos antigos torneios, o de coroar os vencedores. (p.140)

O discurso de manifestação contra a participação das mulheres exercidas pelo Barão de Coubertin, não foi determinante para que estas abdicassem da prática esportiva e tão pouco de participarem de outros torneios olímpicos. Em 1912, nas olimpíadas de Estocolmo, a participação das mulheres estava definitivamente autorizada pelo Comitê Olímpico Internacional.

Nesta olimpíada houve uma crescente participação das mulheres enquanto competidoras, mas se comparadas com o número de participantes do sexo masculino este número ainda encontrava-se bastante pequeno.

Mas os crescentes vultos de incentivos à participação feminina nos esportes no cenário internacional ganha força com o Movimento Desportivo Feminino, liderado pela francesa Alice Mellita, a qual postulava que o envolvimento da mulher no mundo desportivo permitia a aquisição e desenvolvimento de uma personalidade mais segura e confiante, bem como um espírito desvolto.

A partir de seu incentivo, a francesa conseguiu realizar em 1922 uma Olimpíada em Mônaco, contando com a participação de aproximadamente trezentas mulheres de países diferentes. E este movimento contribuiu de vez para a inserção de provas femininas em modalidades esportivas nos Jogos Olímpicos. (CONTECHA, 2003).

A Era Moderna apontou indicativos de uma grande conquista das mulheres nos espaços esportivos. E essas conquistas foram oriundas de um processo de superação dos obstáculos, concordamos com Simões; Cortez e Conceição (2004) que estes obstáculos só foram superados a partir da capacidade de desempenho exercida pelas mulheres, que segundo os autores, este desempenho fazem parte de um conjunto que vão desde os potenciais biológicos que circunscreve o corpo, até as suas dimensões sociais, culturais e psicológicas que o completam.

A exemplo de mulheres que apresentaram suas potencialidades de desempenho, como analisam os autores citados anteriormente, temos grandes nomes que marcaram a história das mulheres nos esportes de competição as quais não podemos deixar de mencionar neste trabalho.

Apresentamos a partir de Simões; Cortez e Conceição (2004) alguns nomes de mulheres que representam o exemplo de coragem e superação dos preconceitos no mundo esportivo, daí temos: Helene Mayer (medalha de ouro em florete nos Jogos de Amsterdã, em 1928); Maria Lenk (atleta brasileira que quebrou recordes de natação e implantou o nado borboleta nas Olimpíadas de 1936); Fanny Blankers – Koen (atleta que quebrou o tabu de ser mãe e poder competir nas pistas de atletismo, ganhando quatro medalhas nos jogos de 1948).

Wilma Rudolph (norte americana que ganhou ouro nos jogos de Roma em 1960); Kornelia Ender (atleta da Alemanha que ganhou quatro medalhas em Montreal em 1976); Olga Korbut (atleta que ganhou três medalhas de ouro nos jogos de Munique em 1972); Nadia Comaneci (primeira ginasta a conquistar a nota dez na história dos Jogos Olímpicos).

E as brasileiras Hortência e Paula (atletas que levaram o basquete feminino nos índices mais altos dos pódios mundiais); Jaqueline Silva e Sandra Pires (atletas do vôlei de praia) e as mais novas revelações Daiane dos Santos e Daniele Hypólito da ginástica de solo e da trave.

Quanto à inserção especificamente das mulheres brasileiras no mundo das atividades físicas e esportivas temos que estas iniciaram de forma bastante tímida e inexpressiva como nos países europeus e norte americano, basicamente por volta da década de trinta e pelas razões de cuidados com o corpo, aderindo ao discurso higienista em voga, exercitando como prática esportiva a ginástica, natação, tênis e basquetebol.

Mourão (2003) nos fala que na primeira metade do século XX já era possível ver um número significativo de mulheres envolvidas com a prática de atividades físicas e esportivas, não só no contexto das Olimpíadas, mas também em instituições e nos espaços públicos, ainda que o contexto sócio cultural não representasse um dos mais favoráveis.

Vale ressaltar, que neste período o país concretizava em seu projeto despertava-se ansioso por civilizar-se. Nos primeiros anos desse século houve enquanto indicativos do crescimento, o desenvolvimento industrial, as novas tecnologias, a urbanização das cidades, a mão de obra imigrante, o fortalecimento do Estado, as manifestações operárias, os movimentos grevistas, estes dão um novo tom para os valores conservadores e configuram-se como revolucionários, os quais promovem a legitimação do instituído e buscam promover novas possibilidades culturais. (GOELLNER, 2005)

Dessa forma, a autora nos lembra que nos primeiros anos do século XX, o Brasil passou por uma crescente transformação, demarcando ares de modernidade. A urbanização fez agitar os espaços de circulação pública e a energia física passou

ser entendida como potencializadora de um gesto eficiente capaz de produzir mais e com mais eficiência.

(...) Aliada à expectativa do crescimento econômico, a educação do corpo é reconhecida como essencial ao desenvolvimento e fortalecimento da nação, desenhando outro estilo de vida: pública, coletiva e eufórica, cuja as ofertas de diversão abraçam homens e mulheres, redimensionando hábitos e práticas cotidianas, acrescidas de inúmeras outras possibilidades. A rua será identificada como espaço a ser conquistado, e sob o signo de divertimento, colocam-se em ação corpos e subjetividades por meio de práticas que promovem uma excitação física, sensorial e mental.(p. 86-87)

Essa crescente urbanização fez proliferar as práticas esportivas e corporais enquanto instâncias de divertimento. Cresceram nos centros urbanos, centros recreativos, as agremiações, as federações, os campeonatos de regata, as travessias, as demonstrações atléticas, os clubes de ginástica, os certames esportivos, os clubes de lazer, os campos de futebol, os estádios. Como também os números de praticantes e de espectadores.

Sobre essa crescente mudança de hábitos e nela inserida as práticas corporais e os esportes, Goellner (2005, p.87) refere-se ao esporte como “uma manifestação em franca expansão, o esporte recheia com entusiasmo as horas de lazer imprimindo nas cidades a imagem do espetáculo.”

No contexto das Olimpíadas temos somente em 1932 a primeira presença feminina brasileira, Maria Lenk, com apenas 17 anos de idade embarca para Los Angeles, como a única mulher a participar oficialmente de uma olimpíada na modalidade natação na prova dos 100 metros nado livre.

A trajetória dessa ícone brasileira na natação é apresentada por Mourão (2003), que nos mostra que em 1935 Maria Lenk, conquistou três medalhas de ouro no Campeonato Sul Americano de Natação. Em 1936 entrou para história como sendo a primeira mulher a nadar o estilo borboleta, permitido até então para o sexo masculino. Em 1939, consagra-se ao superar dois recordes mundiais no nado peito de 200 e 400 metros.

Maria Lenk também fez sua história e nos deu significativas contribuições ao

integrar em 1960 o Conselho Nacional de Desporto, no qual desde 1945 vinha se manifestando terminantemente contra nas discussões sobre o Decreto –lei nº 3.199 no seu artigo 54 que dizia que à mulher não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza. (MOURÃO, 2003)

Outra brasileira que foi precursora e deu nome à história das mulheres nos esportes de rendimento e que merece destaque foi Aida dos Santos. Em 1964 foi a única mulher a embarcar na delegação brasileira para competir na modalidade Atletismo nas Olimpíadas de Tóquio. Saltou 1,74 metros e ficou com a quarta colocação no salto em altura feminino. Fez história além da sua marca conquistada, mas também por ter ido para competição sem treinador e por ter sido abandonada pelos dirigentes no dia da prova. (GIAROLA, 2003)

Já no final de 1950 e início de 1960 o Brasil viu despontar outra expressão feminina no esporte nacional, Maria Esther Bueno, conquistando o campeonato de Wimbledon, nos anos de 1958, 1960, 1963, 1965 e 1966 na categoria duplas. (GOELLNER,2005)

A inserção das brasileiras Maria Lenk, Aida dos Santos, Maria Esther Bueno e de outras mulheres europeias e norte -americanas no âmbito das Olimpíadas no início do século XX foi determinante para a quebra do tabu que assolava as mulheres como sendo o sexo frágil.

A presença da mulher no mundo dos esportes, segundo Goellner (2005) representa ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade. Ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas de sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser.

Mesmo diante desse quadro antagônico os vários eventos esportivos, ainda que de forma isolados, contribuíram para mudar a imagem das mulheres como seres passivos e ajudaram a desconstruir a idéia do sexo frágil, como também permitir que estas conquistassem seus espaços sociais.

Nos anos 30 em São Paulo foi organizado o primeiro campeonato feminino

de bola ao cesto, com as mesmas regras dos torneios masculinos, com a exceção na duração, adaptando então para quatro tempos de dez minutos cada um. (MOURÃO, 2003)

Em 1935 na cidade de São Paulo foi realizado outro evento esportivo que marca a história das mulheres nos esportes competitivos. Acontecem, os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, neste evento foi possível contar com 150 mulheres competindo em atividades poliesportivas.

Já no Rio de Janeiro também neste mesmo período acontece os Jogos da Primavera, evento esportivo denominado exclusivamente feminino. Organizado por Mario Filho, jornalista apaixonado pelo esporte, que financiava o evento, na iniciativa de ver a beleza feminina nos esportes e dar visibilidade a estas no cenário esportivo, por meio da divulgação no seu próprio jornal. (MOURÃO, 2003)

Os Jogos da Primavera e as Olimpíadas Femininas, segundo Mourão apud Mourão (2003) constituíram uma grande festa social, esportiva e estética que se apresentava como uma forma de conagraçamento, do compartilhamento de habilidades, da competição saudável e do prazer de viver e conviver sem confrontos nem conflitos aparentes.

Goellner (2005) nos conta que estes eventos esportivos possibilitaram a emergência de atletas mais qualificadas para disputar eventos nacionais e internacionais. Conta-nos também que muitas garotas que participaram destas edições de Jogos Femininos acabaram se tornando atletas de equipes nacionais e estaduais.

A inserção das mulheres no mundo esportivo contou com o apoio indiscutível do movimento feminino nos anos 70, período em que foi revogada a proibição da prática do futebol feminino no Brasil. Sobre esse assunto Souza (1997) nos fala

A partir dos anos 70, com ocorrências de alterações significativas nos padrões esportivos internacionais, como o atendimento às demandas do movimento feminista de vários países, e a tentativa de massificação esportiva no Brasil, permitiu-se a participação das mulheres em esportes tradicionalmente masculinos, dentre os quais o futebol, cuja prática só foi autorizada no Brasil pelo CND, em 1979. Assim, passou-se a admitir oficialmente que este e outros esportes não causavam tantos malefícios ao corpo e à moral da mulher, como

se afirmava anteriormente. (p79)

Mesmo diante dessas iniciativas que contribuíram para que as mulheres tivessem os seus espaços no cenário esportivo, é importante ressaltar que as mulheres passaram por situações bastante discriminatórias, como as vividas nas provas de resistência no Atletismo em que algumas competidoras nas Olimpíadas de Amsterdã, chegaram esgotadas e desmaiando.

Cardoso (2000) nos fala que este fato ferveu os debates quanto à presença do corpo feminino em provas extenuantes, trazendo à tona novamente o preconceito quanto à participação das mulheres em modalidades esportivas não compatíveis aos seus corpos. Daí ele cita um debate ocorrido em um jornal de Londres em que médicos emitem suas opiniões de maneira preconceituosa

No caso das mulheres, desabar na pista depois de uma corrida de 800 metros demonstrava de forma cabal que esporte era coisa de homem. Mulheres não são feitas para correr esta distância assassina, bramui o jornal londrino Daily Mail. Depois de entrevistar médicos e especialistas em fisiologia, o jornal garantiu que corridas de resistência, como os 800 metros, provocavam o envelhecimento precoce das mulheres. O limite dizia o jornal e todos os inimigos do esporte feminino, era meia volta na pista, nada além de 200 metros. (p.140)

Este fato nos remete a comentar que situações como estas representam as piores barreiras de preconceitos que as mulheres tiveram que enfrentar para conseguirem se inserir no contexto das práticas esportivas. Levando-as assim, a contestarem junto ao Comitê Olímpico Internacional quanto aos seus direitos de participação nos eventos esportivos.

Em 1994 foi realizada uma conferência internacional sobre a mulher no desporto em Brighton, este momento ficou marcado pela intervenção do Movimento Feminista em prol da saída dos países islâmicos dos Jogos Olímpicos, em virtude de uma situação de apedrejamento de uma atleta argelina, Hassiba Boulmerka, por vestir calção e camiseta de fibra levíssima, deixando a mostra o seu corpo, quando competia na prova de 1.500 metros no atletismo, a qual acabou vencendo e recebendo medalha de ouro.(GIAROLA, 2003)

Dáí em diante, nos anos de 1996 e 1998 foram realizadas também as Conferências Mundiais sobre Mulher e Desporto, em que ficam definidas medidas em conjunto com as Organizações das Nações Unidas (ONU) contra qualquer forma de discriminação contra a mulher.

Contecha (2001) nos mostra que a carta de Brighton de 1994 configura-se como uma declaração de direitos das mulheres nos desportos e tem como propósito balizar ações governamentais e não governamentais para com o incentivo, respeito, promoção, segurança, reconhecimento e ajuda às mulheres nos desporto.

Essas medidas abriram caminhos para uma maior valorização da presença feminina nos esportes e nos Jogos Olímpicos, a exemplo disso tem, a crescente participação destas, nas Olímpicas de Atlanta em 1996 e em Sidney em 2000.

“Nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, a delegação brasileira foi representada por 225 atletas, sendo que 66 eram mulheres (29%) um recorde para categoria”. (GIAROLA, 2003 P.65).

Nesta Olimpíada de 1996, o Brasil fez sua melhor participação, ganhando 15 medalhas, sendo três delas de ouro. As mulheres tiveram o prazer de subir novamente ao pódio e desfrutar dessa conquista. Neste torneio, o grande destaque ficou a cargo do vôlei de praia, apresentando os nomes de Jaqueline Silva e sua dupla Sandra Pires e Adriana Samuel e Mônica Rodrigues, as quais trouxeram respectivamente as medalhas de ouro e prata. (GIAROLA, 2003).

Quanto à participação feminina no futebol, esta teve sua popularização no Brasil na década de 90. Período em que nos Estados Unidos e na Europa esta prática já era bastante divulgada. Em 1991, a Federação Internacional Futebol (FIFA) organiza a primeira Copa do Mundo de Futebol, em que teve apenas oito países participando desse evento. Em 1996, o futebol feminino insere-se no contextos das olimpíadas e a participação da equipe brasileira nas Olimpíadas de Atlanta foi considerada um marco grandioso para a inserção e ascensão da mulher no esporte. (GIAROLA, 2003)

Sobre essa ascensão feminina nos esportes, advinda da participação da equipe femina de futebol nas Olimpíadas de Atlanta, Pacheco e Cunha Júnior citados por Giarola (2003) nos contam que

Sem dúvida, a repercussão da entrada do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta, colaborou para uma maior participação das mulheres no restrito mundo masculino do futebol (...) As rodas de botequim, as conversas de esquina e também a televisão e os jornais, retratarvam com surpresa e esatisfação os resultados alcançados por 'nossas meninas', principalmente aqueles oriundos da equipe feminina de futebol. (p.84)

Nas Olimpíadas de Sidney, em 2000, o Brasil teve um aumento considerável de mulheres participando, cerca de 40% da delegação, este número enfatizou a entrada em massa da mulher no âmbito dos esportes de alto rendimento. Neste torneio, a potencialidade feminina ficou a cargo novamente das meninas do vôlei de praia, Shelda e Adriana Behar e Sandra Pires e Adriana Samuel.

Oliveira; Polidoro e Simões (2003) ao referir-se à participação feminina do Brasil nas Olimpíadas de Sidney citam uma passagem da revista (Veja de 2000) na qual vem estampada a idéia: "Elas venceram – as mulheres superam preconceito, cultivam músculos robustos, corpos bem definidos e ameaçam a supremacia dos homens no esporte." (p.182)

No contexto das Olimpíadas de Atenas de 2004 nomes como de Flávia Delaroli (50 m livre), Rebeca Gusmão (50 m livre), Joanna Maranhão (400 m medley e 4x200 m livre), Mariana Brochado (4x200 m livre), Monique Ferreira (4x200 m livre) e Paula Baracho (4x200 m livre) compuseram o time da equipe brasileira que representou o Brasil neste torneio, mostrando que a força da expressão feminina continua em voga nos esporte de alto rendimento.

Logo após as Olimpíadas de 2004, reavivaram-se os debates e discussões acerca da crescente participação das brasileiras neste último evento olímpico, uma vez que estas se apresentaram em um número de participações equivalente ao dos homens. Denotando que as mulheres já pertencem a esse território que até então era consagrado ao sexo masculino.

A entrada das mulheres no circuito olímpico configura-se como um fenômeno que acabou por manifestar-se intensamente também em outras esferas da sociedade, aumentou a participação da mulher na vida social, política e econômica de muitos países.

O sucesso da crescente participação feminina no cenário esportivo dos Jogos Olímpicos representou o reflexo das pressões sociais iniciado no final do século XIX e início do século XX, o qual acabou por mobilizar a opinião pública. O tempo se encarregou de fazer a triagem feminina para quebra de tabus, crenças e preconceitos de uma sociedade machista e patriarcal.

Neste processo revolucionário, o que pudemos perceber foi uma transposição do controle ideológico exercido pelos homens sobre o esporte na sociedade. As mulheres, segundo Simões; Cortez e Conceição (2004) assumiram posturas que as levaram ao lugar mais alto dos pódios olímpicos e dos pan – americanos. Conquistaram resultados cada vez mais expressivos, e hoje a mulher atleta carrega consigo um significado que rende uma série de questionamentos intrigantes.

Os autores acima ainda falam que o esporte de rendimento é visto como um modelo provedor de ascensão social, de status e de provável fonte de emancipação financeira. Por isso, vêem o esporte espetáculo – basquete, handebol, futebol de campo, vôlei como um microssomo da sociedade, pois refletem valores sociais, culturais bem como normas, condutas e ideologias. (SIMÕES; CORTEZ e CONCEIÇÃO, 2004).

Simões (2003) também compreende que a incorporação feminina no esporte de rendimento em quase todas as modalidades olímpicas na atualidade é uma realidade. Isso representa que as mulheres já são consideradas profissionais do ramo esportivo, e que a tentação do poder e da possibilidade de ganhos financeiros, fizeram com que as mulheres encontrassem no esporte um meio de vida, do qual obtêm sucesso, satisfação e emancipação financeira.

A possibilidade de emancipação da mulher no esporte vem calcado num pensamento tradicionalista histórico, o qual não fica imune a questionamentos das mais variadas ordens. A moral e as questões quanto a sua sexualidade são alvos de opiniões diversas, estes constantemente vêm arraigados de esteriótipos que marcam a opinião pública e acabam por julgar o valor de uma mulher atleta.

A questão do julgamento de valor acerca da sexualidade da mulher esportista e ou atleta são algumas das barreiras que na atualidade, esta ainda tem que enfrentar, apesar, de já terem superado obstáculos mais discriminatórios ao longo

de sua trajetória histórica em busca de espaço no cenário esportivo. Percebemos que há ainda um forte preconceito que marca a presença da mulher em algumas modalidades esportivas.

Este preconceito existente em algumas modalidades esportivas é reforçado por volta das décadas de 80 e 90, período em que as mulheres aderem à prática de esportes considerados como violentos como é o caso do futebol, judô, pólo aquático e handebol.

Esta situação de preconceito em algumas modalidades esportivas é fruto do pensamento conservador que se faz presente na concepção das pessoas. Simões (2003) analisando a teoria de Methany, nos apresenta

A sociedade aceita melhor as mulheres que praticam esportes tidos como femininos – aqueles que não encontram contradições nos meios sociais, os quais mantêm o corpo dentro de um padrão esteticamente aceitável, demandam instrumentos de fácil manuseio, tais como raquete de tênis, e possibilitam uma distância razoável entre os adversários.(p.19)

Dessa forma, notamos que a sociedade por muito tempo reprimiu as mulheres que praticassem esportes que implicassem contato físico, força ou propulsão do corpo no espaço, ou ainda aqueles altamente competitivos, identificados popularmente como esportes agressivos, masculinizados.

Esse tipo de cuidado quanto à participação de mulheres em esportes considerados como masculinos, é um pensamento que permeia a cultura, os valores éticos e morais que nutrem desde a infância a criação de meninos e meninas na sociedade ocidental, de um modo geral. Estas preocupações são expressas com a finalidade de resguardar a sexualidade de meninos e meninas e formular suas orientações sexuais em um trilhar “natural”, tal qual o fora designado biologicamente.

Em se tratando dos incentivos aos esportes na infância de meninos e meninas, Simões et.al (2003) falam de estudos que mostram o quanto a família incentiva a prática esportiva de meninos diferentemente de meninas. Referem-se especificamente aos estudos de

Greendorf e Brundage (1987) afirmaram que parentais acreditam que o desenvolvimento de habilidades motoras e aquisição de capacidades atléticas seriam mais apropriados para os meninos que para as meninas – muitos encorajam os meninos para os jogos manipulativos ativos, enquanto as meninas são encorajadas a participar de jogos sociais e expressivos. (p.109)

A partir desses estudos, fica claro que muitas das barreiras quanto aos preconceitos sofridos pelo corpo feminino em determinadas modalidades esportivas provêm desse pensamento generalizado com base no patriarcado.

Assim, “....a subordinação feminina e a grande valorização do poder dominante masculino por si sós limitariam a compreensão da participação das mulheres em diferentes tipos de esporte.” (SIMÕES e ET.AL, 2003)

Como forma de conquistar seus espaços em se tratando, no âmbito dos esportes de rendimento, as mulheres tiveram que enfrentar barreiras como já foi mencionado anteriormente, contudo, no contexto dos esportes de rendimento, existem pressões que são desencadeadas pela instituição esportiva que faz com que as mulheres incorporem um comportamento mais agressivo, másculo. Simões (2003) nos completa essa idéia dizendo

(...) É sabido que o fenômeno do acesso das mulheres às performance se revela perfeitamente idêntico ao masculino em suas potencialidades. Em busca dessa performance, acabam, segundo Del Pino (1971), por adotar um perfil másculo da moral do êxito, que reforça o sentimento de alienação tanto dos atletas do sexo masculino como do feminino. (21)

O comportamento másculo assumido pelas mulheres nos esportes de rendimento sempre fora alvo das opiniões do senso comum, comumente sendo rotuladas como mulher-macho, sapatão e outros adjetivos que remetem ao lesbianismo.

No entanto, há um outro olhar que nos leva a compreendermos melhor esse comportamento másculo adotado pelas mulheres nos esportes competitivos. Simões (2003) nos mostra que ao adotar um comportamento másculo, a mulher atleta encontra-se centrada em si mesma, é simplesmente uma forma de buscar forças para enfrentar e se ter sucesso neste cenário tão competitivo, daí, acabam

fazendo certas escolhas para se ter a vitória a qualquer custo.

Comportando-se dessa maneira, as mulheres acabam por conquistar seus objetivos e com isso se solidificando cada vez mais neste espaço historicamente marcado como sendo de propriedade masculina, que são os esportes de rendimento.

Como consequência das suas conquistas, as mulheres acabam se igualando à potencialidade do homem no cenário atlético, como por vários anos da história dos Jogos Olímpicos foi apresentado. Por um lado, estas consequências configuram-se como sendo belas vitórias da história da mulher, mas por outro, representam um reforço a mais no obstáculo a ser constantemente superado, o preconceito.

No entanto, Oliveira; Polidoro e Simões (2003) nos elucidam que além do preconceito existente, as mulheres estão longe de ter uma igualdade perante a dos homens nos esportes. Os autores nos explicam essa idéia, falando a partir de

Ferrando (1990), as mulheres no esporte de alto rendimento representam hoje em dia, nos países ocidentais, uma realidade social e uma anomalia social. Uma realidade social porque é indiscutível sua presença no esporte de rendimento e uma anomalia social porque os estereótipos sexistas estão vigentes. A masculinidade e a feminilidade são estereótipos resistentes da cultura, sobretudo no que se refere ao esporte. (p.182).

Como entender essa situação antagônica, se na atualidade a presença das mulheres já está consagrada no cenário esportivo? Estas representam brilhantemente em número e em desempenho a classe feminina neste espaço que outrora era de domínio apenas do sexo masculino. Isso não representaria uma conquista definitiva de território e a superação dos obstáculos e barreiras que tanto impediram as mulheres de adentrarem no mundo dos esportes?

Notamos que na atualidade, a realidade vivida pelas mulheres nos esportes de rendimento e em todo este contexto esportivo profissional ainda é marcada por barreiras. Estas são apresentadas por Mourão (2003), que nos mostra que nos esportes ainda se vive um cotidiano perverso, um momento sombrio em que as mulheres, apesar de terem determinação e talento esportivo na maioria das vezes não conseguem ascender profissionalmente, de modo a representar o país em

torneios internacionais por falta de patrocínio. A autora enfatiza que este problema assola a carreira tanto de atletas do sexo feminino quanto do masculino, que faz com que sejam rompidas carreiras de brilhantes atletas.

Essa situação da dificuldade de patrocínio traz em si uma questão de gênero muito forte e que se configura como barreiras a serem enfrentadas tanto por homens e principalmente por mulheres. Sobre esse assunto, Mourão (2003) nos explica que a questão de gênero teria com a forma desigual como são tratadas as negociações de patrocínio. A autora aponta uma situação vivida no tênis brasileiro no auge da campanha do brasileiro Gustavo Kurten

(...) Por exemplo, o tênis feminino brasileiro não compartilha o mesmo prestígio do masculino. Enquanto Gustavo Kurten está sempre nas manchetes dos jornais dado seu excelente desempenho, as brasileiras tentam sair do ostracismo (a exceção é Vanessa Menga, que chegou às manchetes não por seu jogo, mas por causa da sua beleza). O motivo para isso é a baixa colocação das brasileiras no ranking. Sem conseguir espaço na mídia, as tenistas nacionais tentam de todas as maneiras conseguir apoio para, a partir daí, figurar entre as melhores do mundo. (p.132)

Além dessas questões de gênero que existem nas negociações de patrocínio, há também um outro problema que agrava ainda mais essa situação. Trata-se da maneira como é entendido o ato de patrocinar. Normalmente quem patrocina procura o retorno rápido, e não investem no atleta desde o início da carreira.

Com vista a atender as condições imediatistas impostas pelos patrocinadores, Mourão (2003) nos fala que atletas se desdobram nas jornadas de treinos, chegando a ser exaustivos.

Outro foco que merece destaque no que consiste aos obstáculos e barreiras que as mulheres tendem a enfrentar na atualidade no cenário esportivo refere-se a sua conquista de espaço no universo dos técnicos, árbitros e dirigentes de clubes esportivos.

Sobre esse assunto, Mourão (2003) acrescenta

O novo grande desafio das mulheres dentro do cenário esportivo, nos próximos anos, é conquistar mais cargos nos postos técnicos e diretivos. A diferença entre homens e mulheres nesse setor,

atualmente, é talvez a mesma que existia dentro dos campos, quadras e pistas 100 anos atrás.(p.145- 146)

Vale lembrar que esse desafio não é uma luta recente. As mulheres já vêm tentando se inserir neste espaço de domínio masculino desde a década de 60. Merece então, ser ressaltado o esforço e conquista de Benedicta Oliveira, pioneira que atuou como técnica no comando da equipe feminina do clube Espéria, em São Paulo em 1963. Em seu currículo ainda é possível ver suas conquistas por ter sido de 1965 a 1975 técnica da seleção brasileira de Atletismo. E a conquista de ter vencido o campeonato sul-americano do Rio de Janeiro. Foi supervisora das equipes de atletismos nos campeonatos pan-americanos de 1971, 1975 e 1983. (OLIVEIRA apud GOELLNER, 2005)

Outros casos de ocupação feminina que não podemos deixar de mencionar são os apontados por Mourão (2003), que nos lembra que em 1981, Anita de Frantz assumiu o cargo de vice-diretora do Comitê Olímpico Internacional (COI). A autora ainda nos traz os dados que mostram a ocupação feminina de cargos dentro do COI, segundo ela, nos anos de 1970 a 1995 era de 14,4%, tendo uma queda de 4,5% nestes números nos anos subsequentes. O que fez com que o próprio COI determinasse que até no final dos anos 2000, os cargos que envolvessem olimpismos fossem ocupados por mulheres.

Em se tratando da inserção das brasileiras neste contingente, temos a luta de Lea Campos que em 1970 enfrentou uma batalha para conseguir tornar-se árbitra de futebol. Coursou por oito meses, em 1967, na federação Mineira em Belo Horizonte, o curso para árbitros, mas só veio a ter seu diploma reconhecido pela FIFA em 1971. (GOELLNER, 2005)

Vale ressaltar, também a importante participação da ex-atleta de basquete Maria Paula Gonçalves da Silva, que ocupou em 2003 três cargos no alto escalão da administração do esporte brasileiro. Foi secretária nacional de esporte de alto rendimento. Membro do conselho nacional de esporte e membro da comissão nacional dos atletas. (MOURÃO e GOMES, 2004)

A título de barreiras enfrentadas pelas brasileiras que se aventuraram a

inserir no comando de equipes, Mourão (2003) nos fala que este espaço é bastante restrito às mulheres e que os poucos espaços que elas conseguem são dirigidos os clubes de bases, times não profissionais e os clubes que se destinam aos esportes com cunho de lazer e recreação.

A autora faz uma análise bastante interessante sobre essa situação e nos apresenta que além da supremacia masculina que existe nestes setores do esporte em muitos casos as próprias mulheres optam por não ingressarem no universo dos espaços de alta performance.

E as razões estão associadas às questões de gênero atribuídas ao sexo feminino, mais especificamente quanto às funções que lhe são designadas. “Viajar com os times para disputar torneios, envolver-se em treinamentos de longa temporada supõe construir uma carreira dissociada das possibilidades de gerir o espaço doméstico”.(MOURÃO, 2003 p. 147)

Ainda sobre essa ambivalência que circunda as mulheres ao decidir ingressar neste segmento dos esportes, Mourão (2003) cita a opinião de Gorgette Vidor, técnica da equipe brasileira de ginástica olímpica, a qual se expressa dizendo: “(...) os homens têm alguém para cuidar deles e do filho, que é a mulher, por isso eles predominam como treinadores (...) Agora, quem vai cuidar da gente? (...) O treinamento é um mundo completamente masculino.” (MOURÃO, 2003 p.148)

A ambivalência do comportamento profissional das mulheres coloca em debate a difícil questão, que é a de se adquirir um padrão masculino de relação com o trabalho, sem reduzir o potencial feminino expresso na maternidade.

O que podemos perceber com essas questões levantadas, é de que hoje estamos diante de novas conquistas e tendências, mas ao mesmo tempo diante de velhas dificuldades. As mulheres continuam enfrentando praticamente os mesmos desafios que no século passado.

Contudo, todo esse trilhar pela trajetória histórica da inserção das mulheres nos esportes permitiu-nos a entender como se deu a sua emancipação e como o esporte entrou como um elemento contribuinte para esta aquisição.

Não podemos esquecer que este processo foi marcado primeiramente pela transformação da economia do mercado de trabalho, o que fez com que as

mulheres inserissem não só no âmbito do trabalho, mas também no educacional.

Não podemos deixar de mencionar também que junto a este processo de transformação vieram as transformações tecnológicas, sobretudo, nas áreas da farmacologia e medicina, o que permitiu um controle maior sobre a gravidez.

E como consequência dessas transformações vimos ser abaladas as estruturas do patriarcado, com toda força pelo movimento feminista, e pelos novos ares provindos do movimento de uma cultura globalizada, difundindo novas idéias, hábitos e costumes.

Dentre os novos hábitos e costumes, a prática esportiva para algumas mulheres tornou-se um meio de realização, conquista, independência e autoconfiança. E o campo farto para a busca dessa realização, como vimos são os esportes de alto rendimento.

Neste mesmo sentido da realização e da emancipação pelos esportes, vemos que este representa um veículo para emancipação financeira de jovens de ambos sexos. Principalmente das mulheres, que são constantemente exploradas enquanto mão- de obra pelo mercado de trabalho, daí sua inserção no mundo dos esportes representaria uma esperança de emancipação financeira para muitas jovens atletas oriundas das camadas menos afortunadas da sociedade.

Dessa forma concordamos com Goellner (2004) que o esporte se traduz como um importante elemento para a promoção de uma maior visibilidade das mulheres nos espaços públicos. Lembrando que este reconhecimento se deu muito mais por iniciativas do esforço individual e de pequenos grupos, do que de uma política efetiva que incluía as mulheres nos esportes.

Os meios de comunicação podem ser grandes colaboradores para a ascensão da mulher no mundo esportivo,mas, podem contraditoriamente contrubuir também dificultar a participação das mulheres no contexto dos esportes. Podem manipular e influenciar os costumes, pensamentos e se transformarem em um dos principais responsáveis pela manutenção, esforço ou exclusão dos preconceitos existentes.

Neste sentido, Junior; Scagliusi e Simões (2004) referem-se à mídia como sendo sem dúvida alguma, um dos agentes sociais que influenciam os padrões de

comportamento a ser seguidos pelas pessoas em sociedade, pois fornece informações associadas a todos os tipos de produtos, quer estéticos, quer alimentares.

Podemos caminhar rumo a uma conclusão apresentando que o esporte contribuiu em muito na visibilidade social da mulher e para muitas a sua emancipação. No entanto, as mulheres continuam na constante superação de obstáculos e barreiras. Estas se apresentam hoje em dia com outras nuances, tendo em vista que as mulheres não pararam com os seus anseios em conquistar outros espaços no contexto esportivo.

Por fim, o trilhar pela história da inserção das mulheres nos esportes: sócio esportivo e competitivo nos possibilitou vê-lo como um relevante fenômeno cultural. E a entendê-lo como uma plataforma para o desenvolvimento do ser humano, o qual pode interferir na identidade daqueles que com ele se envolve, seja na condição de praticantes ou de espectadores.

Dessa forma, devemos nos preparar enquanto profissionais de Educação Física com programas educacionais esportivos sérios que incluam tanto homens e principalmente mulheres, na direção de uma formação da consciência democrática e do direito de acesso e oportunidade à prática esportiva sem distinção. Programas educativos que possibilitem o desenvolvimento das capacidades objetivas, técnicas, sociais, comunicativas necessárias e essenciais para o crescimento social e individual.

Contudo, fica-nos ainda alguns questionamentos em aberto, tais como: Como estas questões acerca da participação feminina nos esportes vem sendo abordada nos cursos de formação profissional em Educação Física? Será que estão dando enfoques necessários à formação profissional para que haja uma intervenção no campo dos esportes de modo que contemple a inserção das mulheres com vistas à superação dos preconceitos inerentes da sua história?

Tentaremos, portanto, conhecer como essas questões se fazem presentes no interior de um curso de Educação física da região norte do país.

CAPÍTULO III

Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

1. TIPO DE ESTUDO

Os caminhos metodológicos que foram percorridos para alcançar os objetivos desta investigação científica caracterizaram-se como um estudo qualitativo o qual Minayo (2003) descreve ser um estudo que se preocupa com um nível de realidade que não pode ser apenas quantificado e que trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, ao quais correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis.

O trilhar metodológico deste estudo caracterizou-se em dois momentos distintos e muitas vezes concomitantes: o primeiro, caracterizado como um levantamento bibliográfico e o segundo, como uma pesquisa de campo.

Entendemos a pesquisa bibliográfica a partir de Cervo e Bervian (2002, p.66) como: “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos (...) busca conhecer, analisa as contribuições culturais e científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema.”

A pesquisa bibliográfica é também compreendida por Severino (1999) como: “O fichário de natureza bibliográfica constitui um acervo de livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber”. (p. 39)

Fachin (2001) lembra que a pesquisa de campo: “freqüentemente empregada em investigações que procuram avaliar a eficácia de um conjunto de processos para auxiliar a sociedade.” (p.134)

A partir dessas conceituações, buscamos na parte da pesquisa bibliográfica englobar uma discussão com os autores que retratam a história da mulher no que

consiste a sua inserção na sociedade como também nos esportes. Nesta parte do trabalho, apresentamos pontos centrais que fazem parte do processo de inserção da mulher nestes dois contextos. São eles: discriminação, preconceito, barreiras e obstáculos enfrentados, bem como os principais agentes contribuintes para aquisição da emancipação e autonomia da mulher.

A pesquisa de campo foi do tipo descritiva, o que para Rudio (1982) tem como preocupação principal observar e descobrir fenômenos, procurando sempre a descrição, a classificação e a interpretação dos mesmos. Esta fase da pesquisa aconteceu em dois locais: o Projeto de Extensão e Iniciação Esportiva do Curso de Educação Física da Fundação / Faculdade UNIRG de Gurupi - TO, intitulado "Paidéia: para além da iniciação esportiva". E o Curso de Educação Física da Faculdade UNIRG.

2. UNIVERSO DA PESQUISA

2.1 – LOCAL

A pesquisa de campo ocorreu em dois locais, que foram no Curso de Educação Física da Faculdade UNIRG-TO e o Projeto de extensão Projeto Paidéia.

O curso de Educação Física, em linhas gerais busca oferecer propostas pedagógicas significativas nos aspectos: pessoais, sócio-culturais e políticos. Tem por vocação incentivar uma formação generalista e humanista, sistematizando e produzindo o conhecimento, levando o egresso a uma consciência crítica e autônoma fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

Outras informações acerca da perspectiva filosófica do Curso de Educação Física e sua estrutura curricular encontram-se no Projeto Político Pedagógico em (Anexo 1).

Quanto ao local Projeto Paidéia este tem por objetivo:

- Elaborar uma proposta de ensino que compreenda o fenômeno esporte no contexto da realidade social, a partir dos conhecimentos de natureza técnica, científica, política e cultural voltada à população de baixa renda e que leve em conta

as características regionais do município;

- Criar conjuntamente uma proposta de capacitação profissional para os acadêmicos que vão atuar nos núcleos do projeto;

- Consolidar a proposta de capacitação por meio de um grupo de estudos sobre “esporte e iniciação esportiva”; Superar o entendimento de que a iniciação é exclusivamente de crianças e adolescentes na busca de seleção de talentos;

- Implementar uma pedagogia dos esportes que contribua nas esferas da educação, do lazer e da qualidade de vida;

- Contribuir no processo de formação integral do ser humano, a partir da prática no esporte;

- Promover atividades educativas em condições favoráveis para uma ação multidisciplinar com outras áreas do conhecimento. (PROJETO PAIDÉIA, 2007)

Outras informações acerca do Projeto Paidéia também estamos apresentando no seu projeto de criação que se encontra em (Anexo 2).

2.2 PÚBLICO ALVO

Buscamos conhecer o discurso de dois grupos diferentes, que foram:

1º) Docentes do curso de Educação Física da faculdade UNIRG, totalizando 13 sujeitos;

2º) Acadêmicos estagiários do Projeto Paidéia, 06 sujeitos entrevistados;

O discurso do corpo docente do curso de Educação Física foi de fundamental importância nesta pesquisa, porque entendemos que estes são os principais instrumentos, mediadores do conhecimento para formação profissional.

As falas dos acadêmicos estagiários tornaram-se importantes, pois estes poderão estar veiculando os discursos apreendidos no âmbito da sua formação e desencadear-se por conseqüência na opinião e na formação dos seus alunos.

Critérios de seleção para este grupo:

1º Professores do curso de Educação Física:

- Ser professor do curso de Educação Física e ministrar disciplinas esportivas e

disciplinas de caráter social, filosófico e antropológico;

- Concordar em participar da pesquisa assinando o termo de Consentimento Livre e esclarecido.(Anexo 3)

2º) Acadêmicos estagiários do projeto Paidéia :

- Acadêmicos estagiários do projeto Paidéia que ministram modalidades esportivas.

- Concordar em participar da pesquisa assinando o termo de Consentimento Livre e esclarecido. (Anexo 3)

2.3 Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

Para a coleta das informações necessárias para este estudo optamos por uma entrevista estruturada contendo as perguntas geradoras. Marconi & Lakatos (2006) falam-nos que “a entrevista consiste em uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, proporciona ao entrevistador, verbalmente a informação necessária.” (p.107)

Dessa maneira os professores tiveram que responder às seguintes questões geradoras:

- 1) O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?
- 2) Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

E preencher a seguinte ficha de identificação para auxiliar e enriquecer as análises das informações.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: _____

Formação profissional: _____

Disciplina que ministra no curso: _____

Tempo de docência no curso: _____

Você conhece o projeto Paidéia: _____

Já para os acadêmicos / estagiários, foram elencadas as seguintes questões geradoras:

1. O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?
2. Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

Estes tiveram também que preencher a ficha de identificação a seguir:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____
2. Modalidade esportiva que ministra: _____
3. Há quanto tempo que atua no projeto: _____
4. Qual o período letivo que cursa? _____

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente foi feito o contato com os professores coordenadores do projeto, com a finalidade de esclarecer as intenções de pesquisa, estando estas relatadas na carta de apresentação (Apêndice 1). Neste contato, foi agendado um horário que não atrapalhasse a rotina das aulas, momento em que apresentasse as intenções da pesquisa, bem como pudesse ser formalizado o convite para acadêmicos estagiários.

Neste contato foi agendado um horário que não atrapalhasse a rotina das aulas para que fosse feita a apresentação das intenções da pesquisa e formalizar-se o convite para acadêmicos estagiários.

Esta ação aconteceu em mais de um dia da semana, tendo em vista que o Projeto se desenvolve em mais de um núcleo na cidade. Esta ação aconteceu em um prazo de uma semana. Vale ressaltar que a apresentação do projeto aconteceu no próprio espaço de cada núcleo e que para isso contamos com o recurso do retro projetor para melhor comunicação e apresentação das idéias.

Os estagiários foram convidados a participar de maneira espontânea e voluntária; assim, as pessoas que estiveram de acordo e se dispuseram a participar, assinaram os seus respectivos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. (Anexo 3)

As entrevistas com os acadêmicos / estagiários percorreram os seguintes caminhos: a entrevista foi individual, neste caso o pesquisador lançou a primeira pergunta e gravou em áudio as respostas dos entrevistados, situação na qual os acadêmicos tempo suficiente para que sentissem à vontade para responder. Na seqüência foi falada a segunda e última questão e os procedimentos para esta foram os mesmos da questão anterior.

Posteriormente, foi a etapa que coube aos professores do curso. Informamos inicialmente ao coordenador do curso sobre as intenções da pesquisadora e, expondo a carta de apresentação (Apêndice 2), diante da liberação do mesmo, foi pedida uma participação na reunião acadêmica do conselho do curso, para informar os objetivos e procedimentos da pesquisa, como também convidar os professores a participar desta. Para isso, utilizamos os equipamentos: data show e computador, para melhor nos auxiliar na exposição das idéias.

Os professores foram convidados a participar de maneira espontânea e voluntária; assim, as pessoas que estiveram de acordo e se dispuseram a participar, assinando também o termo de Consentimento Livre e esclarecido. (Anexo 3)

Dessa maneira, após todos terem concordado em participar da pesquisa, agendamos encontros individuais dentro de um prazo de 15 dias para realização de todas as entrevistas, estas foram executadas no âmbito da própria Faculdade, em local reservado, para preservar a privacidade dos entrevistados.

2.4 Técnica para análise dos dados

Utilizamos enquanto técnica para análise das informações obtidas na pesquisa de campo, a técnica elaborada por Moreira; Simões & Porto (2005) designada como: A Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significados.

De acordo com os autores, a técnica destina-se a compreender e interpretar os "... relatos dos sujeitos de uma pesquisa, os quais emitem opinião sobre determinado assunto, opinião carregada de sentidos, de significados e de valores." (p.108).

Para a concretização do estudo, a técnica proposta segue os seguintes passos:

1º coleta do material a ser analisado, por meio de perguntas geradoras.

2º relato ingênuo, em que se faz a transcrição dos dados, sem nenhuma modificação, para entendimento dos discursos a partir das respostas dos sujeitos à questão geradora.

3º identificação de atitudes, momento em que é feita a seleção das unidades mais significativas dos sujeitos e que se procuram criar indicadores que levarão para elaboração de categorias que serão analisadas e interpretadas. E por fim.

4º interpretação, etapa da análise interpretativa a qual busca a compreensão do fenômeno estudado em sua essência, em consonância com a literatura de base, selecionada ao longo do referencial teórico.

2.5 Relato das informações obtidas em campo.

Nesta parte do trabalho relatamos os discursos obtidos na pesquisa de campo, organizando as idéias em dois momentos distintos e complementares. No primeiro momento, faremos a transcrição minuciosa dos discursos dos sujeitos, registrados na íntegra, onde conservaremos a fala original de cada um, inclusive erros lingüísticos, vícios de linguagem e gírias.

No segundo momento, procuramos identificar os pontos mais significativos dos discursos dos sujeitos, procurando realçar os valores presentes em suas falas. Este é o momento em que delineamos as unidades de significados que compuseram mais adiante as categorias gerais encontradas a partir desse segundo momento.

Sendo assim, analisamos os dois grupos de sujeitos (professores e acadêmicos estagiários) em relação a cada pergunta separadamente, como também demos uma caracterização de cada sujeito entrevistado.

2.5.1 Relato das informações do primeiro grupo: Acadêmicos estagiários do Projeto Paidéia.

Apresentação das respostas e indicadores

Sujeito 1.

1) O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?

Bem... o esporte pode, mas só que assim, ele emancipou a mulher até certa forma, a mulher sofreu muito no seu processo de emancipação porque para ela se emancipar no esporte ela teve que se masculinizar muito é.., até mesmo para ela se emancipar no futebol as pessoas falam que elas são muito masculinizadas, mas esta foi a forma que ela encontrou para ela ter seu devido valor, se ela não fizesse isso ela não teria o seu devido valor, não seria aceita no mercado no esporte. E outra coisa também devido a essa masculinização ela ficou muito ...como eu diria as pessoas chamam muito de lésbica isso... e aquilo... devido a essa masculinização dela mas essa foi a forma dela entrar no esporte, para ela ver os resultados dela serem reconhecidos.

INDICADORES:

- ✓ Sim;
- ✓ Até certa forma;
- ✓ Masculinizar e ter seu devido valor.

2) Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuiriam para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

Filosofia, Esporte Escolar porque o professor sempre tava falando sobre a mulher no esporte, sobre toda as coisas que ela passou e que demorou muito para esses resultados serem visto por todo mundo e ainda assim, mesmo com bom resultado ainda não é totalmente, tem aquela coisa que esporte é rendimento e quem dá rendimento o homem ou a mulher? O homem com isso a modalidade praticada pelo homem é mais valorizada pela sociedade.

INDICADORES

- ✓ Filosofia;
- ✓ Esporte escolar.

Sujeito 2

1) O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?

Sim, porque a mulher pode ser inserida em espaços que até um tempo atrás era só dominado pelos homens, como o futebol o basquete esportes que eram característicos masculinos.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Foi inserida em espaços que era dominado só por homens;

2.Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

Futebol, Basquetebol, Atletismo.

INDICADORES

- ✓ Futebol
- ✓ Basquetebol
- ✓ Atletismo

Sujeito 3

01.O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?

Olha... o esporte sim pode trazer muito benefícios, dentro do esporte ele pode trazer... temos que analisar primeiro essa questão histórica da mulher tanto no esporte ...tanto na sociedade ,ele pode ser sim. Porque já seria uma conquista a mais... porque a mulher não simplesmente o esporte quis isso ter preconceitos com a mulher, a sociedade o mercado de trabalho, todos numa visão mais ampla, a

gente pode observar isso aí. Uma conquista a mais já é um território mais conquistado eu vejo nesse sentido.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Pela questão histórica da mulher no esporte e na sociedade;
- ✓ Uma conquista a mais.

02. Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

Eu antes mais ou menos a uns três quatro meses atrás eu nem pensava a respeito disso, agora eu to vendo através da experiência do projeto e do estágio, assim, uma simples teoria ali é muito superficial você tem que ir ali pra campo e vê . Eu trabalho hoje com vôlei e futsal eu vejo que o futsal que é um dos que as pessoas que tem um grande preconceito seria o que o esporte que eu apontaria Futsal e futebol. Volêy nem tanto porque já é um esporte já é feminino as pessoas já pensam que é coisa para as mulheres.

INDICADORES

- ✓ Estágio I

Sujeito 4

01. O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?

Sim..., bom, o esporte é até correto afirmar que de certa forma foi negado para as mulheres, em se tratando de futebol ele ta contribuindo de maneira muito grande, ele vem quebrando o que muita gente pensa que é coisa de homem é nesse sentido que muita coisa vem colaborando, por exemplo competições específicas como no futebol feminino. Jogos pan americanos, campeonato mundial feminino e aqui em Gurupi recentemente a copa do Brasil do futebol feminino.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Contribuindo de maneira muito grande através de competições específicas Pan Americano; Campeonato Mundial e Copa do Brasil de futebol feminino.

02. Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

Futebol; Esporte Escolar, Educação Física Cultura e Sociedade e todas as outras de Esporte Coletivos, Basquete, Vôlei.

INDICADORES

- ✓ Futebol;
- ✓ Esporte escolar;
- ✓ Educação Cultura e Sociedade;
- ✓ Basquetebol;
- ✓ Voleibol.

Sujeito 5

1) O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?

Pode, hum... pela inclusão que ela teve, porque antigamente a mulher não participava em nada, ela era mais um objeto sei lá... como que fala..., nos jogos de antigamente ela ia lá para exibir o corpo e não para participar servia para isso agora não... ela ta inclusa.... a mídia está ajudando muito. Teve o Pan Americano que ajudou muito... vai começar agora o campeonato brasileiro, aqui mesmo teve a Copa do Brasil. E também eu vejo no próprio Paidéia os times do Gilmar feminino põe emancipação naquilo.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Pela inclusão que ela teve;
- ✓ A mídia está ajudando muito;

✓Competições como Pan Americano; Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil

02.Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

A que mais enfocou mesmo foi Educação Física Cultura e Sociedade, e a gente debateu um pouco em Esporte Escolar e Futebol.

INDICADORES

- ✓Educação Física Cultura e Sociedade;
- ✓Esporte escolar;
- ✓Futebol.

Sujeito 6

01.O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?

Bom... o esporte sim... com certeza, o esporte abre vários caminhos para a mulher, então é um desses caminhos é o espaço que ela está conquistando.. questão do preconceito, os homens vem respeitando mais e elas vem sim conquistando o seu espaço, é e.... contribui sim.. no fator dela se soltar mais parece que ela praticando o esporte ela ajuda ... eu vou da um exemplo de mim mesma, eu pratico esporte e eu era muito tímida antes de praticar, então o esporte me ajudou a me tornar mais popular, me tornar não é ..com menos timidez a me expor em locais públicos.. então isso auxilia sim...vai auxiliando o comportamento da mulher vai ajudando na maneira dela agir também na sociedade ..eu acho que é por isso que auxilia..Bom pra mim o que me auxiliou foi isso né ..me ajudou a me soltar mais me desinibi, mais e é hoje a gente nota que tanto se fala em no espaço que a mulher vem ocupando, pratica esporte a sociedade vai abrindo mais a mente ...então é isso vai respeitando mais a mulher que pratica esporte não só os esporte ditos masculinos..né mas os femininos e devagarzinho a gente consegue um lugar ..mudar esse pensamento e hoje eu noto que dentro da própria faculdade a visão de

muitos alunos aqui é deturpada sobre isso é questão de preconceito ..até dentro da minha própria sala eu sofro por praticar um esporte dito masculino, que é o Futsal..eu acho que isso é um trabalho que tem que ser feito principalmente aqui também na nossa base ..a gente vai trabalhar com isso futuramente e tem muitos profissionais que não formados ainda e que ainda estão aqui estudando que acho que tem que sofrer uma reciclagem no pensamento deles e porque vão ser futuro professores.. mas devagarzinho a gente consegue mudar o pensamento dessas pessoas.

INDICADORES

- ✓ Sim
- ✓ O esporte abre vários caminhos para a mulher;
- ✓ Os homens vêm respeitando mais;
- ✓ Ela poder se soltar mais;
- ✓ Se tornar mais popular;
- ✓ Ser menos tímida;
- ✓ Auxilia no comportamento da mulher;

02.Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

É bom ..são as disciplinas teóricas mesmo né a questão da antropologia, do professor Audimar ele conversa muito sobre isso, o professor Jean na Filosofia mesmo, é a questão da Aprendizagem também são disciplinas mais teóricas mesmo que se a gente não trabalhar esse lado..teórico a gente não consegue.. acho que não é só o prático a Teoria é fundamental nesse processo de até mesmo de reciclagem dessas pessoas que pensam de forma antiga, mas, no geral essas disciplinas mais teóricas...o professor Jean Audimar, Lucilene que já falou sobre isso na aprendizagem até..o Paulo já tocou mais no assunto..acho que vai mais da disciplina né...Cada disciplina tem sua características e o que a gente viu por enquanto a que mais contribuíram para a mente foram essas.

INDICADORES

- ✓ Antropologia;
- ✓ Filosofia;
- ✓ Aprendizagem e Desenvolvimento Humano

QUADRO DE UNIDADES DE SIGNIFICADOS

QUESTÃO N°1: O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher?

Unidades de Significados	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6	Total	Total em %
Sim	X	X	X	X	X	X	06	100%
Não								

Quadro referente à resposta dos acadêmicos à questão n°1

QUESTÃO N° 1: Por quê?

Unidades de significado	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6	Total	Total em %
01. Abriu espaços que era de dominância masculina;		X		X			02	33.3%
02. Ela conquistou o espaço esportivo com comportamentos mais fortes (masculino)	X						01	16.6%

03. O esporte passou a ser um caminho a mais para mulher;			X			X	02	33.3%
04 Pelas participações em competições específicas como Pan Americano – Campeonatos Mundiais – Copa do Brasil;				X	X		02	33.3%
05.Pela divulgação na mídia;					X		01	16.6%
06. Os homens respeitam mais as mulheres que praticam esporte;						X	01	16.6%
07. O esporte auxilia no comportamento feminino a torna menos tímida e mais popular.						X	01	16.6%

Quadro referente à resposta dos acadêmicos à questão nº1

2.5.2 Análise das informações dos Acadêmicos referente à questão nº1.

Começaremos nossa análise a partir da primeira resposta da questão nº1 **O**

esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Para esta resposta foi criada a unidade de significado Sim ou Não e os seis (6) acadêmicos responderam afirmativamente à questão, o que representa um posicionamento de 100%.

Acreditamos que a opinião expressa por todos representa um pensamento “renovado” acerca da mulher na sociedade e na “sociedade esportiva”. Este tipo de pensamento pode ser analisado sob vários prismas. Começamos pelo primeiro prisma, o fator idade do público entrevistado, considerando que a faixa etária dos sujeitos encontra-se entre 19 e 23 anos. Isso representa que são jovens profissionais, nascidos na década de 80, período de intensas e significativas mudanças políticas - sociais- culturais- econômicas na sociedade e, em especial, para a mulher. Há aí grandes conquistas oriundas do movimento feminista, o qual contribuiu para que os papéis sociais da mulher pudessem alcançar emancipação e autonomia.

Dessa forma, os sujeitos entrevistados pertencem a uma geração em que muitos dos valores e atributos destinados às mulheres foram reformulados. Uma época em que os valores educacionais no interior das instituições educativas também sofreram transformações, o que podemos considerar que estas refletem em parte, no seu modo de pensar e conceber o mundo e as relações dos sujeitos neste, pois, acreditam que homens e mulheres são sujeitos iguais perante os seus direitos na sociedade e no esporte. Pode-se afirmar que percebem as transformações sociais – culturais de modo crítico, olhando para os fatos históricos e para a história da mulher, acreditando nas conquistas e nas possibilidades destas. É o que nos diz o sujeito 2 “... *porque a mulher pode ser inserida em espaços que até um tempo atrás era só dominado pelos homens, como o futebol, o basquete, esportes que eram característicos, masculinos*”.

O segundo prisma que podemos apresentar é o fato dos sujeitos fazerem parte do projeto de iniciação esportiva Paidéia, projeto que veicula uma concepção de iniciação esportiva diferenciada, o que poderia estar possibilitando um olhar mais ampliado para a aprendizagem e formação esportiva.

A base filosófica que fundamenta o projeto deve ser permeada pelas ações educativas de todos os professores de todas as modalidades esportivas. Para que isso aconteça, são realizadas reuniões e grupos de estudos com os envolvidos no projeto, contemplando um aspecto de constante formação profissional desses sujeitos.

Estarem estagiando no projeto contribui diretamente na formação dos sujeitos entrevistados, é o que nos diz o sujeito 3 “... *Eu antes mais ou menos a uns três quatro meses atrás eu nem pensava a respeito disso agora eu tô vendo através da experiência do projeto..*” Esta visão nos leva a entender que a formação profissional não pode e não deve perpassar apenas pelas experiências desenvolvidas no âmbito das disciplinas que compõem a grade curricular. Esta deve, também, abarcar os projetos de extensão e pesquisa que são oferecidos pelo curso sob a forma de estágios extracurriculares.

Na seqüência das análises temos as informações concedidas ainda à primeira pergunta, **O esporte pode ser considerado um fator contribuinte para emancipação da mulher? Por quê?** Para responder o porquê de o esporte ser considerado contribuinte para o processo de emancipação da mulher, elencamos 07 unidades de significados que expressam a opinião desse grupo de entrevistados.

A primeira delas é: Abriu espaço que era de dominância masculina. Nesta unidade de significado 02 sujeitos (Sujeitos 02 e 04), 33,3% concordam que o esporte pode contribuir para emancipação da mulher na medida em que esta foi conquistando espaços que eram prioritariamente masculinos. Isso tanto nos aspectos de uma inclusão social quanto no esportivo.

Esta forma de conceber a possibilidade emancipatória da mulher está coerente com os percalços vividos em sua história de inserção social. A partir do momento em que estas foram conseguindo se inserir no contexto social, sendo-lhes permitido a freqüentar espaços públicos, inserirem no mercado de trabalho, logo estas foram adquirindo mais autonomia perante suas vidas e assim, puderam também ingressar no contexto esportivo, seja como desportista ou como atleta, encontrando neste mais um instrumento que reforça para ter sua autonomia e emancipação.

Sobre esse processo, não podemos esquecer o que diz Simões (2003) acerca da inserção feminina nos esportes, o autor nos fala que esta coincide com as lutas em prol dos direitos da mulher em interagir nos espaços sociais, liderados pelo movimento feminista.

O envolvimento feminino com as práticas esportivas ganhou plena expansão, modificando concepções que até pouco tempo mostravam-se cristalizadas e absolutas na sociedade.

A conquista das mulheres nos espaços masculinos como o esportivo, ganha fortes projeções na sociedade, como nos mostram Oliveira, Polidoro e Simões (2003). Os autores, ao mencionarem a participação feminina do Brasil nas Olimpíadas de Sidney, citam uma passagem da revista (Veja de 2000) na qual vem estampada a idéia: “Elas venceram – as mulheres superam preconceito, cultivam músculos robustos, corpos bem definidos e ameaçam a supremacia dos homens no esporte.” (p.182)

Já a segunda unidade de significado temos: Ela conquistou o espaço esportivo com comportamentos mais fortes (masculino), esta idéia veio apenas de um sujeito entrevistado que foi do sujeito 01, representando 16,6% dos entrevistados. É interessante evidenciar este pensamento, porque ele expressa uma idéia que de fato ocorreu dentro desse processo de inserção da mulher no mundo esportivo, sobretudo no âmbito dos esportes de alto rendimento.

Esta mesma idéia é apresentada por Simões (2003), que nos fala que a mulher para conseguir conquistar seus espaços no âmbito dos esportes de rendimento, teve que enfrentar barreiras, em especial as pressões que são desencadeadas pela instituição esportiva, que fez com que as mulheres incorporassem um comportamento mais agressivo, másculo.

O comportamento másculo, assumido pelas mulheres nos esportes de rendimento, sempre fora alvo das opiniões do senso comum, comumente sendo rotuladas como mulher-macho, sapatão e outros adjetivos que remetem ao lesbianismo.

No entanto, há um outro olhar que nos leva a compreendermos melhor esse comportamento másculo adotado pelas mulheres nos esportes competitivos.

Simões (2003) nos mostra que ao adotar um comportamento másculo, a mulher atleta encontra-se centrada em si mesma, é simplesmente uma forma de buscar forças para enfrentar e ter sucesso neste cenário tão competitivo, daí, acabam fazendo certas escolhas para ter em a vitória a qualquer custo.

Comportando-se dessa maneira, as mulheres acabam por conquistar seus objetivos e com isso se solidificando cada vez mais neste espaço historicamente marcado como sendo de propriedade masculina, que são os esportes de rendimento.

É importante ressaltar que essa visão neste momento das análises das informações se torna fundamental para termos um olhar ampliado sobre as contribuições que o esporte pode favorecer para o processo de emancipação da mulher. E também para compreendermos um pouco mais sobre determinados comportamentos adotados por estas no contexto esportivo e não mais disseminarmos rótulos estereotipados, sem entendê-los na sua essência.

A terceira unidade de significado, a qual designamos de: O esporte passou a ser um caminho a mais para mulher, foi apresentada por dois sujeitos (Sujeitos 03 e 06), 33,3% dos entrevistados. Esta forma de pensar o esporte como possibilitador da emancipação feminina representa que realmente ao se inserir nas práticas esportivas, competitivas ou sócio-esportiva, elas têm a seu favor uma “ferramenta” que contribuiu para mudar a imagem das mulheres como seres passivos e ajudou a desconstruir a idéia do sexo frágil, como também permitiu que estas conquistassem seus espaços sociais.

A exemplo dessa possibilidade, Goellner (2005) cita nomes de brasileiras como o de Maria Lenk, Aida dos Santos, Maria Esther Bueno e de outras mulheres européias e norte – americanas que no âmbito das Olimpíadas, no início do século XX foram nomes determinantes para a quebra do tabu que assolava as mulheres como sendo o sexo frágil.

Este período representa na história das mulheres, um momento fundamental para sua ascensão na sociedade e podemos dizer também, para sua emancipação e inserção nos esportes.

Na quarta unidade de significado Competições específicas como Pan

Americano – Campeonatos Mundiais – Copa do Brasil, foram idéias apresentadas pelos sujeitos 04 e 05, 33,3% dos entrevistados.

Esta unidade de significado traz a noção de que a inserção da mulher, em instâncias mais altas do esporte de alto rendimento pode contribuir para o seu processo de emancipação. É uma idéia de suma importância para o nosso trabalho, pois apresenta um dado interessante permeado de contradição.

Os torneios esportivos representados nas Olimpíadas; nos Pan Americanos e nos Campeonatos Mundiais são torneios considerados mais importantes na vida dos atletas de alto nível. Estes espaços representam apenas uma pequena parcela de esportista, o qual consideramos “elite” dos esportes. Sabemos que estes, são espaços de muita disputa, barreiras e obstáculos a serem constantemente superados, principalmente pela mulher, como sua própria história nos revela.

No entanto, estes torneios foram e são considerados um dos grandes veículos para a projeção feminina nos esportes, como também para sua emancipação.

Esta idéia é postulada por Simões; Cortez e Conceição (2004) que nos falam que a entrada das mulheres no circuito olímpico, configura-se como um fenômeno que acabou por se manifestar intensamente também em outras esferas da sociedade, aumentou a participação da mulher na vida social, política e econômica de muitos países.

Enquadram-se nessa realidade as atletas :Maria Lenk (da Natação); Aida dos Santos (do Atletismo); Maria Esther Bueno (do Tênis); Helene Mayer ; Fanny Blankers – Koen (do Atletismo); Wilma Rudolph; Kornelia Ender; Olga Korbut; Nadia Comaneci (da Ginástica); Hortência e Paula (do Basquete); Jaqueline Silva e Sandra Pires (atletas do vôlei de praia); as mais novas revelações Daiane dos Santos e Daniele Hypólito; Jade Barbosa (da Ginástica de solo e da trave) Marta (do Futebol Feminino); Clemilda e Uênia Fernandes (da equipe de Ciclismo) dentre outras.

Estas mulheres assumiram posturas que as levaram ao lugar mais alto dos pódios Olímpicos e dos Pan – Americanos. Conquistaram resultados cada vez mais expressivos, e hoje a mulher atleta ainda carrega consigo um significado que rende uma série de questionamentos intrigantes.

Simões; Cortez e Conceição (2004) nos falam que o esporte de rendimento é visto como um modelo provedor de ascensão social, de status e de provável fonte de emancipação financeira. Por isso, vêm o esporte espetáculo – Basquete, Handebol, Futebol de campo e Vôlei como um microssomo da sociedade, pois refletem valores sociais, culturais bem como normas, condutas e ideologias.

Simões (2003) também compreende que a incorporação feminina no esporte de rendimento em quase todas as modalidades olímpicas na atualidade, é uma realidade. Isso representa, que as mulheres já são consideradas profissionais do ramo esportivo e que a tentação do poder e da possibilidade de ganhos financeiros, fizeram com que as mulheres encontrassem no esporte um meio de vida, no qual obtêm sucesso, satisfação e emancipação financeira.

A quinta unidade de significado, Pela divulgação da mídia, (respondida pelo Sujeito 05, compreendendo 16,6%) e a sexta unidade de significado, Os homens respeitam mais as mulheres que praticam esporte, (respondida pelo Sujeito 06, 16,6% dos entrevistados) serão analisadas conjuntamente, pois acreditamos que estas possuem ligações entre si.

Desse modo, quando o Sujeito 05 fala “... *ela ta inclusa a mídia está ajudando muito.*”, seu discurso está em consonância com o que os autores Junior; Scagliusi e Simões (2004) quando se referem à mídia como sendo sem dúvida alguma, um dos agentes sociais que influenciam os padrões de comportamento a ser seguidos pelas pessoas em sociedade, pois fornece informações associadas a todos os tipos de produtos, quer estéticos, quer alimentares.

Os meios de comunicação podem ser grandes colaboradores para a ascensão da mulher no mundo esportivo,mas, podem contraditoriamente contrubuir e também dificultar a participação das mulheres no contexto dos esportes. Podem manipular e influenciar os costumes, pensamentos e se transformarem em um dos principais responsáveis pela manutenção, esforço ou exclusão dos preconceitos existentes. Cabe a nós discernirmos quanto a sua ação e sabermos posicionar-nos criticamente frente ao poder midiático.

Neste sentido, associamos esta visão com a idéia postulada na sexta unidade de significado, em que o Sujeito 06 acredita que a mulher pode encontrar

no esporte uma possibilidade de ter sua emancipação, a partir de uma reformulação de pensamentos e mentalidades, dentre estas, encontra-se um maior respeito para com as mulheres que praticam esporte. Nas suas palavras: “os homens vem respeitando mais e elas vem sim conquistando o seu espaço, sociedade vai abrindo mais a mente ...então é isso... vai respeitando mais a mulher que pratica esporte não só os esporte ditos masculinos..né mas os femininos e devagarzinho a gente consegue um lugar ..mudar esse pensamento.”

Podemos analisar esse pensamento declarado por esta acadêmica, a partir da concepção de Bourdieu (2007) sobre o poder simbólico ocasionando a mudança de *habitus*. Para o autor, o trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente performativa de nomeação que orienta e estrutura as representações, a começar pelas representações do corpo; ela se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos do corpo.

Dessa forma, os meios de comunicação por meio de sua poderosa influência midiática utilizam-se dos símbolos e dos signos para veicular suas mensagens e acabam contribuindo naquilo que os autores Junior; Scagliusi e Simões (2004) disseram e de que nós nos apropriamos para analisar a quinta categoria. Sendo assim, o discurso apontado pela acadêmica procede, pois, ao ser constantemente divulgado pela mídia que a mulher faz parte do contexto esportivo,(daí nos reportamos aqui, às mensagens de uma imagem positiva) vão sendo criados conceitos, condutas no imaginário das pessoas, logo as mudanças serão percebidas nas suas formas de pensar, ser e agir. Acabam por aceitar com mais naturalidade determinados fenômenos que constantemente são apresentados, como aqui no nosso caso, a mulher no esporte.

A sexta e última unidade de significado referente à segunda resposta da questão nº1, a que denominamos de: O esporte auxilia no comportamento feminino a torna menos tímida e mais popular; teve apenas, 16,6%, compreendendo a opinião do sujeito nº06. Esta visão de que a mulher pode emancipar-se no esporte na medida em que ela, no convívio dentro destes, vai se transformando e adquirindo

elementos que a tornam mais confiante, segura e como a própria entrevistada relata, “.... *contribui sim no fator dela se soltar mais parece que ela praticando o esporte ela ajuda ... eu vou dá um exemplo de mim mesma, eu pratico esporte e eu era muito tímida antes de praticar, então o esporte me ajudou a me tornar mais popular, me tornar não é ..com menos timidez a me expor em locais públicos.. então isso auxilia sim...vai auxiliando o comportamento da mulher vai ajudando na maneira dela agir também na sociedade ..eu acho que é por isso que auxilia*”, é importante, porque ela sugere uma análise mais aprofundada que pode dar subsídios fundamentais para a discussão da formação profissional e o preparo destes profissionais, para o ensino dos esportes, pensando na formação e na aprendizagem da mulher neste contexto.

Sendo assim, buscamos em Rabello (1969) uma análise mais geral sobre as contribuições que o esporte como um contexto social e as práticas esportivas enquanto um meio e agente socializador podem contribuir para emancipação da mulher. O autor nos apresenta que a inserção feminina no contexto social, ampliou o espaço de vida permitindo não só uma movimentação livre, mas também uma mudança de ordem sócio- psicológica significativa, as quais garantem em parte sua independência, autodeterminação e percepção como ser autônomo.

Neste mesmo sentido, Simões; Cortez e Conceição (2004) nos falam que a prática esportiva para algumas mulheres tornou-se um meio de realização, conquista, independência e autoconfiança. E o campo farto para a busca dessa realização, como vimos são os esportes de alto rendimento.

Este mesmo pensamento é encontrado em Goellner (2004) que nos diz que o esporte se traduz como um importante elemento para a promoção de uma maior visibilidade das mulheres nos espaços públicos.

Mediante as falas dos autores, fica-nos a mensagem e a responsabilidade de que cabe a nós, enquanto interventores e agentes formadores de profissionais que vão atuar diretamente com o ensino dos esportes, em uma época em que a inclusão, diversidade, alteridade são princípios apontados constantemente no ato pedagógico, de que devemos alertar e formar os profissionais capazes de atentarem e possibilitarem meios de aprendizagem que contemplem e promovam dentro dos

esportes, situações positivas que contribuam favoravelmente para o despertar da autoconfiança, da independência e por consequência a possibilidade de emancipação de meninas, adolescentes e mulheres nos espaços de nossas escolas, clubes e academias esportivas.

QUADRO DE UNIDADES DE SIGNIFICADOS

QUESTÃO N°2: Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?

Unidades de Significados	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6	Total	Porcentagem
Filosofia	X					X	02	33,3%
Esporte Escolar	X			X	X		03	50%
Futebol		X		X	X		03	50%
Atletismo		X					01	16,6%
Antropologia						X	01	16,6%
Estágio I			X				01	16,6%
Educação Física Cultura e Sociedade				X	X		02	33,3%
Aprendizagem e Desenvolvimento Humano						X	01	16,6%
Basquetebol		X		X			02	33,3%
Voleibol				X			01	16,6%

Quadro referente à resposta dos acadêmicos à questão n°2

2.5.3 Análise das informações dos Acadêmicos referente à questão n°2.

No que consiste a questão n° 2: **Na sua formação profissional, quais disciplinas você apontaria que contribuíram para suas reflexões sobre a mulher no esporte?** Tivemos 10 disciplinas que correspondem às unidades de significado.

Assim, nomeamos a primeira unidade de significado em Filosofia na qual tivemos 02 sujeitos, (Sujeitos 1 e Sujeitos 6) 33,3% dos entrevistados, concordando

que esta disciplina contribuiu para as reflexões acerca da mulher no esporte.

A disciplina Filosofia Práticas Corporais & Corporeidade é oferecida na grade curricular do curso no 3º período. De acordo com a sua ementa, tem a função de possibilitar ao acadêmico a: Introdução ao estudo dos grandes temas do pensamento filosófico e de suas relações históricas com as concepções de corpo e corporeidade presentes no processo de organização do pensamento, na cultura, sociedade e na práxis educativas da Educação Física brasileira.(PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO,2004)

Para os Sujeitos 04 e 05 a disciplina que os fez pensar sobre a mulher no esporte foi Educação Física, Cultura e Sociedade, representando 33,3% dos entrevistados, esta disciplina é oferecida no quinto período e tem segundo sua ementa, a função de: Introduzir o estudo da Cultura Corporal e de suas relações com a estrutura social na constituição das representações sociais e ideológicas de corpo e corporeidade, sedimentadas no modo de produção social: trabalho e lazer, tempo socialmente disponível, estética e saúde física. Estudos sobre a mitificação, mercadorização e coisificação do corpo enquanto mecanismos de consumo, adoração (narcisismo) e alienação do homem, nas sociedades historicamente reguladas pelos processos tecnológicos e industrial. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2004)

Antropologia Social e Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, foi apontada apenas pelo Sujeito 06, correspondendo aos 16,6% dos entrevistados. A disciplina Antropologia Social é oferecida no primeiro período do curso e tem segundo sua ementa, a função de: Introduzir o pensamento antropológico, tendo como parâmetros as suas principais correntes teóricas. Analisar a cultura como geradora de percepções, concepções e de utilização do corpo e de cultura corporal do homem em suas estruturas e espaços vivenciais. Estudo do fenômeno da corporeidade como materialização de expectativas e respostas sociais. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2004)

Já a disciplina Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, citada pelo Sujeito 06, é oferecida no quarto período do curso e contempla em sua ementa uma formação voltada para: Os estudos das principais correntes /abordagens

pedagógica inscritas no campo da Educação Física, centralizando os conhecimentos nos aspectos relacionados às aprendizagens cognitiva, afetiva e motora, bem como no desenvolvimento da criança quanto às aprendizagens sociais, estruturadas nas teorias funcionalistas, perceptivo-motoras e desenvolvimentistas, preconizadas pela Educação Física. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2004)

Dos 06 sujeitos entrevistados, 04, 66,6% apontaram como disciplinas fundamentais para pensar a mulher no esporte em sua formação profissional, foram as disciplinas de caráter teórico, esse dado representa que a formação profissional em Educação Física, não se constitui em apenas conhecimentos advindos de uma bagagem técnica e instrumental, principalmente em se tratando de discussões voltadas para o ensino dos esportes. O que comprova o rompimento do “mito” de que para ser um bom professor de Educação Física o que se precisa saber e ter são conhecimentos práticos.

Para se ter uma boa formação profissional e saber intervir pensando na aprendizagem feminina no contexto dos esportes ficou comprovado que se necessita de uma discussão mais aprofundada tendo como pano de fundo para esta, disciplinas de caráter mais reflexivo.

Estas disciplinas citadas pelos quatro sujeitos assumem justamente essa função por estarem contidas em um conjunto de disciplinas, o qual vem expresso no Projeto Político Pedagógico do curso, como sendo as disciplinas que compõem a formação básica do profissional, as quais têm por finalidade possibilitar o profissional desenvolver ações pedagógicas a partir de conhecimentos teóricos e práticos em ações interdisciplinares relacionadas ao conhecimento do homem na perspectiva científico- biológica, cultural, histórica, filosófica e social.

As disciplinas de caráter teórico apontada pelos 04 sujeitos, revela-nos ainda que não podemos eleger para as ações e intervenções dos esportes como bagagem fundamental, apenas os conhecimentos advindos de disciplinas de caráter prático. O que comprova que na formação profissional não se pode ter e cultivar as dicotomias teoria / prática. Para se ter uma boa intervenção prática a teoria é essencial para que esta aconteça.

Para os Sujeitos 02, 04 e 05, 50% dos entrevistados, a disciplina Futebol foi

a que os possibilitou pensar a mulher no esporte. Esta disciplina é ministrada no quarto período do curso e tem em sua ementa, a função de na formação profissional apresentar a metodologia do ensino do Futebol/ Futsal baseada nos conhecimentos históricos da modalidade, nos fundamentos e no seu desenvolvimento técnico, visando a apreensão dos conteúdos e da didática de transmissão dos conhecimentos. Plano de aula explicitando o modelo mais adequado de ensino desta modalidade esportiva. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO)

Já a disciplina Atletismo, foi citada pelo Sujeito 02, representa 16% dos entrevistados como sendo colaboradora para suas reflexões acerca da mulher no esporte. É ministrada no segundo período do curso e de acordo com sua ementa, deve propiciar a metodologia e ensino do atletismo a partir dos seus conhecimentos históricos e sociais, dos fundamentos básicos (modalidades e estilos) e noções gerais sobre as regras competitivas. Introdução aos atendimentos de emergência decorrentes dos traumatismos mais comuns desta prática. Plano de aula contendo a forma, os procedimentos, a avaliação e a didática de ensino do Atletismo. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2004)

Vimos que o Sujeito 02 teve a oportunidade de construir suas reflexões sobre a mulher em duas disciplinas estritamente de caráter prático, e os Sujeitos 04 e 05 encontraram suas reflexões não só nas disciplinas teóricas, mas também nas práticas. Isso representa que as reflexões em uma formação profissional acontecem também nos momentos da prática, o que nos leva mais uma vez a defender que não se pode enaltecer apenas uma das vertentes, teoria ou prática, mas sim possibilitar o diálogo constante entre as duas vertentes.

Percebemos a partir de uma análise reflexiva das ementas das disciplinas citadas por estes sujeitos, que estas não fazem nenhuma menção específica acerca do ensino e da aprendizagem voltadas para o sexo feminino, ou algo próximo de uma discussão de gênero nos esportes, nos levando a entender que as reflexões construídas por estes sujeitos só foram possíveis a partir da intervenção dos professores responsáveis por estas disciplinas.

Para finalizar a análise dessa questão nº2, temos as disciplinas Esporte Escolar: Princípios Metodológicos citada por 50% dos entrevistados e Estágio

Supervisionado I por apenas 16,6% .

Esporte Escolar: Princípios Metodológicos foi apresentada por três entrevistados (Sujeitos 01, 04 e 05, 50% dos entrevistados) é uma disciplina que se encontra no quinto período do curso e de acordo com sua ementa, possibilita os estudos sobre a influência do esporte competitivo e o seu papel (excludente) no interior da escola. Problemas metodológicos do esporte de performance – esporte na escola- para as novas possibilidades do esporte como matéria de educação e ensino, instituído a partir da cultura, da identidade social e do desenvolvimento técnico – esporte da escola. Introdução às novas metodologias baseadas nos jogos cooperativos nas aulas de Educação Física escolar. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2004)

Os Sujeitos 04 e 05 aparecem novamente citando, neste caso, a disciplina Esporte Escolar citando como fundamental para a formação de um pensamento reflexivo sobre a mulher no esporte. Estes sujeitos apareceram em três categorias dessa questão, entendemos que esta situação se deva pelo fato de ambos estarem a mais tempo no curso, cursando o sexto período e também, por fazerem parte do projeto Paidéia há mais tempo do que os demais entrevistados, nos levando a acreditar que estes possuem mais maturidade e mais experiências para perceberem a sua formação profissional de um modo sistêmico.

Em relação à ementa da disciplina Esporte Escolar: Princípios Metodológicos notamos que esta em seu texto, abre caminhos para que o professor construa momentos favoráveis para discussões sobre a mulher no esporte, uma vez que a mesma propõe-se a formar profissionais que sejam capazes de pensar o esporte como algo educativo e também de construir possibilidades de novas metodologias para o ensino dos esportes no contexto escolar.

Já a disciplina Estágio Supervisionado I, indicada pelo Sujeito 03, 16,6% dos entrevistados, encontra-se no quinto período do curso e compreende o primeiro momento de intervenção sob orientação do professor no âmbito escolar. Sendo que esta intervenção é compreendida na primeira fase do ensino fundamental em escolas da rede municipal.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2004) esta disciplina possui a

seguinte ementa: Estudo teórico metodológico do ensino da didática e sua aplicação prática na área de Educação Física Escolar. Acompanhamento dos alunos em processos de regência em aula junto à rede ou sistema educacional. Estes conteúdos – desenvolvidos / aplicados em vários momentos do curso – devem possibilitar, ao acadêmico, uma coerente e sistemática aprendizagem em processos educativos concretos, levando em conta os problemas cotidianos, as contribuições da didática e a relação dialética da vida social com a escola.

Os Estágios Supervisionados caracterizam-se essencialmente como um momento favorável do diálogo entre a teoria e a prática. Trazem uma especificidade em relação às demais disciplinas da grade curricular, que é a de ter três professores para servirem de orientadores/ supervisores.

Esta particularidade faz-se importante para entendermos o porquê de apenas um acadêmico ter citado essa disciplina, como possibilitadora para as suas reflexões sobre a mulher no esporte. A organização e sistematização dos estágios é apontada também, no Projeto Político Pedagógico (2004) onde encontramos que cada professor /orientador é responsável por um grupo de estagiários, os quais desenvolvem suas intervenções em uma das escolas do município.

Sendo assim, não podemos garantir que esta discussão sobre a mulher no esporte que segundo o Sujeito 03 disse ter apreendido no Estágio, fazem-se presentes em todos os três grupos dos demais professores / orientadores. O que podemos afirmar é que, o Sujeito 03, diz ter sido o Estágio, fundamental para compreender mais sobre as possibilidades da mulher no esporte.

Diante dessa afirmação, analisamos o texto que compõe a ementa da disciplina Estágio Supervisionado e vimos que esta, não contempla na sua descrição nenhum indicativo referente à mulher nos processos de ensino e aprendizagem esportivo, o que nos leva a acreditar que o Sujeito 03 pode ter construído suas reflexões a partir das abordagens e intervenção estabelecidas pelo seu professor/ orientador nos momentos de discussão, orientação e planejamento necessários para regência.

De um modo geral, vimos que as disciplinas citadas pelos sujeitos, pelo que vem expresso em suas ementas, não contemplam nem direta ou indiretamente para

uma reflexão sobre a mulher, quer nos espaços sociais ou nos esportivos. Entendemos, portanto, que se os acadêmicos conseguiram apreender algo sobre essa abordagem por nós investigada, estas surgiram no contexto das disciplinas a partir de uma vontade, compreensão ou necessidade do professor de estarem articulando sobre o tema e acreditamos que estas devem estar presentes em seus planos de trabalho semestral. No entanto, só teremos condições de falarmos mais sobre esse assunto, à medida que desvelarmos os discursos dos docentes entrevistados.

2.5.4 Relato das informações do segundo grupo: Professores do Curso de Educação Física da UNIRG

Apresentação das respostas e indicadores

Professor 1

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Eu acredito que sim, o esporte possa ser um meio de emancipação do universo feminino até mesmo por eu trabalhar na área já há muito tempo eu tenho observado, tenho acompanhado as mudanças que o universo feminino tem tido no decorrer não só das práticas esportivas, mas também das práticas corporais. Fui técnico de equipes femininas e convivi muito com as mulheres por muito tempo e a gente acaba fazendo disso um laboratório. Em relação ao esporte sendo utilizado como um meio de emancipação eu acredito que realmente funciona sim, porque como qualquer outra não só modalidade ou profissão... porque o fato da mulher ser uma desportista, não deixa de ser uma profissional da área... acaba conquistando seu espaço, ela tem conquistado seus espaços nas empresas, nos escritórios e no esporte não tem sido diferente não cada vez que passa ela ta buscando mais ainda aprimoramento não só físico, mas psicológico etc..e tal.. e a gente observa realmente que antigamente o predomínio esportivo era basicamente dos homens. Tendo em vista as Olimpíadas Antigas que não se podia participar mulheres, os jogos olímpicos antigos e os jogos olímpicos da era moderna quebrou-se esse tabu

e a cada jogos olímpicos que a gente acompanha que é um momento de magnitude do esporte pra quem trabalha... pra quem gosta principalmente do esporte competitivo então... onde a gente vê realmente que a mulher tem conquistado seu lugar ao sol de forma competente.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Por causa das mudanças que a mulher vem sofrendo no interior das práticas esportivas e corporais;
- ✓ Conquistas de espaços nas empresas, escritórios e no esporte;
- ✓ Busca de aprimoramento físico e psicológico;
- ✓ Jogos olímpicos Antigos e da Era moderna quebrou este tabu.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Olha como eu coloquei na ficha ai, eu ministro a disciplina de Primeiro Socorros ,ministro a disciplina de Ginástica Adaptada e Estágio II e III. Eu vou falar por disciplina... o que a gente vê no convívio do dia a dia com as mulheres dentro da disciplina, Primeiro Socorros é até engraçado porque geralmente elas são as que mais falam que não vão ter coragem de socorrer ninguém isso no começo da disciplina ai você observa que na prática no dia-a-dia com toda a teoria que a gente passa... a gente no final do semestre elas já estão com outro pensamento. Elas falam que se eu correr eu com certeza vou tomar a frente... com outra postura diferente, geralmente quem toma a frente nessas situações é sempre o homem. O homem que éo... a pessoa que resolve os problemas...ou pelo menos era..hoje em dia a mulher tem passado cada dia mais a frente em várias situações..realmente está a frente do homem..anos luz da gente..a gente usa essa forma de expressão na disciplina de Primeiro Socorros. Na Ginástica Adaptada a gente trabalha muito ..voltado mais para os deficientes.. e ai as mulheres levam vantagem...porque elas tem o carisma..aquele lado materno ..de lidar com os alunos deficientes excepcionais...e ao contrario do homem, o homem é mais fechado mais rude a mulher acaba levando uma certa vantagem nessa convivência... O Estágio II e o III

a gente observa a prática profissional de cada um deles e novamente dependendo da classe que se trabalha .. a gente observa que o homem tem um tino maior..quando é criança menor as mulheres levam vantagem novamente justamente pelo fato da questão feminina, mais dócil com mais carinho os homens são mais rude e já no ensino médio o ensino fundamental segunda fase eles levam vantagem eles se impõe mais ...o trabalho com adolescente a dificuldade é maior daí as mulheres tem um pouco mais de dificuldade de se impor em relação a essa faixa etária de alunos.

INDICADORES

- ✓Primeiro Socorros: levar a mulher tomar a frente e socorrer com uma postura diferente;
- ✓Ginástica Adaptada: mulher tem mais vantagem por causa do carisma e do lado materno;
- ✓Estágio II e III: mulheres levam mais vantagens com crianças menores por causa da docilidade e carinho e mais dificuldade com alunos de faixa etária mais avançada.

Professor 2

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Sim, acho que sim...É ...hamm pelas experiências que a gente ta vivendo no projeto do qual não faço parte de fato, mas... o Paulo me ajuda nos projetos.. a gente tá vendo algumas quebras de alguns mitos populares em relação a discriminação da mulher ..penso eu tem muito reflexo..lógico na discriminação da mulher no futebol que refle na discriminação da mulher na sociedade perante a mulher imitar algumas coisas e também a gente ta vendo o movimento do...principalmente por causa do futebol feminino. E também elas estão provando que não tem diferenças técnicas não tem limitações então... puramente ...então as barreiras são puramentesociais...questões de antigos ditos populares..antigos concepções sobre a mulher e suas limitações .O esporte está demonstrando isso ai.

INDICADORES

- ✓Sim;

- ✓ Quebras de antigos mitos populares;
- ✓ Provando que não tem diferenças técnicas;
- ✓ Não tem limitações;
- ✓ As limitações são puramente sociais.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Eu consigo fazer essa abordagem no Futebol. Utilizo um texto que o Jean utilizava, sobre as questões crítico emancipatórias no futebol de uma professora...então eles discutem o texto e é cobrado em prova...a questão da emancipação no esporte e ela também discute umas questões de gênero.. emancipação das crianças no esporte e a questão da mulher com a relação de gêneros através das brincadeiras e a emancipação da mulher também no esporte.Não só dos meninos que sabem jogar bola e sem emancipação,... emancipados no futebol mas a mulher também.Eu conseguir organizar um jogo por elas somente... as mulheres ..então o texto que é trabalhado pro segundo semestre com muita força. Só que é o primeiro semestre que eu trabalho essa questão, incentivado por este fenômeno ai que eu considero um fenômeno atual do esporte do futebol feminino, não tinha como eu discutir na disciplina.

INDICADORES

- ✓ Futebol: utilizo um texto sobre as questões emancipatórias no futebol;
- ✓ Cobro em prova a questão da emancipação no esporte;
- ✓ Discuto questões de gênero;
- ✓ Questão da mulher em relação aos gêneros através de brincadeiras;
- ✓ Organizar um jogo somente pelas mulheres.

Professor 3

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Olha eu não vejo, a possibilidade para o gênero eu vejo o seguinte para o ser humano de forma geral, para a melhoria para qualidade de vida, pra melhoria do organismo biológico, até mesmo para questão social ele pode ser. Da socialização das pessoas, não por causa do gênero, pra mulher ou para o homem.

INDICADORES

- ✓ Não;
- ✓ Pode ser para o ser humano de forma geral;
- ✓ Melhora a qualidade de vida;
- ✓ Melhora o organismo biológico;
- ✓ Pode até mesmo melhorar a questão social;
- ✓ Socializa as pessoas.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Olha, na minha disciplina como ela mexe com a legislação e a legislação se propõe ..ela não é sexista, ou seja, ela não tem direitos que sejam da mulher e tem direitos que sejam do homem, que nenhum nem outro ...ela não tem muito haver com essa questão.. E tem ..pode ser... é que ao dar uma determinada informação na legislação ou mesmo na política educacional do Brasil , os acadêmicos os alunos possam perceber que elas estão sendo lesadas em seus direitos, mas diretamente assim eu não diria... não... tem alguma coisa... que tem indiretamente.

INDICADORES

- ✓ Diretamente não contribui, mas indiretamente;
- ✓ Levar os acadêmicos perceber se estão sendo lesadas em seus direitos;

Professor 4

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Eu acredito que sim, mas tem um ponto...assim que na área do esporte como exemplo assim... Paula, Hortência na área do basquete, temos no futebol feminino hoje como a Marta uma referência nacional e...com certeza como para os homens para as mulheres também...terão uma...uma socialização dessas mulheres na sociedade porque vai socializar, apresentar ...ter possibilidade de conhecer as mulheres ...e a cada dia que passa ela tem crescido e mostrado competência naquilo que ela está fazendo...não só no futebol mas no esporte ...mas também nas

profissões que estão aí ...muitas profissões de homens como na área de direção, construção civil. O esporte com certeza não estaria longe disso..

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Exemplo disso é a Paula e a Hortência no Basquetebol;
- ✓ A Marta no Futebol;
- ✓ Há uma socialização dessas mulheres na sociedade;
- ✓ A cada dia que passa a mulher tem crescido e mostrado competência naquilo que faz;

2) Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

As atuais disciplinas não tem essa ênfase particular para a mulher..Não teria essa... apenas o estágio que teve esse semestre uma proposta de um grupo que buscou a socialização das meninas através do futsal fora isso eu não aplico nas minhas aulas uma atenção a fazer essa socialização essa integração da mulher dentro da sociedade. Eu tento tratar todos com igualdade com possibilidade de chegarem a todos com o mesmo objetivo de vida .

INDICADORES

- ✓ As disciplinas atuais não fazem uma ênfase específica à mulher;
- ✓ Esse semestre apenas um grupo de Estágio procurou socializar as meninas por meio do Futebol;
- ✓ Eu não aplico em minhas aulas uma atenção à socialização e integração da mulher na sociedade;
- ✓ Trato todos com igualdade.

Professor 5

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Bom dentro da maneira como vem sendo defendida as possibilidades de se trabalhar o esporte, e fazendo um recorte com as questões de gênero que avançou

muito e ... a maneira como a mulher vem sendo vista na participação dessas práticas ...e acredito que pode sim contribuir para emancipação tendo em vista que o envolvimento com essas práticas trabalha com a socialização, da participação ...desse envolvimento da participação no geral..e isso amadurece as pessoas que estão envolvidas e acaba beneficiando sim essa questão da aceitação da inserção da mulher nesse universo. Agora acredito que isso precisa ser estimulado, isso não acontece de maneira natural né...isso precisa de alguém de um profissional que domina o assunto, para intervir e chegar a ter esse avanço esse amadurecimento...mas a gente tem visto bastante no dia-a-dia escolar que as coisas tem sim acontecido neste sentido e as meninas tem sido mais aceitas..né no contexto da participação..mas principalmente quando existe esse estímulo por meio de um intermediador.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ A socialização e participação amadurecem as pessoas;
- ✓ Intervenção de um profissional que domine o assunto;
- ✓ Por causa do estímulo vindo de um intermediador.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Eu tenho a sorte de trabalhar uma disciplina no inicio do curso de estar recepcionando esses acadêmicos no curso..e é a área escolar, aera de intervenção área que eu gosto muito...isso faz parte do meu discurso.. e.. no entanto acredito que algumas ênfases são dadas nesse sentido..apesar que eu não estudo as questões de gênero ..mas a medida em que a gente defende a possibilidade de um Educação Física mais humana é na perspectiva mais social..dentro do ambiente escolar, automaticamente ta é defendendo alguns apontamentos para isso. Porém na disciplina de Estágio já lá no quinto período acho que fica mais claro essa relação, porque na verdade a gente via esta intervindo a partir de problematizações..né porque..durante no decorrer das aulas aparecem algumas questões nesse sentido e na tentativa de acompanhar os alunos a gente acaba

dando alguns apontamentos ..participando das soluções das problematizações encaminhando para esse sentido e a gente sabe que são problemas que aparecem de maneira muito clara no contexto escolar e a gente precisa estar preparado e respaldado pelas questões teóricas e metodológicas que a Educação física tem para poder dar resposta pra isso, mas a partir dessa entrevista talvez, eu me atente mais para essas questões ..por talvez não seja assim questões de primeira ordem né na resolução dos problemas..mas percebendo ai a importância dessas questões no contexto escolar, talvez a partir de então eu possa pensar diferente.

INDICADORES

- ✓ História da Educação Física algumas ênfases são dadas nesse sentido;
- ✓ Defesa de uma Educação Física mais humana e social;
- ✓ Estágio Supervisionado I intervenções a partir de problematizações com algumas questões nesse sentido;
- ✓ Dá alguns apontamentos para esse sentido;
- ✓ Atentar mais para essas questões para resolução dos problemas nas disciplinas.

Professor 6

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Bom... pra mim o esporte possibilita a emancipação da mulher sim,que é mais um momento de convivência e interação entre as mulheres..nesse momento elas podem expressar opinião exercer influências não só no meio..mas..como esporte de alto nível os atletas podem expressar opiniões e influências para mídia em um público maior e...é uma possibilidade sim além de todas as possibilidades que as mulheres estão buscando a emancipação. O esporte possibilita a emancipação sim. É mais uma frente um caminho buscado pela mulher que ela ta buscando se superar ta mostrando que o gênero feminino está buscando novos desafios esta se superando esta buscando essa emancipação e é mais uma possibilidade sim principalmente pela emancipação pessoal e essa superação pessoal das mulheres que leva a emancipação feminina.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Momento de convivência e interação;
- ✓ Podem expressar opiniões;
- ✓ Influência da mídia;
- ✓ Mais uma frente e um caminho para superar;
- ✓ Busca desafios.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

As minhas disciplinas possuem um caráter mais biológico, as minhas disciplinas contribuem para essa discussão principalmente nos aspectos motores fisiológicos e capacidades físicas e essa diferença entre capacidade física de homens e mulheres adaptações orgânicas entre homens e mulheres trabalho bastante também o desenvolvimento infantil maturação das meninas e maturação dos meninos verificando que a partir dessa maturação há uma diferença entre o gênero. Então da maturação dos meninos e das meninas até que faixa etária os meninos e as meninas tem as mesmas capacidades físicas e a partir da maturação dos meninos e das meninas eles começam a apresentar diferenças nas capacidades motoras e nos aspectos biológicos.

INDICADORES

- ✓ Contribuem principalmente nos aspectos motores- fisiológicos e nas capacidades físicas;
- ✓ Apresento as diferenças entre capacidade física entre homens e mulheres;
- ✓ As adaptações orgânicas entre homens e mulheres;
- ✓ Desenvolvimento infantil – maturação entre meninos e meninas.

Professor 7

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

É sim desde que seja trabalhado na perspectiva educacional que o suporte educativo vai fazer com que a pessoa, no caso as mulheres tenham uma possibilidade de resignificar sua visão de mundo e assim se entender enquanto um

ser político e social. E a partir daí adotar uma nova postura em função de um novo que está chegando aí... Acredito que o esporte tem todas as condições de contribuir com o processo de emancipação feminina ...da mulher neste aspecto desde que seja trabalhado com ela a questão da auto-expressão e dessa relação com o mundo e essa ..todo esse processo inter-relacional pautado na questão didático.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Desde que seja trabalhado numa perspectiva educacional;
- ✓ O suporte educativo faz com que as mulheres (re) signifiquem sua visão de mundo e daí se entenderem enquanto um ser político e social;
- ✓ Trabalhada a auto-expressão e sua relação com o mundo;
- ✓ Todo esse processo inter-relacional seja pautado na questão didática.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Olha bom..vou pegar uma disciplina que eu tive a oportunidade de trabalhar apenas um semestre que é Sociedade Cultura..É o formato da disciplina propiciou um debate contemporâneo..nós pegamos realmente tema atuais que perpassa desde um norteamento dos elementos corporais que fazem parte da área de estudo da Educação Física como a influência da mídia no processo de democratização do esporte e da nossa profissão e nós demos ênfase em um desse debates a essa questão da mulher e foi super bacana porque a gente percebe que no decorrer do curso nossos alunos estão tendo a oportunidade de dialogar cientificamente com essa abordagem, então não é um trabalho isolado..quando o debate veio para minha sala de aula..é... notei que eles já tinham um acúmulo de conhecimento acerca do assunto e totalmente dentro da questão pedagógica....a visão do educador físico ..então a contribuição foi de provocar essa discussão e analisar cientificamente o que os autores contemporâneos tem escrito sobre...e fazer essa relação com o que está acontecendo atualmente dentro da nossa comunidade..então acredito se na academia estivermos provocando esse debate de forma mais crítica e dando suporte para que os alunos possam pensar e repensar sobre essa visão e sobre o assunto ..eu acredito que foi por aí..

INDICADORES

- ✓Na disciplina Educação Física e Cultura e Sociedade propicio um debate contemporâneo;
- ✓Temas atuais;
- ✓Elementos da cultura corporal e sua influência na mídia;
- ✓Democratização do esporte e da profissão com ênfase na questão da mulher;
- ✓Oportunizo um diálogo cientificamente com essa abordagem;
- ✓Abordo o assunto dentro da questão pedagógica;
- ✓Discussão e análise dos autores contemporâneos;
- ✓Relação com o que está acontecendo dentro da nossa comunidade;
- ✓Debate com suporte crítico para que os alunos pensem e repensem sobre essa visão e assunto.

Professor 8

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Bom na minha concepção ele é um dos meios de emancipação da mulher, porque depende muito da forma como ele é trabalhado... e uma das coisas que a gente ...que eu entendo é que a nós temos que lidar com essa emancipação como uma coisa natural... coisa que o tempo nos trouxe e que é necessário que faz parte do contexto ...então a mulher na verdade um ser humano igual ao homem... e algumas formas de trabalho que está errado..então nós temos que entender ...quem quer que seja tem que entender que esse é sim uma forma de emancipação e o esporte é mais um instrumento para isso.

INDICADORES

- ✓Sim;
- ✓Depende da forma como ele é trabalhado;
- ✓O tempo nos trouxe que é necessário;
- ✓Faz parte do contexto;
- ✓A mulher é um ser humano igual ao homem;
- ✓O esporte é mais um instrumento para isso.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Na minha concepção a primeira forma que nos temos que entender que primeiro a disciplina tem que ser tratada de igual para igual, comum para os dois...os dois grupos sem distinção..acho que isso ai já é uma contribuição..no momento que você começa a visualizar diferentemente diretamente você já está causando um certo transtorno ..já está de uma certa forma ..é excluindo um grupo. A forma que eu entendo mais plausível de se fazer isso é tratar os dois grupos igualmente sem nenhuma distinção ..e a forma de contribuir é incentivar a prática das atletas na nossa modalidade na disciplina Handebol, porque nós temos equipes femininas, temos equipes que tem se destacado no Brasil e no mundo então não tem porque... elas tem que ser tratadas igualmente sem nenhuma diferenciação.

INDICADORES

- ✓ A disciplina é tratada de igual para igual;
- ✓ Os dois grupos sem distinção e igualmente;
- ✓ Incentivo a prática das atletas na modalidade Handebol.

Professor 9

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Eu acredito mesmo não estando a frente de disciplinas que trabalham o esporte em si..né as minhas disciplinas são dança, ritmo, ginástica e o fim assim, delas dentro do nosso curso é ..não tem essa mesma base do esporte..eu assim, com a minha visão eu acredito que sim... mas isso depende muito de como o esporte é trabalhado..é.. aqui dentro da faculdade ...há uma possibilidade sim...é uma grande forma por exemplo para uma mulher estar se mostrando..tá tendo muita evolução em todos os sentidos..mas será que as pessoas estão vendo isso..o esporte é um meio divulgador muito grande né...porque querendo ou não..no nosso país o esporte principalmente o futebol..ele é apesar da... mulher..não...por exemplo...teve a atenção agora no Pan elas venceram e os homens não...houve

toda uma intervenção da mídia para que se prestasse a atenção nisso...mas será que se os homens tivesse ganhado as mulheres teriam tido a devida repercussão principalmente na mídia...É muito complicado a gente falar disso..tudo está atrelado aaos meios de consumo a esse atual momento que a gente vive de globalização é então...é complicado falar...mas eu acredito que sim...dependendo como for trabalhado tem que ter muito entendimento disso..mas...acho que ele é um meio emancipador sim..e ta ai mostrando o que pode ser feito, mas ainda existe muita deturpação ainda para com as pessoas que trabalham com o esporte.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Depende muito como o esporte é trabalhado;
- ✓ É uma forma da mulher está se mostrando;
- ✓ Está tendo uma evolução em todos os sentidos;
- ✓ Repercussão da mídia;

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Bom a sua pergunta está bem diretiva né...quanto a contribuição da mulher no esporte ...é com esse enfoque bem definido.. é....não posso te falar que existe, mas eu trabalho no geral..né... trabalho com as questões do preconceito , da co-educação, com as questões de gênero, discussões a esse respeito eu procuro estar enfocando ..enfocar nas minhas disciplinas através de textos, de discussões através do festival de cultura corporal...e.... eu procuro fazer isso na teoria e na prática a partir do momento que eu discuto ..trago a discussão para sala de aula apesar de ser polêmica... fazer com que os alunos entendam que existe todo esse processo que nós estamos conseguindo avanços mas que ainda está muito enraizado né..na questão cultural, social... eu com certeza procuro fazer essa discussão acontece que eu trabalho mais primeiro e segundo período..essa discussão ainda tem dificuldade de deslanchar mas eu já consigo tentar implantar uma formiguinha aqui pra gente ir avançando no decorrer do curso..né.. vejo que há uma dificuldade de um entendimento mais amplo né dos meninos..como nós comentamos..procuram

fazer assim uma visão normal da sociedade..de que isso é normal que o homem tudo pode tudo mais..procuro mostrar para eles que principalmente isso foi construído que é cultural se é cultural é passível de mudança..que nós precisamos refletir a respeito disso e texto mesmo..muita discussão e prática..muita dificuldade na prática porque trabalha dança e ritmo e existe preconceito por parte ...de uma boa parte..não digo todos porque temos bons alunos que enfrentam isso ..mas tem uma personalidade mais bem formada ..mas ainda existe muita dificuldade..mas falta isso a gente discutir e trazer para sala de aula a prática..Como você sabe que eu trabalho o festival ali é o momento da gente ta desenvolvendo isso, então eu contribuo para a emancipação da mulher dessa forma, mas até é muito bom a gente ta assim conversando com você isso porque eu acho que vale a pena a gente rever alguns posicionamentos e rever assim alguns enfoques maiores nesse sentido..então eu acho que...muito interessante porque eu gosto muito desse assunto, a gente pode até estar desenvolvendo alguma coisa a mais a partir desse trabalho que é de extrema importância muito bom o tema e a gente precisa estar discutindo sobre isso daí eu acho que a gente pode pontuar mais essas questões e vê no que a gente pode contribuir mais ..é por aí...

INDICADORES

- ✓ Trabalho no geral;
- ✓ Questões de gênero;
- ✓ Co- educação;
- ✓ Questões acerca do preconceito;
- ✓ Utilizo textos para mediar as discussões;
- ✓ Também tem o festival da Cultura Corporal;
- ✓ Procuro fazer isso na teoria e na prática;
- ✓ Há uma discussão mas com muita dificuldade por esta ser no início do curso;
- ✓ Procuro mostrar que tudo isso foi construído, que é cultural, se é cultural é passível de mudança;
- ✓ Discussão e trago para sala de aula a prática;
- ✓ Festival momento da prática;
- ✓ Rever alguns posicionamentos com maiores enfoques;

- ✓Desenvolver alguma coisa a mais;
- ✓Pontuar mais essas questões.

Professor 10

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Bom, na minha percepção...é ...tenho um entendimento de que o esporte pode auxiliar na emancipação da mulher, na emancipação feminina com certeza.Agora eu acho que..eu entendo que... a palavra pode ai nessa pergunta ela é fundamental...porque ela possibilita...contribuir ou não contribuir para o processo de emancipação da mulher...neste sentido vou tentar falar sobre as duas perspectiva..

Na minha concepção a parte fundamental para que o esporte possa auxiliar na emancipação da mulher...provocar o desenvolvimento e potencialidade e competência para ela se sentir mais autônoma...ser aceita socialmente..pra ela..pra ela...sentir mais segura...mais forte...porque historicamente tem uma discussão ampla da mulher, sofrendo preconceito desde a questão do voto naquela época antiga..a participação no esporte também foi durante muitos anos.Então nessa perspectiva eu entendo que é fundamental é que quem trabalha com mulheres em qualquer faixa etária desde a criança pequena até a idosa saiba metodologicamente tratar esse fenômeno muito importante mutuo né...na nossa sociedade..saiba tratar metodologicamente pra que as ações e na vivência motora que a pessoa vai ter..possa possibilitar é momentos de reflexão, tanto de debates entre a mulher que faz esporte e o professor e professora quanto na própria vivência..eu entendo que não é só na discussão na reflexão teórica ou no debate com o professor ou com quem está ministrando aquela ...fenômeno esportivo que pode proporcionar momentos de emancipação ou contribuição para emancipação da mulher. Eu entendo que é na própria vivência corporal é preciso que o professor saiba planejar atividades que possibilite a mulher ou as pessoas do sexo feminino se sentirem capazes dentro do fenômeno esportivo.Porque isso? Porque o esporte ..como ele é tratado metodologicamente nos mais diversos lugares, seja ares, seja na escola, seja no clube na iniciação esportiva ou em vários lugares de trabalho..é nesses

lugares o que há é não uma adaptação do esporte para as competências e habilidades que a mulher tem desenvolvidas. Então no meu entendimento esse planejamento do professor das atividades em que serão realizadas essas aulas ou nesses momentos em que está havendo a intervenção com a mulher é fundamental que ele traga também não é só o discurso de emancipação da mulher, mas que ele traga atividades que possibilitem uma formação diferenciada para ela.

Bom em se falando da palavra pode então eu entendo que o fenômeno esportivo acontecendo em um ambiente entre professor e aluno do sexo feminino que ele com certeza não vai provocar aprendizagens e desenvolvimento da personalidade da mulher ...vamos dizer assim, se não for tratada metodologicamente como eu estava falando ai..dificilmente ele vai contribuir para emancipação..muito pelo contrário...da forma como ele é feito hoje nacionalmente mundialmente em várias localidades é óbvio que tem exceções mas vem várias localidades da forma como ele é feito.. os professores realmente não tem o cuidado de dar o tratamento pedagógico para esse fenômeno eles acabam contribuindo para o contrário...para que o esporte não proporcione a possibilidade de emancipação da mulher

Nesse sentido eu entendo que é.... fundamental que o professor...que a pessoa que vai trabalhar com o fenômeno esportivo ...porque não é só o professor de Educação Física porque é um fenômeno de várias áreas...eu acho que alguma coisas que acontece com esses profissionais é que eles estudam muito pouco as questões da personalidade da psicologia..da sociologia da antropologia e uma série de outras áreas..porque nossa formação ainda é muito pequena muito inicial e por ele estudar muito pouco isso ele acaba não entendendo muito bem da personalidade feminina, porque quer queira ou não o sexo feminino é diferente do sexo masculino.... a gente sabe eu já estudei em disciplinas no mestrado na especialização que a questão da personalidade feminina ela tem algumas diferenças da personalidade masculina...né ...estudei por exemplo a teoria do núcleo central William James né...e naquela teoria me chamou muito a atenção e ela tem haver com essa questão que estamos fazendo..porque naquela teoria lá diz muito bem o homem tem o esquema masculino e tem também o esquema feminino e o homem tem também o esquema masculino geralmente mais desenvolvido que o esquema feminino. E a mulher tem

também o esquema masculino e o esquema feminino na sua personalidade geralmente as mulheres desenvolvem mais o esquema feminino do que o esquema masculino né...e tudo isso é uma construção não é só uma questão genética vamos dizer assim...mas é uma questão da personalidade interior da pessoa da personalidade interior e do que ela se expressa para as outras pessoas.. Então essa teoria tem haver com a questão porque se o professor souber tratar metodologicamente...Segundo essa teoria que eu gosto muito..gosto muito de ler sobre ela...se essa teoria diz que a mulher tem um esquema masculino e um esquema feminino então o professor metodologicamente ele tem que interferir no esquema masculino e feminino da mulher através das atividades do esporte, portanto justifica que o processo de planejamento é fundamental..porque as atividades que ele desenvolver ajuda a desenvolver os esquemas femininos mais do que já é desenvolvido..ajuda a desenvolver o esquema masculino que segundo William James o ideal que a pessoa desenvolva bastante o esquema feminino e bastante o esquema masculino e tentando aproximar e igualar o nível de desenvolvimento do esquema masculino e feminino, então pra mim é fundamental esse planejamento para que a mulher consiga então através da vivência corporal por exemplo ela pode as vezes no cotidiano..por exemplo... se ela faz uma prática esportiva corporal que envolve a força, a potência e agilidade coisas que mexem com a índole dela pode ser que no futuro ela possa utilizar dessa aprendizagem que ela teve no esporte para se defender de uma agressão do homem para se impor numa fala em uma reunião para se impor na própria prática esportiva e se o professor só traz atividades calminhas tranqüilas, mais sensíveis porque o esquema feminino tem essa característica segundo essa teoria, se ele só reforça esse esquema feminino ele não está contribuindo para o processo de autonomia dela... mas parece que é por ai..Eu estou só falando de uma teoria da psicologia, agora imagina se a gente fosse pegar Merleau Ponty a antropologia que fala da técnica corporal do homem da técnica corporal da mulher.Então os estudos da sociologia deve ter teorias que também falam dessa questão do gênero dentro das relações do esporte. Eu penso assim, que se tem na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia em várias disciplinas e áreas do conhecimento é importante a gente ter uma

formação ampla, sofisticada e a cada dia a formação continuada é fundamental não vamos conseguir tratar metodologicamente o esporte e ai nós vamos ter dificuldade para utilizar do esporte como um fenômeno que possa contribuir na autonomia da mulheré isso.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Desde saiba tratar metodologicamente o ensino do esporte;
- ✓ Desde que durante as ações e vivências motoras possibilite momentos de reflexão;
- ✓ Debates entre mulheres que praticam esporte e professores;
- ✓ Só o debate não é suficiente;
- ✓ Professor saiba planejar atividades que possibilite a mulher se sentirem capazes dentro do fenômeno esportivo;
- ✓ Possibilitar atividades diferenciadas;
- ✓ Desde que os professores entendam mais das questões da Antropologia; Psicologia e Sociologia;
- ✓ Professor saiba planejar metodologicamente atividades que atuam tanto no esquema feminino quanto masculino da mulher;
- ✓ Professor ter uma formação ampla e sofisticada;
- ✓ Formação continuada é fundamental.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Bom dentro das disciplinas que eu trabalho no curso...não é só uma são várias...mas uma que realmente eu..sou dedicado com bastante carinho a ela e eu entendo que ela pode contribuir muito para discutir né as questões da mulher seja da autonomia, seja na emancipação ou diversas possibilidades quanto às reflexões da mulher.....a disciplina de jogos e brincadeiras e recreações ela tem um papel fundamental no curso..na medida em que os caminhos que eu percorro nessa disciplina são para discutir questões centrais e problemáticas como a questão da competição...dentro do jogo...a questão da cooperação e a possibilidade de transformação de jogos competitivos e jogos cooperativos...a gente sabe muito bem que quando a gente é criança há uma certa competição entre meninos e meninas

na escola dentro da disciplina de estágio que a gente trabalha que foca crianças de 6 a 10 anos aproximadamente crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental...eu percebo então que tanto em jogos quanto no estágio pelas atividades dos jogos e recreações ter muito haver com a competição..acaba provocando dentro das aulas uma certa rivalidade entre meninos e meninas então acho que nos momentos de reflexões dentro das nossas aulas eu tento mostrar para os nossos alunos para que eles se formem melhor e possam lidar com as questões da mulher, no sentido de minimizar de trazer atividades importantes na metodologia de ensino para que minimizem as diferenças entre meninos e meninas..para que ambos possam ter prazer e satisfação naquilo que fazem... possam também ter resultados produtivos..acho também importante é...quando o professor escolhe atividades nos jogos e brincadeiras...porque a gente sabe que cada jogo e brincadeira pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem da criança de algumas formas...então nesse sentido se eu pego um jogo que possa melhorar a sensibilidade a destreza com que um menino possa entender que não é só com a força, com a agilidade e com a potência que ele consegue resolver as coisas na vida dele ..então um jogo que eu dou pra ele pode ajudar ele a ser mais sensível e assim, entender um pouco mais as diferenças técnicas da mulher quando ela pratica determinado jogo, quando esse é mais voltado para a questão da velocidade da agilidade, corrida rápida ou da força por exemplo que a gente sabe que há diferenças ai nessa questão.. em determinadas idades é lógico..então assim, quando eu trabalho jogos e brincadeiras para que tanto meninos e meninas tenham um sucesso satisfatório eu entendo que já esta contribuindo para que o aluno entenda que ele tem também que fazer isso no processo de planejamento dele .

Outra disciplina que eu trabalho aqui no curso que eu acho fundamental é a Oficina pedagógica II..essa disciplina tem um desafio dentro do currículo que é fazer com que os alunos façam diagnóstico em lugares sociais diversificados em nossa comunidade e possam reconhecer problemas sociais nesses lugares e tentar equacionar esses problemas através de um planejamento, um plano de trabalho que a pesquisa social exige..para que ele possa contribuir na resolução de problemas nesses lugares..nessa disciplina eu não me lembro de nenhum projeto de pesquisa

ação específico em nenhum semestre que eu trabalhei com ela específico voltado para as questões de gênero. Isso é algo para se pensar, mas eu entendo que ela tem o potencial fundamental que é de repente grupo de alunos que estão preocupados com as questões das mulheres, essa preocupação pode vir de outras disciplinas do curso ..não é só pessoal ..não é só o aluno que deve pensar isso sozinho....todas as disciplinas do curso podem contribuir para que o aluno possa pensar essa questão da mulher no esporte e da emancipação da mulher de um modo geral ..pra que grupos de pessoas possam chegar nessa disciplina Oficina pedagógica II da pesquisa ação e desenvolver um trabalho em determinados lugares para equacionar ou minimizar os problemas gerados pelas questões de gênero ...essa questão do homem e da mulher..do menino e da menina...do idoso e da idosa...em qualquer faixa etária não só com crianças....dai eu acho que essa disciplina tem um potencial fundamental que talvez não esteja lançando temáticas nessa disciplina que possam contribuir para que grupos possam desenvolver esses projetos....é nessa disciplina também acho fundamental é...a forma como a gente faz..os pequenos projetos ..vários projetos que são avaliados se tem viabilidade ou não..é...a gente trabalha com grupos temáticos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte..então por exemplo lá tem grupos temáticos que se os alunos ler alguns artigos daqueles grupos..muito possivelmente ele pode despertar o desejo de fazer uma monografia ligadas as questões da mulher ou mesmo na Oficina Pedagógica desenvolver algum projeto que na oficina pedagógica II ele possa desenvolver projeto com grupo de pessoas na comunidade.

A disciplina de Atividade Física e Saúde aqui eu acho que eu consigo contribuir ...eu consigo né ..e a disciplina também tem todos os conteúdos dentro que eu trabalho...com artigos científicos mais atualizados..então por exemplo nessa disciplina é....tem uma discussão muito importante dentro da ementa dela que é mulher – corpo- estética então eu trabalho com alguns artigos que tem essa discussão...outros que trabalham com imagem corporal e auto-estima...outros que trabalham com idosos e imagem corporal..então assim, nessa disciplina tem discussões tanto do ramo individual, quanto da saúde pública e coletiva que eu faço os alunos pensarem através dos artigos científicos que é importante tratar dos

grupos mais diversos que existe na sociedade entre eles a mulher, o homem, o idoso..o hanseniano, o aidético é....grupos minoritários que geralmente ficam de fora das práticas corporais e das pesquisas..porque pesquisar com quem tem ...problemas de saúde grave sérios a gente tem medo...então por as pesquisas ter um caráter mais empírico analítico..você acaba excluindo dos grupos de pesquisas essas pessoas..então nós temos que reverter esse processo...então na Atividade Física e Saúde o que eu tento discutir com ele são trabalhos de pesquisas e monografias ou até mesmo na intervenção dele profissional, considerando esses grupos sociais diversos...e a mulher é grupo que precisa de mais estudos de mais discussão que precisa de tratamento diferenciado pra que ela possa se emancipar ter seu lugar dentro do curso de formação...

Bom já falei sobre a disciplina didática e prática de ensino I que lidar com as diferenças lá dentro e um planejamento bem feito, essa disciplina possibilitar o aluno fazer uma unidade de ensino para ele dar 12, 13, 14 aulas na escola considerando as questões de gênero...já foi feito..nós temos experiências significativas tanto nos meus grupos de estágio quanto em grupos de outros professores que tem pensado essa questão dentro das práticas corporais.

INDICADORES

- ✓Jogos Brincadeiras e Recreação: discuto questões centrais e problemáticas como a competição, cooperação e transformação de jogos competitivos em cooperativos;
- ✓Jogos e Brincadeiras: jogos que possam melhorar a sensibilidade do menino;
- ✓Jogos que os meninos possam entender que força, agilidade e potência não conseguem resolver as coisas na vida;
- ✓Jogos que possibilitem a entender um pouco mais as diferenças técnicas da mulher;
- ✓Estágio I: momentos de reflexão sobre as rivalidades de meninos e meninas;
- ✓Estágio I: trazer atividades e metodologias para que minimizem as diferenças entre meninos e meninas;
- ✓Estágio I: atividades que possibilitem ambos os sexos a ter satisfação naquilo que fazem;
- ✓Pensem estas questões no planejamento;

- ✓ Oficina Pedagógica II: não me lembro nenhum projeto específico com as questões de gênero;
- ✓ Oficina Pedagógica II tem um potencial fundamental que possa contribuir para essa questão da mulher no esporte e da emancipação da mulher desenvolvendo projetos com a comunidade;
- ✓ Atividade Física e Saúde: contribuo com discussões de artigos mais atualizados;
- ✓ Discussão sobre mulher- corpo- estética;
- ✓ Discussão sobre imagem corporal e auto-estima;
- ✓ Imagem corporal de idosos;
- ✓ Atividade Física e Saúde: tento discutir com eles trabalhos de pesquisas e monografias e até mesmo intervenção profissional com grupos diversos, inclusive a mulher;

Professor 11

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Bom eu aposto e acredito que o esporte é um veículo que te permite conduzir a emancipação da mulher, mas esse processo só vai acontecer se for bem orientado, se for supervisionado e for um valor daquele profissional que está trabalhando..eu não consigo desvincular emancipação feminina com qualquer outro tipo de emancipação sem que a gente discuta valor pedagógico. Então qual que é o valor pedagógico que nós estamos dando para discussão da emancipação da mulher..então a partir desse ponto de vista eu acredito que o esporte pode ser esse grande instrumento de inserção da mulher de conquista da mulher...de é...de... mostrar para sociedade que a mulher tem o seu espaço e seu lugar, mesmo considerando...sem cair no discurso da igualdade que a mulher tem que ser igual ao homem, mas que a gente tem que ser diferente e a gente aceitar e nos aceitar da forma mais equilibrada possível. É quando a gente fala de Educação Física eu entendo que o Esporte que ainda que esse espaço é ..que a mulher deve superar...e ai a gente tem tradicionalmente o esporte como o futebol, basquete o handebol que são exemplos de modalidades que a mulher carrega um certo

preconceito por parte da sociedade, mas que o esporte e as instituições e os professores eles devem assim como a família ir orientando esses profissionais para que ...orientando seus alunos e alunas para que eles possam conseguir conviver de forma harmoniosa com esse processo de inserção da mulher em espaços predominantemente masculinos.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Mas esse processo só vai acontecer se for bem orientado, supervisionado e planejado;
- ✓ Se for um valor do profissional que está trabalhando;
- ✓ Desde que tenha um valor pedagógico;
- ✓ A mulher tem seu espaço e lugar;
- ✓ A gente se aceite da forma mais equilibrada possível;
- ✓ Desde que as instituições esportivas, professores e família oriente alunos e alunas para conseguir viver de forma harmoniosa com esse processo de inserção da mulher em espaços predominantemente masculinos.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

As minhas disciplinas eu tenho, tanto historicamente falando quanto as atuais eu sempre procuro trazer o perfil da inclusão. Isso tem duas questões importantes na minha vida que me fazem pensar nessa forma. Primeiro é minha formação pessoal sobretudo afetiva que está em conviver com uma pessoa que ao longo de sua vida jogou bola eu tenho a minha noiva que é jogadora de futebol..que eu convivo com o drama da mulher que joga bola, eu já trabalhei com futebol feminino, então isso me fez, é ter um olhar sensível em relação as disciplinas e ao próprio curso, como um todo..como eu disse na questão anterior é um valor que enquanto pessoa e pra mim enquanto é profissional do ensino superior...

Segundo aspecto é que a minha formação profissional desde da graduação fechando agora por último com o mestrado me vez tornar sensível, mais sensível ainda do ponto de vista acadêmico sobre a questão de gênero, porém a minha

formação profissional específica é no campo do Lazer. Então a discussão mais séria que a gente tem a mais profunda que a gente tem e que eu tento iniciar e concluir o semestre com esse salto qualitativo é justamente é nas barreiras que o Marcelino chama do lazer. Então temos diversos tipos de barreiras..entre as barreiras que eu procuro estar mais sensível e passar para os meus alunos é a superação aos preconceitos em relação aos gêneros. Então essas diferenças grosseiras entre homem e mulher elas devem ser superadas ao que se refere as políticas públicas, planejamento e organização de atividades, reitero não é o caso de propor nas minhas disciplinas que a mulher seja vista igual ao homem. Então eu acho que isso é um valor equivocados que ele deve ser superado, portanto eu trabalho de forma sistemática sempre durante as minhas aulas nessa perspectiva de que o aluno compreenda o esporte como um fenômeno plural moderno e etc..e que dentro do esporte ele visualize que o esporte deve ser um ambiente de democracia..se ele é um espaço e ambiente de democracia e se ele é plural logo eu tenho que considerar a mulher como um componente integral por completo desse fenômeno eu não posso desagregar e desarticular o fenômeno esportivo com ...da mulher haja vista a sociedade hoje passa por transformações e entre essas grandes transformações nos temos ai cada vez mais se inserindo no mercado de trabalho e o volume e a quantidade de mulheres também sendo até maior que a quantidade de homens..acho que é até um processo natural da a nossa evolução é entender que a mulher ela de fato vai dominar esse espaço ai da nossa sociedade.

Retomando as questões das disciplinas então, é já tive a oportunidade de trabalhar com a disciplina de futebol, então nada melhor do que futebol, em que a gente sempre discute gênero e sobretudo a questão do preconceito em relação a mulher, o futebol é o exemplo primeiro. Eu sempre discuti com meus alunos tentei discuti com eles das possibilidades inclusive do futebol e da mulher no futebol, então nesse sentido eu tento dá o trato pedagógico para isso, ou seja, desde a inserção da mulher nas aulas de Educação Física gradativa e paulatina, ou seja, eu não faço a inclusão de um grupo que não tem história com futebol, e simplesmente do dia pra noite eu incluo elas numa aula de Educação Física junto com os meninos, procuro dar esse trato pedagógico, quanto as possibilidades de inclusão e de atividades e

para isso a gente consiga efetivar a participação feminina no futebol, no basquete e em outras modalidades até uma discussão social e cultural de como esse mecanismo de exclusão da mulher de preconceito em relação as práticas esportivas no futebol, lógico como o carro chefe tem se construído ai na nossa área de conhecimento. E eu..além disso o projeto nosso de extensão que é o Projeto Paidéia ...ele é um grande veículo hoje de inclusão do gênero feminino no esporte...Então hoje por incrível que pareça...temos mais mulheres praticando esportes do homens, garotos praticando esportes...Eu tive o prazer de recentemente assistir uma aula de futebol é com 22 garotas todas ela abaixo de 10 anos de idade.Acho que o grande troféu do curso...e do projeto de extensão do ponto de vista social e ai como eu havia dito da minha história de vida me permite pensar a mulher de uma forma um pouco mais profunda com sua relação com o esporte. Isso me deixa profundamente emocionado alegre e satisfeito de perceber que existe realmente essa questão , essa problemática questão de gênero mais que ela tem sido gradativamente superada..e a gente tem tido algumas experiências de monografias de alunos que já mostraram e apontaram para essa direção, se você comparar a mulher em um esporte no futebol que é o exemplo que nós estamos dando desse carro chefe é ...em relação a 5 – 10 anos atrás...nós tivemos um salto qualitativo muito grande..e quantitativo também..eu atribuo isso justamente a esse processo pedagógico desse...dos professores estarem se formando nas instituição saindo para suas escolas para suas áreas de atuação de estar perpetuando a idéia de que o esporte não é apenas masculino...então eu preciso incluir o...basquete o handebol o futsal.. e tantas outras possibilidades.. o próprio ciclismo que a gente tem visto ai mulheres nessa área..o Atletismo e Triatlo atividades predominantemente masculinas..não do ponto de vista ..pelo vigor físico etc....mas pela própria cultura que foi se estabelecendo ai na nossa sociedade...Então a partir de todo esse cenário que a gente ta representando aqui..eu entendo que nós temos elementos necessários e importantes para que a gente possa no ato da valoração das nossas próprias aulas...de renovar ou de sensibilizar nossos alunos quanto a necessidade do repensar o esporte e a própria Educação Física seja dentro das aulas de Educação Física no ensino formal e para além disso..no ensino informal

que é nas aulas de iniciação esportiva, são nas práticas corporais...no lazer e nas políticas públicas e nesse sentido como a gente trabalha desde a formação profissional dando um suporte de referencial teórico até oficinas de vivências e de projetos de pesquisa ..a pesquisa ação...que tem como característica a intervenção social ..nós temos que reforçar justamente esse valor que nós adiantamos...de que é necessário de repensar as possibilidades inclusivas do esporte então a gente entende que na medida do possível temos um olhar sensível em relação a isso..nós não podemos garantir é..aqui..de que é possível afirmar que não é só efetivamos todo esse mecanismo em todo esse processo de repassar esses valores que são tão necessários para o ensino do esporte e da Educação Física escolar ..sobretudo o esporte como esse fenômeno sócio- cultural- plural de grandiosidade imensurável que ele deve também estar sensível também a essas mudanças.

INDICADORES

- ✓ Sempre procuro trazer o perfil da inclusão em todas as disciplinas;
- ✓ Na disciplina Lazer focar sobre as barreiras sobretudo as dos preconceito em relação aos gêneros;
- ✓ Refletir sobre as políticas públicas, planejamento e organização de atividades no Lazer;
- ✓ Trabalho de forma sistemática para que ao aluno compreenda o fenômeno esportivo como plural moderno e democrático;
- ✓ Considere a mulher como um componente integral e completo que eu não posso desagregar e desarticular do fenômeno esportivo;
- ✓ Quando ministrei a disciplina Futebol: procurei fazer um enfoque quanto às questões de gênero, preconceito e possibilidades de atividades com trato pedagógico para as questões da mulher;
- ✓ Sensibilizar nossos alunos quanto à necessidade do repensar o esporte e a própria Educação Física no ensino formal e informal;
- ✓ Repensar as possibilidades inclusivas do esporte;
- ✓ Dar um suporte de referencial teórico e de oficinas de vivências, projetos de pesquisa;

Professor 12**01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?**

Bom... a pergunta se o esporte pode ser uma ocasião de emancipação da mulher, eu penso que sim..mas... dentro das disciplinas que eu trabalho eu tenho pensado muito o que seria essa emancipação..em primeiro lugar... as mulheres conquistaram o espaço, particularmente eu vejo que elas conquistaram o seu espaço na sociedade, mas não vejo que todos os espaço conquistados sejam de emancipação...realmente..eu trabalho uma disciplina chamada corporeidade ..se é para a mulher participar do esporte e mudar significativamente algumas coisas do esporte...não basta conquistar espaço, até que piora...as coisas...tenho visto por exemplo que alguns lugares em que as mulheres ocupam espaços políticos elas são mais tiranas ...e então os esporte dentro daquilo que tenho lido, justamente por estar no curso já a um ano é existe uma idealidade em transformar o esporte em coisa lúdica de superação do ser humano, dentro disso eu vejo que a mulher só poderia estar colaborando projetando ...tirando dali primeiro o alto grau de competitividade que tem o esporte ...eu acredito que nem toda competição é maléfica..mas essa profissionalização..que tem levado agora...por exemplouma atleta brasileira depois de tanta fama a questão do doping...Esta muito presente hoje a questão do laboratório e daquilo que é natural no atleta...Olha se a mulher é vista do esse programa basicamente não mudou em nada..eu acho que a democracia no esporte tem que ser seria muito bom que passasse pela mão da mulher seria muito bom se ela desse um outro destino...se ela..por exemplo uma nova visão...dizem que o aspecto maternal da mulher traria para dentro dessa esfera a questão do sentimento da humanização..não só o lado do trabalho..bom...isso poderia abrir várias portas... eu acho que poderia, mas o como eu não sei..eu não sou especialista...da área..mas eu espero isso acontecer.. que a mulher não viesse para competir com o homem que tirasse essa visão..eu por enquanto não tenho visto... isso não ela deveria competir...com certeza..agora se contribui eu não sei....

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ As mulheres conquistaram seus espaços;
- ✓ Os espaços conquistados não são de emancipação;
- ✓ A transformação do esporte em coisa lúdica de superação do ser humano;
- ✓ Retirar o alto grau de competitividade que o esporte tem.

02.Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Olha a disciplina que eu tenho trabalhado assim, mais a questão do esporte e que tem dado certo pra mim... na universidade na academia que é o compromisso do curso...que é pensar o esporte em uma outra dimensão é a disciplina corporeidade e eu tenho aprendido muito com isso..sobretudo quando se trata da liberação do corpo numa constituição do ser humano por inteiro aquilo que a filosofia esqueceu de passar então dentro da minha disciplina eu tenho levado os alunos a perceber essa dimensão... eu quero me reportar aqui de um texto de uma antropóloga amiga minha que fala ...que hoje se discute muito sobre estes pecados da carne....que a moda tem provocado..então nós estamos em uma época agora de jejum medieval..que a gente tem assim, a sociedade..apenas um aspecto da sociedade colocando o corpo que a gente deve ter...então essas questões eu tenho trazido bem presente nas minhas aulas..então eu acredito que a mulher hoje se apresenta como uma das principais vítimas porque apesar de tanta luta das mulheres..ainda há um mandamento machista muito grande que passa inclusive no esporte..que quando a mulher incorpora isso no esporte ela é vista de uma forma ...com preconceito...veja bem o caso daquela juíza que resolveu tirar fotos nua...e foi até expulsa misturando uma coisa com a outra...então eu acho que dentro da minha disciplina a gente tem levado os alunos a perceber essa dimensão corporal como um todo...muito mais do que considerar que o esporte seja uma coisa disso ou daquilo...ou seja de certos atores ou de outros atores....o que pode a mulher vir a contribuir com isso..dentro daquilo que é específico da mulher.. justamente a maternidade... o sentimento não só isso..não seria colocar essas dimensões e

reduzir a mulher só a isso...A mulher tem contribuído muito hoje em todos os campos..na ciência na racionalidade.

INDICADORES

- ✓Na disciplina Filosofia e Corporeidade: Trato da liberação do corpo numa constituição do ser humano como inteiro;
- ✓Levo os alunos a perceber essa dimensão;
- ✓Discuto sobre os pecados da carne que a moda tem provocado;
- ✓A sociedade colocando o corpo que a gente deve ter;
- ✓Apresento que as mulheres são as principais vítimas desse processo;
- ✓Apresento que há um mandamento machista muito grande que passa inclusive no esporte;
- ✓Levo os alunos a perceber a dimensão corporal como um todo;
- ✓Não reduzo as mulheres à apenas uma dimensão.

Professor 13

01.O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina? Por quê?

Eu acredito que tem condições de ser um meio no sentido do trabalho seja desenvolvido ..pra que isso aconteça..o que me preocupa nessa relação de emancipação...autonomia e esporte..é o papel do intermediador desse processo..essas afirmações desse tipo são perigosas a ação para o fenômeno e não para o agente..o agente o professor pode utilizar desse veículo que é o esporte numa perspectiva de emancipação mas... é.. tem que ter cuidado com esse tipo de afirmação... Bom porque o esporte nada mais é do que um instrumento..se eu penso no esporte enquanto um instrumento de emancipação eu preciso criar situações positivas para esse ambiente acontecer ..na minha aula né...na minha intervenção, se eu penso nesse instrumento enquanto uma possibilidade alienadora, opressora, preconceituosa tudo isso vai acabar acontecendo também...Então essa forma de aspas de manipular o esporte é que vai levar ele a ser um veículo emancipador ou um veículo opressor principalmente na vida da mulher..que ta buscando ai ainda hoje apesar do avanço dessa perspectiva seu espaço de

emancipação de autonomia frente ainda ao ranço patriarcal da organização social que a gente vive.

INDICADORES

- ✓ Sim;
- ✓ Depende do papel do intermediador desse processo;
- ✓ Precisa criar situações positivas para esse ambiente acontecer;
- ✓ A mulher busca ainda hoje seu espaço de autonomia e emancipação frente ao ranço patriarcal da organização social.

2) Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Pra mim fica fácil.. porque eu trabalho uma disciplina que discute especificamente o fenômeno esportivo e suas possibilidades de intervenção. Apesar da disciplina chamar esporte escolar a minha proposta de sala de aula avança desse sentido. Retomando o meu discurso da pergunta anterior, se a responsabilidade é do professor esse agente vai ser o intermediador desse processo, educativo, emancipador eu acredito que não há espaço adequado para uma prática tal e o espaço ...intervenção...a intervenção do professor deve estar sempre voltada para um foco só que é a emancipação a formação usando o esporte para isso..essa é uma abordagem que eu trato na disciplina e acredito que neste aspecto a disciplina da um direcionamento para se trabalhar. Na disciplina do estágio III é interessante porque com a intervenção com o aluno em contato direto com a intervenção você começa a esbarrar com situações interessantes que vão lembrar suscitar tudo aquilo que tem se discutido durante o curso né....principalmente na disciplina didática III que é no oitavo período..o interessante é que a disciplinas contribuem é que ...e eu procuro sugerir para os alunos na emancipação da mulher não é só formar turmas femininas fazer as meninas aprenderem a jogar futebol..principalmente futebol que é um local assim predominantemente masculino. Mas umas coisas que eu tenho incentivado nas ultimas aulas é a formação de turmas mistas como nos vamos trabalhar como deve ser o trato com das pessoas no ambiente esportivo, é quando ta muito presente essa diferença. Qual é o meu espaço, como que eu posso pensar o espaço do

outro, como pensar na dificuldade da outra...é são situações presentes no esporte e outra coisa ...eu procuro trabalhar é desvencilhar esse tipo de atuação misturada..dó da infância..eu tenho tentado propor situações em idades mais avançadas para que, porque onde as diferenças estão mais evidentes muito presentes ..principalmente física e comportamentais com grupos bem definidos né... e ai neste aspecto a disciplina do estagio tem um aspecto interessante e ai torna-se um desafio muito bom ai nós vamos começar a pensar se o esporte dá conta desse processo de emancipação e ai eu em pergunto os alunos me perguntam..surtem algumas situações que não tinha surgido. Uma coisa interessante que aconteceu com uma turma de futsal feminino nessa disciplina é que tinha dois grupos bem definidos que eram de duas escolas diferentes ...então existia um grupo de uma escola e um grupo de outra e na hora da separação das equipes para os coletivos elas já se separavam naturalmente passavam um grupo para um lado da quadra e um grupo para o outro né..e eu tentando forçar para que os estagiários ..para propor algo diferente ali naquele ambiente porque e acabava sendo incitada a violência a rivalidade verbal e nesse momento que eu propunha isso depois com o tempo começou a se tornar mais natural os grupos começaram a se aproximar que você começa a acreditar nessa possibilidade nesse poder de persuasão de transformação do esporte que na verdade o esporte em si enquanto fenômeno contribui muito pouco que é mais a figura do professor.. que postura assumir numa situação dessa..então professor passa a ser mais um mediador de relações de possibilidades de comportamento de boa convivência de boa percepção de futuro mais do que o ambiente em si criado pelo esporte, que aliás é mal conduzido para uma situação oposta a isso ... então nesse aspecto as disciplinas que eu tenho trabalhado no semestre elas até se completam nesse aspecto uma coisa é você propor teorias..que na verdade a disciplina esporte escolar vai propor algo de pensar em fazer , algo que é legal que eu acho ...bonito..que uma teoria que eu acho linda..que eu percebo que pode mudar muita gente mas se eu não conseguir convencer o professor de que isso é possível e mais se eu não conseguir convencer o professor que é ele que precisa creditar nisso que ele precisa se perceber enquanto mediador desse processo ..e não só um conhecedor de regras técnicas e

táticas que é também importante fundamental e necessário costume dizer que isso é o mais fácil não precisa nem estar na faculdade pra conhecer de técnica regras de modalidades esportivas as pessoas nem precisam atuar..tem tantos gênios por ai atuando..mas agora para ser um professor de Educação Física e atuar na área do esporte pensando num processo maior do que a aprendizagem e apreensão técnica é ai que nos precisamos estar muito atentos. No nosso caso na formação profissional é uma árdua tarefa né..mas as experiências tem sido interessantes neste aspecto não sei se na questão da mulher especificamente a gente tem uma discussão forte ainda né..o mais difícil do que falar de que a mulher precisa ter seu espaço precisa ter um processo próprio de emancipação mais difícil de que você achar que isso é certo é você concretizar isso nas suas aulas no seu discurso nas suas ações eu acho que esse é um degrau que nós precisamos avançar. Eu não acredito que a gente ainda temos uma coerência entre discurso e intervenção para poder suprir essa lacuna ..mas as teorias estão ai..nada mais são reflexões sobre aquilo que a gente esta visualizando na prática na intervenção e imagino que as disciplinas ..talvez esse assunto deva permear de forma mais ...profunda nas disciplinas..já que é um problema muito comum na prática.... o problema da falta de acessibilidade de falta de coerência de se trabalhar...mos estamos falando em diversidade de inclusão e a gente no momento da intervenção a gente se vê repetindo modelos e padrões de exclusão de modelos e padrões demodelos..modelos..pre-moldados ai que a gente acaba seguindo sem uma percepção muito claro do que esta fazendo

INDICADORES

- ✓ Esporte Escolar procuro voltar a intervenção do professor para o foco da emancipação e formação;
- ✓ Estágio III tenho incentivado a formação de turmas mistas;
- ✓ A reflexão de como deve ser o trato pedagógico com as pessoas no ambiente esportivo;
- ✓ Como pensar no espaço e na dificuldade do outro e da outra;
- ✓ Propor situações em idades mais avançadas;
- ✓ Forçar os estagiários a propor algo diferente;

- ✓ Reflexões de que postura assumir diante da violência verbal e da rivalidade;
- ✓ Propor algo de pensar em fazer;
- ✓ Convencer o professor de que é possível;
- ✓ Fazer o professor se perceber enquanto mediador;
- ✓ Atuar na área do esporte pensando num processo maior do que apenas aprendizagem e apreensão técnica;
- ✓ Talvez esse assunto da mulher deva permear de forma mais profunda nas disciplinas.

QUADRO DE UNIDADES DE SIGNIFICADOS REFERENTE À QUESTÃO N° 1

QUESTÃO N° 1: O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina?

Unidades de Significados	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total	Porcentagem
Sim	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		92,3%
Não															
Talvez			X												7,6%

Quadro referente às respostas dos professores referentes à questão n°1

QUESTÃO N° 1: Por quê?

Unidades de Significados	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5	Professor 6	Professor 7	Professor 8	Professor 9	Professor 10	Professor 11	Professor 12	Professor 13	Total	Porcentagem
01. Pode ser para o ser humano de forma geral			X											01	7,6%
02. A conquista do espaço de dominância	X	X		X				X	X		X	X	X	08	61,5%

feminina e quebra de antigos tabus e mitos ajudam para isso.															
03. O esporte possibilita esses caminhos por meio da interação e da socialização	X		X		X	X		X						05	38,4%
04. A evolução técnica e desempenho físico das mulheres, contribuíram muito.	X	X	X											03	23%
05. A mídia ajuda para esse processo.				X		X		X						03	23%
06. Depende do papel e da intervenção do intermediador desse processo.					X		X	X	X	X		X		07	53,8%
07. Suporte educativo das questões didática dos valores apreçados as esse processo.							X		X	X	X			04	30,7%
08. O professor tem que saber planejar atividades planejadas para meninos e meninas e criar atividades com situações positivas.									X			X		02	15,3%
09. Depende da formação profissional									X					01	7,6%

do professor.															
10. As instituições esportivas, família e professores possibilitem uma convivência harmoniosa com a inserção da mulher nos ambientes esportivos.										X				01	7,6%

Quadro referente à resposta dos professores à questão nº1

2.5.5 Análise das informações do segundo grupo referente à questão nº1.

As respostas dadas por este grupo entrevistado serão analisadas da mesma forma como foi no primeiro grupo, em dois momentos distintos, os quais correspondem primeiramente à questão nº1 e posteriormente à questão nº 2

Dessa maneira, para a primeira resposta da questão nº1 **O esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina?**, elencamos três unidades de significados, sendo a primeira, Sim e a segunda, Não e a terceira, talvez.

Na unidade de significado Sim, tivemos 12 Professores, 92,3% entendendo que o esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação feminina, que foram os seguintes Professores: (P1- P2- P4- P5- P6- P7- P8- P9- P10- P11- P12-P13) e apenas 01 Professor, 7,6% na unidade de significado Talvez que foi o P3.

É interessante notar que entre os Professores que responderam Sim; por mais que a formação profissional e suas áreas de atuação no curso sejam diferentes uma das outras, estes encontram no esporte uma possibilidade da mulher se emancipar. E o mais interessante que notamos foram os seus pontos de argumentação para que isso possa vir a acontecer.

Esse fato de termos encontrado 12 Professores acreditando em uma possibilidade de emancipação e apenas 1 Professor não acreditando nesta possibilidade, estritamente para a mulher, o qual o colocamos na unidade de significado talvez representa que o espaço da Universidade, é um espaço da

diversidade de pensamento e que mesmo diante dessas, as divergências de discursos, suas ações e intenções caminham em uma única direção, que é a de oferecer dentro das suas especificidades a melhor formação para os futuros profissionais de Educação Física.

Conhecemos as divergências de pensamentos desses sujeitos, a partir do momento em que argüimos sobre “por que” o esporte pode possibilitar a emancipação da mulher, ou não. Dessa forma, organizamos suas respostas em um segundo quadro de unidades de significados referente ainda a questão nº 1.

Começaremos entender as diferenças de pensamentos dos professores a partir da unidade de significado 01, que designamos de: Pode ser para o ser humano de forma geral. Nesta unidade de significado, tivemos apenas a opinião de (P3). O professor acredita que o esporte pode ser um meio possibilitador da emancipação do ser humano de forma geral. Daí entendemos, a princípio, que a mulher também poderia se emancipar se esta estivessem envolvida em alguma prática esportiva, seja na condição de desportista ou quem sabe também no caso das atletas- profissionais. No entanto, analisando sua resposta, ele volta a deixar claro que não vê essa possibilidade especificamente para o “gênero” – sexo feminino.

A unidade 02 intitulada de: A conquista de espaço de dominância masculina e quebra de antigos tabus e mitos ajudam para isso. Tivemos oito Professores, 61,5% reconhecendo que a conquista dos espaços estritamente designados como masculinos e o rompimento com antigas formas de pensamentos no âmbito da sociedade foram determinantes para que as mulheres viessem ter sua inserção nos esportes e logo pode por meio dele se emancipar, que foram: P1- P2- P4- P8 – P9 - P11- P12- P13. Essa conquista do espaço de dominância masculina encontra segundo o discurso dos sujeitos, atrelada aos âmbitos de trabalho.

Pelo que vimos a emancipação feminina teve como pilar determinante a sua entrada no mercado econômico. Representa, portanto, estímulo de todo esse processo emancipatório, marca também um momento de profundas reflexões na estrutura social.

A unidade significado 03, O esporte possibilita esses caminhos por meio da interação e da socialização tivemos quatro professores, 30,7% enxergando que na medida em que as mulheres vão aderindo à prática esportiva e nesta tendo a oportunidade de socializar-se e interagir com outras pessoas elas podem ter a possibilidade de construir sua autonomia e emancipação, foram: P1- P3- P5- P6- P8.

Esta forma de analisar que a possibilidade de emancipação feminina a partir das relações e interações mediante a socialização nos espaços das práticas esportivas, merece uma análise cautelosa, pois sabemos que nem todos os espaços esportivos, quer sejam de iniciação e aprendizagem esportiva, ou os de treinamento de alto rendimento carregam um discurso pedagógico articulando aprendizagem esportiva e formação humana.

Para entendermos melhor o sentido de socialização, buscamos em Setton (2000) a qual nos fala, que esta tem a função da construção de um ser social de caráter contratual, revestido de um forte conteúdo moral e ético, pois implica a orientação segundo padrões de comportamento. Esta se constitui ainda em um processo de modelagem dos sujeitos segundo as necessidades do ambiente a que pertencem, e por estes não serem seres passivos, há a troca contínua de estímulos e mensagens entre os envolvidos, imprimindo-lhes uma relação de interdependência.

É a partir da troca que os indivíduos objetivamente interagem com seus semelhantes, realizando e concretizando o mundo que os envolve. (SETTON, 2000)

A partir da explanação da autora, entendemos que para se ter uma socialização e interação dos sujeitos nos espaços de aprendizagem dos esportes, esta enquanto objetivo educacional deve ter segundo Cardoso (2003) a intencionalidade de pretexto discussões sociais/ culturais/ afetivas a fim de potencializar os alunos e alunas para um agir cooperativo, coletivo e solidário.

Desse modo, não podemos garantir que no contexto dos espaços esportivos, sejam oportunizadas situações de aprendizagem que levem meninas – mulheres a consolidarem uma possível emancipação.

Na unidade de significado 04, A evolução técnica e o desempenho físico das mulheres contribuíram muito, tivemos três professores, 23%, que foram: P1- P2- P3. Esses professores nos apresentam um olhar bastante diferenciado para a contribuição do esporte enquanto fator da emancipação das mulheres, esta forma de pensar apresenta coerência com os fatos acontecidos na história da inserção das mulheres nos esportes.

Segundo os sujeitos dessa categoria, as mulheres hoje podem ser consideradas emancipadas tendo como um dos fatores colaboradores a prática esportiva, pelo fato de essas terem conquistado seus espaços mediante a sua performance atlética.

Ao longo do tempo, as comparações quanto ao desempenho atlético entre homens e mulheres, pautadas na composição biofisiológicas, enfatizaram negativamente a participação das mulheres, sobretudo, pelas suas características de baixa estatura, maior percentual de gordura corporal, menor capacidade pulmonar, menor densidade óssea e menor massa muscular.

Estas comparações foram utilizadas por um bom tempo da nossa história, como pretexto para impedir a participação da mulher em várias modalidades esportivas e estas serviram, também, para permanência do discurso patriarcal.

No entanto, sabemos que na atualidade, com os avanços das pesquisas, sobretudo da área do treinamento esportivo, as diferenças biofisiológicas entre homens e mulheres apesar de existirem, passaram a ser melhor compreendidas e a serem ofertados diferentes programas de treinamento, os quais contribuíram significativamente para a inserção das mulheres nos contextos dos esportes de alto rendimento.

Sobre esse assunto, Simões; Cortez e Conceição (2004) nos falam que muitas mulheres passaram a ser aceitas nos esportes de alto rendimento no período em que começaram a se desenvolver estudos científicos na área do treinamento esportivo.

A unidade de significado 05, A mídia ajuda para esse processo tivemos três professores :P4- P6- P9, 23% entendendo, assim como alguns acadêmicos, que a apresentação e divulgação nos meios de comunicação por meio do poder de

persuasão midiática, as mulheres acabaram sendo beneficiadas e consolidando sua inserção no cenário esportivo. E com isso podemos dizer que veio também uma imagem de que estas são seres emancipados e autônomos perante a sociedade.

Quanto ao poder de persuasão midiático, podemos entendê-lo à luz de Bourdieu (2007) o qual nos apresenta uma idéia bem precisa sobre a força do simbolismo que permeia os conteúdos dos meios de comunicação. A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras dos corpos.

A mídia é uma das facetas mais importantes deste processo. É por meio dela que o jogo de futebol, por exemplo, ganha dimensões de espetáculo e os praticantes e seus materiais, status de mercadoria. (CARDOSO, 2003)

Entendemos as colocações dos sujeitos sobre este assunto, da mesma maneira que apresentamos na análise dos discursos proferidos pelos acadêmicos, ou seja, as pessoas vão construindo suas concepções, suas leituras de mundo a partir daquilo que elas vêem, escutam e presenciam. E hoje os meios de comunicação, sobretudo a televisão, vêm executando essa tarefa na vida e nas relações de milhares de pessoas, levando-as, portanto, a aceitarem e se acostumarem com naturalidade aos fenômenos, os novos hábitos, às novas formas de se relacionar e de viver.

As unidades 06; 07; 08 e 09 que são: 06. Depende do papel e da intervenção do intermediador desse processo citada, 53,8% dos entrevistados, pelos: P5- P7- P8- P9- P10- P11 – P13 ; 07. Suporte educativo, das questões didáticas e dos valores apregoados a esse processo citadas, 30,7% por: P7- P10- P11- P12.; 08. Saber planejar atividades diferenciadas para meninos e meninas e criar atividades com situações positivas citada pelos professores: P10- P13 e 09., representando 23% e 09. Formação profissional do professor apontada apenas pelo professor P10, compreendendo 7,6%; merecem ser analisadas conjuntamente, pois, a essência dos discursos postulados por estes professores recai sobre a intencionalidade pedagógica, a didática e os valores educacionais que devem estar presentes no processo de ensino e aprendizagem esportiva seja nos espaços

escolares ou esportivos como as academias e os clubes. Apoiados em Bracht (1999) entenderemos intencionalidade pedagógica, como sendo as ações desenvolvidas sob a ótica do pedagógico.

Dessa forma, começaremos analisando a formação profissional desses oito professores e as disciplinas que ministram no curso. Assim, todos os oito professores presente nestas três categorias possuem formação acadêmica em licenciatura. Sendo seis em Educação Física, dos quais três com titulação de mestre na área da Educação Física (P10-P11-P13) e os outros três cursando também seus mestrados nas áreas de Educação e Educação Física (P5-P8-P9).

Os outros dois professores, um (P12) apresenta formação em Filosofia e mestrado na área de Letras e o outro (P7), licenciado em Pedagogia e especialização em Metodologia de Ensino.

A formação profissional desses professores representa que estes possuem bagagem e conhecimento sobre as questões educacionais, sobretudo no que concerne aos processos de ensino aprendizagem, acreditamos que as preocupações por estes apresentados podem possuir origem nos valores apreendidos ao longo do seu processo de formação.

Quanto a atuação desses professores, esta encontra-se articulada de acordo com a especificidade de sua formação profissional, da qual temos: P12 atuando em Filosofia; Práticas Corporais & Corporeidade. P7 atuando atualmente em Educação Física Cultura e Sociedade. E os seis professores (P5-P7-P9- P10-P11-P13) com formação em Educação Física atuando diretamente nos Estágios Supervisionados e em disciplinas de formação específicas, como as que compreendem as metodologias de ensino dos esportes, das danças, da ginástica e dos jogos.

Pela atuação e formação profissional desses professores, e pelo discursos por estes proferidos, entendemos que o curso caminha na direção esperada daquilo que anseiamos. Que é ter profissionais preocupados e preparados para atuarem no ensino dos esportes pensando em uma aprendizagem igualitária e possibilitadora de uma formação humana e da emancipação e autonomia dos sujeitos envolvidos neste processo.

Condição esta, apresentada como fundamental para possibilidade de emancipação feminina por meio dos esportes, citada por 53,8%, pelos sujeitos P5 – P7- P8 – P9- P10- P11 – P13., na unidade 06. Depende do papel e da intervenção do intermediador desse processo.

Sobre essa questão apresentamos o pensamento de Dornelles e Neto (2003) que enfatizam que deveria ser função do professor de Educação Física propiciar a todos os alunos e alunas as mesmas oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras, sem discriminação ou clientelismo para um determinado sexo em detrimento do outro.

Pensar na autonomia e emancipação dos sujeitos é entender que estes têm a possibilidade de governar-se, comandar-se, ter competência, força e predomínio sobre si mesmos e sobre o mundo exterior. E que estes sujeitos possuem a liberdade de toda e qualquer espécie de sujeição a outrem. (FRANÇA, 1999)

Mas, para possibilitar que os sujeitos possam vir a ter essa liberdade é necessário pensar nos valores educativos que permeiam a prática educativa, como o professor P7 nos fala: *“desde que seja trabalhado na perspectiva educacional que o suporte educativo vai fazer com que a pessoa, no caso as mulheres tenham uma possibilidade de resignificar sua visão de mundo e assim se entender enquanto um ser político e social.”* Entendemos que para que este discurso venha fazer –se presente no ato educativo dos futuros profissionais que atuarão com o ensino dos esportes, estes precisam receber subsídios suficientes e necessários no decorrer de sua formação profissional, ou seja, ainda no âmbito acadêmico, nos momentos das discussões, debates, leituras, nas intervenções, nas vivências nos espaços sociais, em fim, na práxis.

O suporte educativo citado pelo professor P7 tem o poder transformador e possibilitador de uma formação capaz de re-significar a visão de mundo dos sujeitos em processo educacional. Concordamos com sua idéia apresentada e a associamos com o que Lopes (2000) nos fala, sobre o papel libertador e humanizante que leva à emancipação presente no ato educativo. Segundo a autora para se chegar à emancipação, nossas relações que estabelecemos uns com os outros em sociedade devem ser mais humanas.

A humanização leva à libertação, esse processo de libertação só ocorre quando nos libertamos de limites para ampliar as possibilidades de existência mais plena de humanização. A liberdade é, então, um compromisso com as relações que os seres humanos mantêm (com os outros, social; consigo mesmos, psicológica; com a natureza, econômica; com a transcendência). (LOPES, 2000)

Na unidade 08 O professor tem que saber planejar atividades diferenciadas para meninos e meninas e criar atividades com situações positivas, tivemos 15,3% e foi citada pelos professores: P10- P13 temos a visão desses professores concordando que o fundamental para que a mulher venha a conquistar sua emancipação tendo no esporte um aporte para tal realização, perpassa pela ação didática do professor e antes de tudo pelo seu planejamento e pela oferta de atividades diferenciadas e significativas para meninos e meninas em situação de aprendizagem.

A oferta de atividades diferenciadas - significativas para meninos e meninas em situação de aprendizagem na visão de Cardoso (2003) pode contribuir para a formação das identidades destes, quando as atividades se constituírem em um agente socializador. Sendo este um dos principais aspectos no processo de construção social do ser, em que o corpo é o principal elemento da manifestação de um evento que se constitui e adquire forma com as experiências vividas pelo indivíduo, associadas ao meio onde vive.

Neste sentido, a concepção citada pelo professor P10 “...Eu entendo que é na própria vivência corporal... é preciso que o professor saiba planejar atividades que possibilite a mulher ou as pessoas do sexo feminino se sentirem capazes dentro do fenômeno esportivo,” coaduna-se com as preocupações expressas por Dornelles e Neto (2003) que é aquela de durante as aulas os professores estarem proporcionando as mesmas vivências para ambos os sexos, desafiando-os a vivenciarem formas diferentes e alternativas dessa prática, provocando-os a se relacionarem e compreenderem, de diferentes formas, o masculino e o feminino.

Essa preocupação ressaltada por P10 também se faz presente em Daólio (1997) o qual ressalta que os objetivos das aulas de Educação Física deveriam englobar o respeito às diferenças entre meninos e meninas, e ao mesmo tempo,

propiciar a ambos iguais oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras.

Essas afirmações ressaltadas por P10 e P13 caminham na direção de uma transformação didática do ensino dos esportes englobando nesta, princípios de uma prática co-educativa.

A co-educação na visão de Saraiva (1999) é uma forma de possibilitar didaticamente experiências e as formas de comportamento do outro sexo em clima de reconhecimento recíproco, sem o risco de abalar elementos importantes da própria identidade. Trata-se de um ensino articulado para os sexos, que busca vivências positivas com um tipo de esporte, experiências satisfatória com a prática conjunta e o alargamento do repertório de ações de movimento para ambos os sexos.

Contudo, o ensino dos esportes com vistas à formação humana e a possibilidade deste ser um agente da emancipação feminina de acordo com os sujeitos P10 e P13 perpassam em algumas transformações essenciais de ordem didática e vimos, portanto, que os caminhos que levam a estas se encontram-se na perspectiva co-educativa conforme elucidamos.

A última unidade que apresentamos acerca da segunda resposta da questão nº 1, foi a As instituições esportivas, família e professores possibilitem uma convivência harmoniosa com a inserção da mulher nos ambientes esportivos citada por P11, compreendendo apenas 7,6% dos entrevistados.

Essa compreensão de que a emancipação feminina possa ter a contribuição advinda da prática esportiva, é apresentada por P11 que nos reforça a idéia de que essa só será possível se as instituições: esportiva, familiar e escolar proporcionarem ambientes em que haja uma convivência harmoniosa entre os sujeitos, de modo a favorecer a compreensão sobre as diferenças entre gênero. Essa idéia apresentada pelo professor pode ser associada a uma visão que Bourdieu (2007) já nos convidava a pensar.

O autor nos chama a atenção para alguns mecanismos que ele os designa de *eternização e des-historicização*, e os associa à idéia de que devemos construir acerca das estruturas de divisão sexual. Ele completa seu pensamento nos

mostrando que aquilo que aparece na história, aparece como eterno, e cabe as instituições interligadas: a família, igreja, escola e também o esporte e o jornalismo, reinserir-se na história e devolver à ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista o designou. (BOURDIEU, 2007)

Entendemos essa visão postulada pelo professor P11 como sendo uma das grandes tarefas que teremos que executar em nossa sociedade, que é a de des-historicizar. Função essa, que esta a cargo inclusive, da Universidade, recaindo sobre o ambiente acadêmico a missão de repensar as relações entre os sujeitos, os discursos veiculados em seu interior e o direcionamento igualitário e equitativo na formação dos futuros professores que atuarão nos espaços escolares e esportivos.

QUADRO DE CATEGORIAS REFERENTE À QUESTÃO N°2

QUESTÃO N°2: Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?

Unidades de Significados	Professor 1	Professor 2	Professor 3	Professor 4	Professor 5	Professor 6	Professor 7	Professor 8	Professor 9	Professor 10	Professor 11	Professor 12	Professor 13	TOTAL	Porcentagem
01. Não faço nenhuma contribuição específica e direta sobre o assunto			X	X										02	15,31%
02. Discuto questões de gênero		X							X		X			03	23%
03. Tratando todos com igualdade				X				X						02	15,31%
04. Preciso Abordar mais sobre as questões específicas sobre a mulher					X				X	X			X	04	30%

05. Por meio de um discurso de uma Educação Física humana e social					X									01	7,6%
06. Discutindo sobre aspectos motores-fisiológicos e as capacidades físicas diferenciadas entre homens e mulheres.						X								01	7,6%
07. Através de Debates e Discussões a partir de textos contemporâneos e específicos							X		X	X		X		04	30%
08. Abordo o Assunto dentro da questão pedagógica							X						X	02	15,3%
09. Discutindo sobre corpo-mulher-estética										X				01	7,6%
10. Discutindo sobre o preconceito									X		X			02	15,3%
11. Apresentando possibilidades da co-educação									X	X			X	03	23%
12. Refletindo sobre o ato de planejar										X	X		X	03	23%
13. Faço com que o aluno compreenda o fenômeno esportivo como plural-moderno-democrático.												X		01	7,6%
14. Enfoco a inclusão											X			01	7,6%

15 Levo-os perceber a dimensão corporal como um todo												X		01	7,6%
16. Fazendo com que o académico compreenda que a intervenção do professor para o foco da emancipação e formação humana.													X	01	7,6%

Quadro referente às respostas dos professores à questão nº2

2.5.6 Análise das informações do segundo grupo referente à questão nº2.

Para análise da questão nº2 **Qual a contribuição da(s) sua(s) disciplina(s) para as reflexões sobre a mulher no esporte?** Construimos a partir das respostas apresentadas pelos professores, 16 unidades de significados as quais representam de forma significativa, como estes sujeitos possibilitam na formação profissional as reflexões sobre a mulher no esporte.

Dessa forma, tivemos na unidade 01 Não faço nenhuma contribuição específica e direta sobre o assunto dois professores (P3- P4), 15,3% afirmando não fazer nenhuma abordagem específica sobre o assunto. Podemos entender a princípio, que esses professores não contribuem especificamente para as reflexões dos académicos sobre a mulher no esporte, em virtude das especificidades das disciplinas por estes ministrados.

O professor P3 atualmente assume a disciplina Política Educacional, que segundo sua ementa tem por função estudar os caminhos e descaminhos da educação escolar pública no Brasil: movimentos sociais pelo ensino público, a trajetória histórica das várias Leis de Diretrizes e Bases para a Educação no País, Diretrizes Curriculares e Parâmetros em campos de disputas hegemônicas no cenário científico, pedagógico e histórico- cultural na Educação brasileira. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2004)

Pelo que vimos na ementa da disciplina, esta não apresenta nem um caminho para uma discussão específica sobre a mulher no espaço social e nem tão pouco nos esportivos, o que nos leva a confirmar que a não articulação e contribuição do professor para com o tema por nós estudado deve-se à especificidade da disciplina.

No entanto, entendemos que nos espaços da formação profissional as ações didáticas devem caminhar de mãos dadas, em um sentido interdisciplinar, como o próprio Projeto Político Pedagógico do curso sugere. Daí, alertamos que nenhuma disciplina possa vir a ficar de fora de uma discussão tão contemporânea e emergente na área da Educação Física e nos Esportes.

No caso do professor P4, este atua além das disciplinas: Anatomia do movimento humano I e II, atua também na Oficina Pedagógica I ;no Atletismo e no Estágio Supervisionado II. Dessas disciplinas por ele ministradas, a que esperávamos encontrar alguma contribuição seria na do Atletismo, uma vez que esta se encontra associada diretamente ao ensino dessa modalidade esportiva nos mais diversos espaços de atuação profissional, inclusive na escola. Mas vale ressaltar que suas ações didáticas são voltadas para que todos sejam tratados com igualdade.

A unidade 02 será analisada conjuntamente com as unidades de significados 10 – 11 e 14 por estas apresentarem uma discussão que se completam. Desse modo, temos 02.Discutindo questões de gênero com a contribuição de três professores, 23%: P2- P9- P11; 10.Discutindo sobre preconceito 15,3% os mesmos professores P9- P11; na unidade 11.Apresentando possibilidades da Co-Educação novamente P9 e os professores: P10- P13, compreendendo a 15,3% e na unidade 14. Enfoco a inclusão apenas o professor P11, 7,6% dos entrevistados.

Percebemos que a contribuição é extremamente positiva para a formação profissional e também para o nosso estudo, pois segundo seus discursos, estes vêm no contexto de suas aulas apresentando conhecimentos sobre preconceito, gênero, inclusão e co-educação. Conhecimentos necessários para atuação de um professor com vistas a uma aprendizagem humana e desenvolvimento social, condições que levam à emancipação humana.

O professor P9 aparece em três categorias, abordando em suas aulas conhecimentos por meio de discussões e debates sobre preconceito, gênero e co-educação. As disciplinas ministradas por P9 suscitam este diálogo, são as disciplinas de Dança Educacional; Ritmo - Movimento e Linguagem Expressiva; Ginástica Escolar e Estágio Supervisionado II.

No entanto, P9 deixa claro que estas acontecem nas disciplinas Dança Educacional e Ritmo – Movimento e Linguagem Expressiva e que mesmo assim, estas são difíceis de serem conduzidas, como ele mesmo cita :“.. *trago a discussão para sala de aula apesar de ser polêmica... fazer com que os alunos entendam que existe todo esse processo que nós estamos conseguindo avanços mas que ainda está muito enraizado né..na questão cultural, social...essa discussão acontece que eu trabalho mais primeiro e segundo período..essa discussão ainda tem dificuldade de deslanchar mas eu já consigo tentar implantar uma formiguinha aqui pra gente ir avançando no decorrer do curso..*”

Pelo discurso citado por P9, notamos que estas discussões levam a debates acirrados em que a aceitação do novo leva a polêmicas e a dificuldade de assimilação, mas essa é uma situação que Bourdieu (2007) nos convida a fazer, de não *eternizar* conceitos e *des-historicizar* estes, com vistas de construirmos uma nova possibilidade de relacionarmos na sociedade.

No caso do P11, este também aparece em três unidades de significados que discute inclusão, preconceito e gênero. Atualmente este professor ministra apenas as disciplinas Lazer Ludicidade e Educação Física; Oficina Pedagógica II e Estágios I e III. Mas segundo relatos proferidos por ele próprio, já esteve à frente das disciplinas Atletismo, Futebol e Esporte Escolar e entende que estas disciplinas são espaços favoráveis para que estes conhecimentos sejam apresentados e explorados na formação dos professores de Educação Física.

Quanto à disciplina Lazer – Ludicidade e Educação Física o professor contribui da seguinte maneira: “*Então temos diversos tipos de barreiras..entre as barreiras que eu procuro estar mais sensível e passar para os meus alunos é a superação aos preconceitos em relação aos gêneros. Então essas diferenças grosseiras entre*

homem e mulher elas devem ser superadas ao que se refere as políticas públicas, planejamento e organização de atividades...”

A contribuição quanto ao conhecimento sobre gênero feito por P2 acontece segundo ele, na disciplina Futebol, em que ele propõe atividades diferenciadas, seguidas de discussões para os acadêmicos, organizando também um torneio de futebol feminino.

P2 também se encontra à frente das disciplinas Estágio Supervisionado II; Fisiologia do Exercício e Monografia, mas, deixa claro que suas contribuições para as reflexões sobre a mulher no esporte, acontecem apenas na disciplina Futebol, pois sua ementa é favorável para essa discussão e não consegue concebê-la sem enfocar este fenômeno que é a mulher no esporte.

A co-educação (unidade de significado 11) é um conhecimento também ministrado pelos professores P10 e P13 além do P9 conforme já analisamos. P10 diz possibilitar atividades que se aproximam a uma perspectiva co-educativa nas disciplinas de Jogos- Brincadeiras e Recreação no quarto período do curso, segundo este professor, ele possibilita a reflexão de determinados jogos e brincadeiras que apresentam historicamente estereotipados, como também a inversão de papéis em jogos que exigem e apresentam capacidades físicas e intelectuais de forma estereotipada.

Já P13 diz fazer uma abordagem pensando na mulher no esporte, aproximando seu discurso à perspectiva da co-educação na disciplina Esporte Escolar: princípios metodológicos e na disciplina Estágio III. Como ele mesmo cita: *“Mas uma coisa que eu tenho incentivado nas últimas aulas é a formação de turmas mistas... como nós vamos trabalhar como deve ser o trato com as pessoas no ambiente esportivo, e quando ta muito presente essa diferença. Qual é o meu espaço, como que eu posso pensar o espaço do outro, como pensar na dificuldade da outra...”*

Veicular conhecimento sobre a Co- educação nas disciplinas que possuem um caráter pedagógico e que preparam diretamente o acadêmico para intervenção é caminhar na direção esperada de um ensino possibilitador da formação humana.

A co- educação, segundo Saraiva (1999) busca uma relação dialética que considere a síntese de ambivalências e dualidades do masculino e feminino, tendo em vista a igualdade e a totalidade nas teias das vivências e convivências, no âmbito de uma sociedade dotada de mais justiça social.

Na unidade de significado 04 Preciso abordar mais sobre as questões específicas sobre a mulher tivemos quatro professores (P5- P9- P10-P13) 30% apontando a necessidade de estarem aprofundando em suas aulas uma discussão específica sobre a mulher no esporte.

Esta unidade de significado apresenta um dado interessante, pois três desses professores apresentaram em seus discursos acerca da contribuição que estes fornecem em suas disciplinas, caminhos bastante favoráveis para reflexões sobre a mulher no esporte e, no entanto, reconhecem ainda a necessidade de estarem conhecendo mais sobre o assunto. Como eles mesmos falam, P9: *“a gente pode até estar desenvolvendo alguma coisa a mais a partir desse trabalho que é de extrema importância muito bom o tema e a gente precisa estar discutindo sobre isso daí eu acho que a gente pode pontuar mais essas questões e vê no que a gente pode contribuir mais ..é por ai...”*

P10: *“considerando esses grupos sociais diversos...e a mulher é grupo que precisa de mais estudos de mais discussão que precisa de tratamento diferenciado pra que ela possa se emancipar ter seu lugar dentro do curso de formação...”* E para P13: *“..talvez esse assunto deva permear de forma mais ...profunda nas disciplinas..já que é um problema muito comum na prática...”* P5: *“mas a partir dessa entrevista talvez, eu me atente mais para essas questões ..por talvez não seja assim questões de primeira ordem né na resolução dos problemas..mas percebendo ai a importância dessas questões no contexto escolar, talvez a partir de então eu possa pensar diferente.”*

Estas considerações apresentadas por estes professores mostram o reconhecimento sobre a importância do assunto e o desejo de entenderem mais sobre o mesmo, a fim de contribuírem mais para que os futuros professores saiam com uma bagagem de conhecimento suficiente para saberem intervir em meio à diversidade no campo esportivo e escolar.

A unidade de significado 05. Por meio de um discurso de uma Educação Física humana e social apresentada por P5 7,6%, consideramos ser um contribuição de caráter indireto para as reflexões sobre a mulher no esporte, no entanto, um passo extremamente válido. Ao postular que o espaço das aulas de Educação Física deve ser conduzido em uma perspectiva humana e social, estaremos considerando nesta as diferenças, diversidade, equidade e agindo assim, Gomes; Silva e Queiros (2004) nos falam que poderemos desenvolver a cidadania, a auto-estima, melhorar a competência percebida dos alunos e alunas e, eventualmente fomentar algum desejo por um estilo de vida ativo.

A unidade de significado 06.Discutindo sobre aspectos motores- fisiológicos e as capacidades físicas diferenciadas entre homens e mulheres tivemos, 7,6% que compreende ao professor P6, que nos revela que contribui em suas disciplinas especificamente na Aprendizagem Motora, no sexto período do curso, apresentando as diferenças entre os sexos masculinos e femininos numa perspectiva biológica, evidenciando as capacidades e habilidades pertinentes a cada sexo.

Entendemos que estes conhecimentos são necessários para a formação profissional dos professores de Educação Física, mas, estes por si só não levam a uma reflexão para compreender o esporte como uma das fontes possibilitadora da emancipação da mulher. Precisariamos conhecer mais detalhadamente qual é a forma que o professor conduz sua disciplina e ver se há articulações entre as capacidades bio-fisiológicas e as interferências sociais e culturais que atuam sobre estas, para daí compreendermos melhor como este professor vem contribuindo para as reflexões por nós investigadas na formação profissional.

A unidade de significado 07.Através de debates e discussões a partir de textos contemporâneos e específicos citada, 30%, pelos professores P7- P9- P10- P12 foram as formas que estes professores disseram estar contribuindo para pensar a mulher no esporte.

Especificamente P7 contribui na disciplina Educação Física – Cultura e Sociedade possibilitando um debate contemporâneo acerca dos elementos da cultura corporal (dança, jogos, lutas, ginástica, esportes dentre outras) articulando com as influências da mídia, as oportunidades de democratização deste, inclusive

para a mulher, sempre buscando respaldo para este nas publicações contemporâneas sobre o assunto.

Já P9, afirma que veicula esse tipo de discussão e leitura nas disciplinas de Dança Educacional e Ritmo- movimento e linguagem expressiva, como já apresentamos anteriormente nas categorias que abordam a discussão de gênero e preconceito.

O professor P10 nos diz possibilitar leituras e discussões com temas contemporâneos, especialmente, na disciplina Atividade Física e Saúde, como ele mesmo relata *“A disciplina de Atividade Física e Saúde aqui eu acho que eu consigo contribuir ...eu consigo né ..e a disciplina também tem todos os conteúdos dentro que eu trabalho...com artigos científicos mais atualizados.. então por exemplo nessa disciplina é....tem uma discussão muito importante dentro da ementa dela que é mulher – corpo- estética então eu trabalho com alguns artigos que tem essa discussão...outros que trabalham com imagem corporal e auto-estima...outros que trabalham com idosos e imagem corporal..então assim, nessa disciplina tem discussões tanto do ramo individual, quanto da saúde pública e coletiva que eu faço os alunos pensarem através dos artigos científicos que é importante tratar dos grupos mais diversos que existe na sociedade entre eles a mulher, o homem, o idoso..o hanseniano, o aidético é....grupos minoritário.”*

Paralelamente a esse relato de P10, podemos analisar também a unidade de significado 09 Discutindo sobre corpo- mulher- estética na qual, tivemos apenas, 7,6% dando sua contribuição nesta unidade de significado. Diz então, possibilitar esse tipo de discussão em um debate ampliado sobre corpo e as questões de estética, articuladas com a especificidade da disciplina Atividade Física e Saúde.

Vimos pelos seus relatos que, em suas aulas, os alunos têm a oportunidade de discutir sobre saúde, estética e em especial a beleza física feminina sob um respaldo contextualizado sobre as influências sociais e culturais. Sendo assim, entendemos que esta disciplina permite um olhar a mais, para entender a prática esportiva e de atividades físicas como sendo possibilitadora de alienar ou libertar de falsas ilusões e daí tornarem as pessoas mais autônomas e emancipadas.

Já o professor P12 diz possibilitar as discussões e leituras contemporâneas em sua disciplina Ética na Educação Física na qual, ele cita trabalhar um texto de caráter antropológico que aborda a questão dos pecados da carne frente ao processo de coisificação do corpo, veiculado pela moda e pelo consumo, em que as mulheres são alvos constantes dos ditames da moda, tornando-se escravas e alienadas.

Mediante essa abordagem, ele busca levar os alunos a uma reflexão mais aprofundada, pois entende que os profissionais de Educação Física, por meio de sua intervenção, poderão ser determinantes, tanto para contribuir para esse processo de alienação quanto para o da libertação.

Na unidade de significado 09 nos fica evidente que os debates e discussões mais aprofundadas, encontram-se presentes essencialmente nas disciplinas teóricas. Aguçando a nossa preocupação e nos fazendo deixar o alerta para que estas também cresçam nas disciplinas de caráter pratico- instrumental, pois nestas que necessitamos constantemente confrontar a teoria com a prática e entendemos que a leitura, o debate e o diálogo com autores contemporâneos são metodologias favoráveis para essa reflexão e que enriquecerão a formação profissional.

Continuando com as análises das respostas da questão nº2, temos as unidades de significado 08- Abordo o assunto dentro da questão pedagógica em que temos 15,3%, os professores: P7- P13 e 12- Refletindo sobre o ato de planejar, 23% citadas pelos professores P10- P11- P13, que vamos aglutinar nossa análise, pois estas também apresentam uma ligação entre si. Esses professores afirmam que a contribuição que eles podem oferecer para os acadêmicos em suas disciplinas acerca da reflexão da mulher no esporte perpassa por uma apresentação do assunto sob o respaldo pedagógico.

O respaldo pedagógico por esses dois professores acontece para P7 na disciplina Educação Física Cultura e Sociedade e para P13 nas disciplinas de Estágio Supervisionado III como também no Esporte Escolar.

Esse enfoque pedagógico segundo P7 é oportunizado no sentido de fazer os acadêmicos pensarem nas questões presentes na cultura corporal de movimento (na dança, nos esportes, nas lutas, ginástica e outros), associando-se às

possibilidades de intervenção nos mais diversos espaços de atuação profissional, abordando sempre a aprendizagem em seu sentido democrático.

P13 diz claramente que todas as possibilidades de ensino devem ser abordadas com o compromisso pedagógico, voltado para aprendizagem dos alunos e das alunas, para isso o professor deve estar atento a todas as circunstâncias presentes durante a aula e saber intervir sempre num sentido que leve à aprendizagem e à formação humana.

As contribuições que P10- P11 e P13 dizem oferecer na categoria 12, perpassam nas orientações de planejamento e estas pelo que foi relatado, acontecem nas disciplinas de Estágio, em que estes fazem parte da equipe professores orientadores.

De acordo com as suas respostas, estes três professores procuram dar orientações no sentido de incluir no planejamento semestral e diário atividades que possibilitem a participação igualitária entre meninos e meninas. E sempre há problemas nas intervenções em que não há a participação de meninas durante as atividades sejam elas esportivas ou não, estes são revistos e orientado no sentido de fazer com que o acadêmico pense em estratégias dentro do seu planejamento e articule meios e estratégias para minimizarem as possíveis diferenças e os eventuais problemas. Agindo assim, estes professores entendem estarem contribuindo para a reflexão da mulher no esporte e nas mais diversas práticas corporais.

A partir das considerações desses professores, podemos dizer que as abordagens pedagógicas por eles estabelecidas em suas disciplinas, caminham para uma concepção crítica sobre a relação educação- formação – sociedade. É o que Lopes (2000) nos fala, que ao pensar o ato educacional sob esse prisma, professores e professoras adotam a reflexão do conhecimento e a necessidade da práxis, caminhando assim, para um processo de libertação, no qual se encontra o compromisso com a emancipação humana.

A unidade de significado 13. Faço com que o aluno compreenda o fenômeno esportivo como plural- moderno- democrático em que tivemos apenas P11, 7,6%, é

um olhar bastante significativo para levar os acadêmicos a refletirem sobre a mulher no esporte.

A apresentação de que o fenômeno esportivo consiste em um espaço democrático, plural e moderno representa que este é capaz de abarcar a todos os sujeitos da sociedade, inclusive a mulher. Compreendemos que a exposição desse assunto feita por P11 é uma forma indireta de se abordar a mulher no esporte, como ele mesmo fala, mas ao mesmo tempo esse se torna fundamental para se pensar a mulher nos esportes. Quando se sugere a re-dimensão do olhar para o fenômeno esportivo, acabamos também por pensar esse espaço como sendo possível para o sexo feminino.

Re-dimensionar o olhar para o fenômeno esportivo, entendendo-o como democrático é compreender que ele deve ser oportunizado a efetiva participação das minorias na sociedade, como no caso dos idosos, deficientes e as mulheres. (GEBARA, 2000)

Podemos compreender o entendimento de esporte plural que o professor P11 diz possibilitar no contexto de suas aulas, a partir de Gaya; Campos e Balbinotte (2000) os quais sugerem que o esporte é plural nas suas concepções, motivações, emoções e cognição. É um convite para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de modelos paralelos, diferenciados e autônomos, com estruturas próprias e distintas de valores, de princípios e finalidades.

Outra discussão muito próxima do que P11 faz em suas aulas é também oferecida pelo professor P13, só que sob uma ótica um pouco diferenciada, pela qual o classificamos na unidade de significado 15.Fazendo com que o acadêmico compreenda que a intervenção do professor deve-se voltar para o foco da emancipação e formação humana, representando 7,6% dos entrevistados.

Entendemos que há aproximação dos discursos de P11 e P13 nos momentos em que estes apresentam aos seus alunos, uma compreensão ampliada de esporte e consegue passar a esses, que uma intervenção neste espaço com uma compreensão re-dimensionada deve levar para a emancipação e formação dos sujeitos que estão em processo de aprendizagem.

Esta articulação que nós percebemos entre os discursos dos professores é apresentado por Kunz (1989) que nos orienta que a melhor compreensão do esporte como fenômeno sociocultural, auxiliará os educadores e educandos a melhor compreenderem a própria realidade social, pois o esporte não só faz parte como cumpre um papel importante em cada contexto social.

Finalizando este conjunto de análises acerca da questão nº2 destinada aos professores do curso, chegamos a uma conclusão ainda que provisória, que estes docentes entrevistados apesar de não serem estudiosos nas questões específicas do processo histórico da inserção da mulher nos contextos históricos e esportivos, estes dentro das possibilidades que as disciplinas oferecem e de seus valores destinados à formação profissional, apresentam ações bastante favoráveis para contribuir na formação de professores de Educação Física capazes de intervir no contexto escolar e esportivo, pensando na formação humana, sobretudo das mulheres.

Avançando neste processo de análise das informações, veremos nos discursos dos dois grupos entrevistados (acadêmicos e professores) como esta contribuição vem se constituindo de fato na formação desses profissionais, prosseguiremos, portanto, fazendo uma análise buscando encontrar os pontos de convergências e divergências entre os discursos

2.5.7 Pontos de convergências e divergências entre os discursos.

Para essa etapa das análises tomaremos especificamente os discursos proferidos pelos dois grupos à questão nº2, que questiona para o primeiro grupo (acadêmicos) quais foram as disciplinas que possibilitaram as reflexões acerca da mulher no esporte. E para o segundo grupo (professores) como estes em suas disciplinas possibilitam as reflexões sobre a mulher no esporte.

Citaremos inicialmente os momentos de convergência encontrados nos discursos dos sujeitos. E posteriormente os de divergências. Desse modo, percebemos intersecções nos discursos que apresentaram as disciplinas Educação

Física Cultura e Sociedade; Esporte Escolar: Princípios Metodológicos; Futebol/ Futsal e Filosofia Práticas Corporais e Corporeidade.

Essa intersecção foi estabelecida na disciplina Educação Física Cultura e Sociedade por percebemos que 33.3% dos acadêmicos entrevistados responderam que foi nela que possibilitaram construir um pensamento crítico sobre a mulher no esporte. Como também, pela forma que o professor apresentou conduzir a disciplina, voltando a discussão para questão pedagógica, aproximando-os da realidade das práticas corporais na comunidade, levando-os ao debate, à reflexão pautada em publicações contemporâneas.

A disciplina Esporte Escolar: Princípios Metodológicos apresenta intersecções, por ter sido citada por 50% dos acadêmicos e pelo discurso apresentado pelo professor. Entendemos que ao abordar discursos próximos ao da Co-educação; voltar a intervenção do professor para o foco da emancipação e da formação humana; pensar no espaço e na dificuldade do outro e da outra são abordagens que estão fazendo com que os acadêmicos pensem, sim na aprendizagem feminina nos espaços escolares e esportivos.

Já na disciplina Futebol/ Futsal, citada por 50% dos acadêmicos o encontro dos discursos aconteceu pelo fato do professor estar sempre trabalhando textos voltados para o assunto do fenômeno esportivo e suas possibilidades de inclusão feminina, como também pela oportunidade das vivências práticas em organização de eventos e torneios esportivos pensando sempre numa participação igualitária entre meninos e meninas.

Por fim, a disciplina Filosofia Práticas Corporais e Corporeidade apontada por 33.3% dos acadêmicos apresenta similaridades nos discursos dos sujeitos, pois ambos conseguem perceber o corpo e suas aprendizagens de uma forma não dual e também pela compreensão que este professor vem apresentando sobre o assunto em questão, mostrando aos acadêmicos que a mulher não pode ser reduzida a uma única dimensão e que no contexto dos esportes há um mandamento machista que precisa ser compreendido de modo crítico.

Ao que consistem as divergências por nós percebidas, estas apareceram nos discursos dos professores P4 – P9 e P10. Percebemos que P9 e P10 apresentaram

em seus discursos bastante propriedade e preocupação sobre o assunto e o desenvolvimento de ações pedagógicas que nos parecem favorecer um pensamento crítico e as reflexões acerca da mulher não só nos espaços esportivos, mas também nos sociais e nas mais diversas práticas corporais.

No entanto, as disciplinas por estes ministradas não foram citadas pelos sujeitos entrevistados. Dessa forma, acreditamos que devem estar acontecendo lacunas, que estão impedindo que os discursos proferidos em sala de aula, sobre a mulher no esporte ou nas práticas corporais, como eles explanaram que estão fazendo, sejam apreendidos e materializados pelos futuros profissionais.

Quanto à divergência percebida especificamente do professor P4, esta aconteceu no momento em que o professor nos deixou claro que não faz nenhuma contribuição direta e específica sobre o tema em suas disciplinas. E um acadêmico nos diz ter construído suas reflexões em uma das disciplinas ministradas por este professor atualmente.

Entendemos que esta contradição entre os discursos possa ter algumas justificativas. A primeira delas é que mediante algumas necessidades no curso os professores sofrem alterações em sua carga horária de trabalho, levando-os a trocar de disciplinas, daí este acadêmico pode ter cursado esta disciplina com outro professor.

Outra explicação que encontramos para as divergências entre os discursos encontrados, é que nós professores sempre estamos em constante processo de reelaboração dos conteúdos programáticos em nosso plano de trabalho semestral, sempre procurando avançar e inovar o que a ementa nos propõe a cumprir. Daí entendemos, que há amadurecimento na forma de conceber e conduzir as disciplinas, acreditamos que estes professores que nos apresentaram discursos e estratégias pedagógicas interessantes e que de fato acreditamos que contribuem para o processo de reflexão sobre o tema por nós investigado não tenham sido citados neste momento de nossa pesquisa em virtude desse processo de amadurecimento que naturalmente passamos em nossas disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos possibilitou conhecer como a discussão pertinente à mulher no esporte vem acontecendo no âmbito da formação profissional de professores de Educação Física.

Como vimos na história das mulheres ocidentais, estas tiveram uma série de dificuldades para adentrarem no âmbito dos esportes. E grande parte das argumentações para que estas mulheres não se fizessem presentes perpassavam por um discurso discriminatório e preconceituoso, veiculado, por vezes, por profissionais que se encontravam a frente das instituições esportivas (dirigentes, técnicos, preparadores físicos dentre outros).

Acreditamos que a reformulação de conceitos e pontos de vista pode ser adquirida durante o processo de formação profissional, momento em que há a aproximação de novos conhecimentos, provenientes do debate, do diálogo e da construção e re (construção) de novos olhares para com outro, com o mundo e consigo mesmo.

Sendo assim, com o desvelar das informações obtidas no âmbito da pesquisa de campo, pudemos perceber que tanto os acadêmicos quanto os professores se mostraram dispostos a entender e buscar conhecer mais sobre possibilidades de se intervir no âmbito da Educação Física com vistas a formação humana e emancipação feminina.

Apesar dos grupos terem apresentado opiniões diferentes uma das outras para a mesma preocupação, todos em meio a estas nos deixa claro que visualizam uma possibilidade do esporte ser um dos meios para que a mulher alcance sua emancipação.

Mediante essas opiniões diversas de ambos os grupos, elencamos alguns encaminhamentos que deixamos como forma de retorno e contribuição que a pesquisa pode oferecer.

O primeiro encaminhamento é de que as disciplinas que trabalhem com metodologia de ensino dos esportes não se restrinjam apenas aos fundamentos e

técnicas de aprendizagem esportiva, abordem discussões e reflexões sobre a mulher no esporte e façam com que os futuros profissionais pensem em estratégias de ensino que englobem a todos em uma situação de aprendizagem.

Estas discussões não podem ficar restritas e a cargo de apenas uma ou duas disciplinas como foi por várias vezes citadas pelos acadêmicos entrevistados.

O segundo encaminhamento que fazemos é de que seja mantida a discussão contemporânea sobre inclusão, diversidade e aprendizagem de grupos minoritários nas disciplinas Educação Física Cultura e Sociedade, Esporte Escolar: Princípios Metodológicos e Filosofia; Práticas Corporais e Corporeidade independente dos professores que assumam essas disciplinas.

E que esta discussão se estenda às demais disciplinas de caráter teórico e também às disciplinas de Estágio Supervisionado e que continuem se fortalecendo nas disciplinas como Lazer Ludicidade e Educação Física; Oficinas Pedagógicas I e II; Atividade Física e Saúde; Ritmo e Movimento e Linguagem Expressiva; Dança e Ginástica Escolar.

Uma terceira consideração que apresentamos é, que seja possibilitado no interior das reuniões pedagógicas e de planejamento um intercâmbio entre os professores que já desenvolvem ações didáticas que vão em direção de se pensar a mulher no esporte e logo sua possibilidade de emancipação, com os professores que ainda encontram dificuldade de abordar o assunto no interior de suas disciplinas.

Contudo, o presente estudo nos apresentou que a discussão sobre a mulher no esporte no Curso de Educação Física na Faculdade UNIRG-TO ainda se encontra em estado embrionário, no entanto, os professores entrevistados acreditam que é possível a mulher chegar a ter sua emancipação por meio dos esportes. Estes apresentam ainda uma visão bastante preocupada e clara quanto aos meios para que esta emancipação possa vir a acontecer. Entendemos que estas preocupações como foram apresentadas nas análises são extremamente positivas, pois representam que os professores possuem um olhar crítico perante o assunto abordado.

Chegamos à conclusão, ainda que provisória, de que os docentes entrevistados, apesar de não serem estudiosos das questões específicas do processo histórico da inserção da mulher nos contextos sociais e esportivos, estes, dentro das possibilidades que as disciplinas oferecem e de seus valores destinados à formação profissional, apresentam ações bastante favoráveis para contribuir na formação de professores de Educação Física capazes de intervir no contexto escolar e esportivo, pensando na formação humana, sobretudo das mulheres.

Quanto aos discursos dos acadêmicos entrevistados, estes foram de grande valia para podermos verificar como os discursos dos professores sobre a mulher no esporte vêm acontecendo no interior da formação profissional em Educação Física em Gurupi –TO. Concluímos que estes apresentaram uma visão pautada e referendada a partir de contribuições adquiridas no interior de algumas disciplinas conforme analisamos ao longo do estudo. Isso representa o reflexo das ações didáticas desencadeadas pelos professores, momento em que os discursos dos entrevistados se aproximaram.

Este estudo representou particularmente que devemos pensar e (re) pensar nossas ações, no sentido de possibilitar a igualdade de oportunidades de aprendizagem a todos. E que pensemos também nos valores que depositamos às nossas ações empreendidas no interior das nossas disciplinas.

Fica aqui por fim, que redimensionemos nossos olhares e valores para os grupos minoritários presentes na sociedade e passemos a ver o espaço esportivo como democrático e que compreendamos que ele deve ser oportunizado à efetiva participação das minorias na sociedade, como no caso dos idosos, deficientes e as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, L. K. **Mulher corpo e mitos nos esportes**. In: SIMÕES, A . C.(org) **Mulher & Esporte. Mitos e Verdades**, São Paulo: Manole, 2003.

ARNOULD, C. **Obscurantismo na razão**. IN: Revista História Viva. Setembro de 2006.p 34-37.

AUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BAPTISTA, S. M.S. **Maternidade e Profissão: oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: casa do Psicólogo,1995.

BLAY, E.A. **8 de Março: conquistas e controvérsias**.I: Revistas Estudos Feministas,ano 9, segundo semestre de 2001.

BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento infeliz**. Ijuí: Unijuí, 1999.

BRANDÃO, M. R.& CASAL, H.V. **Mulheres Atletas e o esporte de rendimento: a questão de gênero**. In: SIMÕES, A. C. (org) **Mulher & esporte : mitos e verdades**. São Paulo, Manole,2003

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner- 5ª Edição- Rio de Janeiro: Bertrand- Brasil,2007.

CARDOSO, A.L. **Futebol Co-educativo na concepção emancipatória: possibilidades pedagógicas**. IN: KUNZ, E. (org) **Didática da Educação Física 3. Futebol**.Ijuí: Unijuí,2003.

CARDOSO, M. **Os arquivos das Olimpíadas**. São Paulo: Panda,2000.

CAPRA.F. **O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente**.

São Paulo: Cultrix, 1982.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 242 p

CONTENCHA, L. F. **A mulher e o olimpismo**. Revista Desporto. Ano IV nº 4 Julho – Agosto 2001. Lisboa, p 38-41.

DAÓLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas: Unicamp, 1997.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

DORNELLES, P. G e NETO, V .M. O ensino do futebol na escola: a perspectiva das estudantes com experiências positivas nas aulas de Educação Física em turmas de 5ª a 7ª séries. In: IN: KUNZ, E. (org) **Didática da Educação Física 3. Futebol**. Ijuí: Unijuí, 2003.

DUBY G. & PERROT.M. **História das mulheres no Ocidente**. São Paulo: Afrontamento, volume 1, 1990.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

FRANÇA, S. A.M. Autoridade e Autonomia: fundamentos do mundo dos homens. IN: AQUINO, J. G (org) **Autoridade e Autonomia na escola. Alternativas teóricas e práticas**. 4ª Edição. São Paulo: Summus, 1999.

FREI BETO, **Marcas de Baton: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo**. Revista Caros Amigos, setembro de 2001, p. 16-17.

GAYA, A; CAMPOS, J e BALBINOTTE, C. Esporte, história e cultura: fundamentos de filosofia sobre a natureza do desporto. IN: MOREIRA, W.W e SIMÕES, R.(orgs) **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: editora UNIMEP, 2000.

GEBARA, A. A cultura da modernidade e a história dos esportes. In: MOREIRA,

W.W e SIMÕES, R.(orgs) **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: editora UNIMEP,2000.

GIAROLA, W. A. **Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol**. Piracicaba SP. Dissertação de mestrado,2003.

GOELLNER, S. V. Mulher e Esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. IN: SIMÕES, A.C & KNIJNIK, J.D. (orgs) **O mundo psicossocial da mulher no esporte. Comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo : Aleph, 2004.

GOLDENBERG, S. V. **A revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GOMES, P.B; SILVA, P e QUEIRÓS, P. Para uma estrutura pedagógica renovada, promotora da co-educação no desporto.In: N: SIMÕES, A.C & KNIJNIK, J.D. (orgs) **O mundo psicossocial da mulher no esporte. Comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo : Aleph, 2004.

JUNIOR, H. S; SACAGLIUSI,F.B; SIMÕES, A.C. Mulher, Comportamento e práticas sociais esportivas: a influência da ditadura da beleza. In: N: SIMÕES, A.C & KNIJNIK, J.D. (orgs) **O mundo psicossocial da mulher no esporte. Comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo : Aleph, 2004.

KNIJNIK, J. D. **Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol**. IN: : SIMÕES, A . C.(org) Mulher & Esporte. Mitos e Verdades, São Paulo: Manole, 2003.

KUNZ, L. **Esportes e Processos pedagógicos**. IN: MOREIRA, W.W.& SIMÕES, R. (org) Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos**, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2006. 219 p

MACEDO, J.R. **A mulher na idade média**. São Paulo: Contexto, 3ª edição, 1997
LOPES, M .S.C, **Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção**.In: Cadernos Pagu (26) janeiro – junho de 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MONTEIRO, A. & LEAL, G.B. **Mulher: da luta e dos direitos**. Brasília: Coleção Brasil, Instituto Teotônio Vilela, 1998.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. e PORTO E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. In **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília: ISSN 0103-1716, v. 13, n. 4, outubro-dezembro, 2005. p. 107-114.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 5-18.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro, 2ª ed. Rosa dos Tempos, 1992.

_____. **Não basta ser mulher**. IN: Seminário Estadual de Educação – O papel da educadora nas transformações das relações de gênero e de raça nas escolas. Curitiba, 2002.

OLIVEIRA, R. POLIDOR, D. J & SIMÕES, A.C . **Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres – atletas de voleibol**. IN: SIMÕES, A . C.(org) **Mulher & Esporte**. Mitos e Verdades, São Paulo: Manole, 2003.

PERES, M. T . M. **A modernidade na marcha da emancipação do homem**. IN: **Revista Impulso**, Piracicaba.: Editora: Unimep. V.I nº 14, 1994.

_____. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, M. I. S & SOIHET, R. **O corpo feminino em debate**: São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

PERROT, M. **Práticas da memória feminina**. In: **A Mulher no espaço público**. Revista Brasileira, São Paulo: ANPUH / Marco Zero, vol. 9, nº 18, 9-18, 1989.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, Unirg,

Gurupi. 2004.

RIBEIRO, J. C. **Paidéia: a iniciação esportiva a partir da corporeidade** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Física - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2006.

ROMERO, E. Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas. IN: SIMÕES, A . C.(org) **Mulher & Esporte. Mitos e Verdades**, São Paulo: Manole, 2003.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SAMPAIO,T. M.V. Avançar sobre possibilidades : horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre esportes, IN:MOREIRA, W.W. e SIMÕES, R. (Orgs) **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba, Unimep, 2002.

SARAIVA, M. C. **Co- educação física e esportes: quando a diferença é um mito**. Ijuí: Unijuí, 1999.

SARTI, A. C. **O feminismo brasileiro desde os anos de 1970 : revisitando uma trajetória**. IN: Revista estudos feministas, Florianópolis, Maio- Agosto de 2004.

SCOTT,J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife, 1991.

SETTON, M. G.J. As transformações do final do século: resignificando os conceitos autoridade e autonomia. In: AQUINO, J. G (org) **Autoridade e Autonomia na escola. Alternativas teóricas e práticas**. 4ª Edição. São Paulo: Summus, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1999.

SLEDZIEWSKI, E . G. **Revolução francesa. A viragem**. IN: IN: DUBY G. & PERROT.M. História das mulheres no Ocidente. São Paulo: Afrontamento, volume 1,1990.

SIMÕES, A. C.& ET.AL. A busca do feminino – a psicossocialização da mulher no

esporte. In : SIMÕES, A . C.(org) **Mulher & Esporte. Mitos e Verdades**, São Paulo: Manole, 2003.

SIMÕES, A. C; CORTEZ, J.A & CONCEIÇÃO, P.F.M **Mulher e Esporte de competição e de rendimento: as várias fases do social, do biológico e dos psicológico**. IN: SIMÕES, A.C & KNIJNIK, J.D. (orgs) O mundo psicossocial da mulher no esporte. Comportamento, gênero e desempenho. São Paulo : Aleph, 2004.

SIMÕES, R & MOREIRA, W.W. **Evas ou Marias: O corpo Mulher na Antiguidade e Idade Média** – Encontro de História do esporte, Lazer e Educação física. (5;1997:Maceió, AL) As ciências sociais e a história do esporte, lazer e Educação Física / coletânea do V encontro de Ijuí: UNIJUÍ, 1997, p. 130-140.

SIMÕES. A.C. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, A . C.(org) **Mulher & Esporte. Mitos e Verdades**, São Paulo: Manole, 2003

SISSA G. **Filosofias do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos**. IN : DUBY G. & PERROT.M. História das mulheres no Ocidente. São Paulo: Afrontamento, volume 1,1990.

SOARES, C. L. (org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados,2001.

SOUZA,E.R. **Diálogo entre o corpo, gênero e sexualidade**.IN: Revista Entretexos e Entresexos.Campinas, SP: UNICAMP –FE- GEISH,2000.

SOUZA, E.S. **Ensino da Educação Física escolar para turmas mistas: muito difícil! Difícil demais!** Dois Pontos. Belo Horizonte, mar/ abr. 1997.

THOMAS. Y. **A divisão dos sexos no direito romano**. IN: DUBY G. & PERROT.M. História das mulheres no Ocidente. São Paulo: Afrontamento, volume 1,1990.

VERDON , J. Da magia á bruxaria. In : **Revista História Viva**. Setembro de 2006.p 34-37.

ZUZZI, R.P. **As relações de gênero na formação profissional em Educação Física**. Piracicaba /SP, 2005, 140f.

ANEXOS

ANEXO 1. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

A Faculdade UNIRG é considerada um das principais Instituições de Ensino Superior no Estado do Tocantins. Esta Instituição de Ensino Superior (IES) oferece o curso de Educação Física, elencando disciplinas de conhecimentos identificadores da área, classificando-os em básicos e específicos. Como parte do currículo, os quais funcionarão em forma de núcleos comuns para futuros tipos de aprofundamento, que por ventura venham tornarem-se viáveis ou necessários.

O referido núcleo comum oferece uma formação BÁSICA constituída de sub-áreas que compreendem conhecimentos do homem e da sociedade, conhecimento científico e tecnológico, conhecimento do corpo humano e seu desenvolvimento. Visa-se com isso oferecer ao graduando o domínio de competências de natureza técnico-instrumental, estabelecidas sobre uma atitude crítico-reflexivo, todas fundamentais ao exercício profissional do licenciado.

A cultura de movimento em suas manifestações clássicas e emergenciais, integrante da formação específica presente no núcleo comum, constitui-se de três sub-áreas de conhecimento que são: didático-pedagógica (necessária também nas intervenções do bacharel); a técnico-funcional aplicada e a da cultura do movimento em suas variadas manifestações em jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas.

Dessa forma, o curso traz em sua estrutura curricular disciplinas obrigatórias e eletivas, que contemplam uma gama de conhecimentos necessários e suficientes ao envolvimento e desenvolvimento dos alunos e docentes com variadas atividades acadêmicas. Isto possibilita a apreensão e exploração de atividades que contemplem temáticas emergentes na área e/ou a constituição de mais uma instância de reflexão sobre a realidade local e regional, bem como oferece subsídios para o aluno delinear, ao longo dos semestres letivos, o tema do seu trabalho de conclusão de curso.

Pautada nos pareceres da Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física, a organização curricular do Curso apresenta-se em módulos de conteúdos distribuídos em dois blocos: conhecimento identificador da área e conhecimento identificador do tipo de aprofundamento e na distribuição semestral das disciplinas estão mescladas as de formação BÁSICA, específica e livres, de

modo a permitir o paulatino o amadurecimento acadêmico/profissional e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares de pesquisa e extensão.

Em conformidade com as novas diretrizes curriculares, neste Curso desenvolve-se, efetivamente, ensino, pesquisa e extensão de uma forma integrada com as outras licenciaturas já oferecidas na UNIRG o que significa enriquecimento de experiências e um adicional de qualidade na formação dos profissionais de todos os cursos envolvidos.

Dessa forma, com o objetivo de consolidar a prática pedagógica, pautada na perspectiva da cultura de movimento, e visando fortalecer a unidade teoria-prática são desenvolvidas por meio de atividades planejadas e sistematizadas projetos de pesquisa, extensão, estágios, movimentos e projetos de ação, implementados dentro da dinâmica curricular, em algumas disciplinas do curso as quais promovem ações diretas com a comunidade.

A Educação Física na Faculdade UNIRG busca oferecer propostas pedagógicas significativas nos aspectos: pessoais, sócio-culturais e políticos. Tem por vocação incentivar uma formação generalista e humanista, sistematizando e produzindo o conhecimento levando o egresso a uma consciência crítica e autônoma fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

O mercado de trabalho mostra que a atuação profissional em Educação Física não ocorre tão somente em escolas de Ensino Fundamental e Médio, mas também em espaços envolvendo crianças, jovens, adultos, idosos, portadores de necessidades educativas especiais além de instituições públicas, particulares, fechadas, academias, acampamentos, clubes sociais/esportivos recreativos, condomínios, laboratórios de pesquisa, centros/comunitários, empresas, hotéis, praias, instituições de reabilitação, com maior valorização do profissional, implicando uma discussão abrangente quanto ao seu perfil.

A partir dessas áreas de atuação apresentadas no Projeto Político Pedagógico do curso, busca-se, possibilitar aos alunos de Educação Física uma formação que lhes permita exercer função de professor nos seguintes segmentos:

- a) Educação Física Escolar em todos os níveis;
- b) Atividades desportivas, físicas relacionadas à saúde, culturais e ambientais.

Dessa maneira, o referido curso tem enquanto objetivo central definir e orientar os procedimentos da ação educativa, voltada para o desenvolvimento integral do homem, buscando os domínios filosóficos, sociológico, político, psicológico, biológico e humanístico do processo educativo, numa perspectiva crítica, histórica e que explore o caráter científico da educação, tendo como referencia o contexto sócio-econômico, cultural e político brasileiro, numa visão globalizada.

Busca-se de modo específico possibilitar na formação profissional:

- 1 A ampliação e a compreensão do movimento, da corporeidade passando a analisar o significado deste na relação dinâmica entre o ser humano e o meio ambiente, de forma que o educando esteja capacitado para uma atuação integrada e consciente dentro dos princípios da cidadania;
- 2 Tratar as relações do homem com o mundo, resgatando a totalidade que tenta ultrapassar a visão lógico-formal dominante, em que a Educação Física seja uma prática transformadora, teorizada, pensada e refletida;
- 3 A superação da dicotomia entre as disciplinas pedagógicas e as disciplinas específicas, preparando adequadamente o educador para analisar as questões educacionais em seu contexto social generalizando de forma a possibilitar uma prática democratizadora e conscientizadora, destinada a todos os campos de atuação;
- 4 Implementação novas propostas de ação educativa, em que a visão e compreensão do homem que se transforma ao longo da história em suas relações Sociais busquem a cientificidade e o desenvolvimento de valores éticos e morais em sua prática, bem como a promoção da saúde, manutenção e melhoria da qualidade de vida pessoal e coletiva;
- 5 Atuação na estruturação do conhecimento específico, de forma a integrar a teoria e a prática, permitindo uma participação ativa nos processos comunitários, tomando como referencia a realidade da sociedade em constante mudança e significativos avanços tecnológicos;
- 6 Formação de profissionais competentes que atuarão em prol da melhoria da qualidade de vida, através do condicionamento físico, emocional e intelectual e

ocupação saudável das horas de Lazer e ócio de sua clientela.

O curso de Educação Física, em acordo com as orientações estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos Superiores, organiza sua estrutura curricular sob a forma de sistema semestral de disciplinas e em Módulos de Conteúdos distribuídos em dois grandes Blocos de Conhecimentos:

a) Conhecimentos Identificadores da Área: trata-se de conhecimentos comuns ao tipo de aprofundamento direcionado para a atividade docente dentro da escola e da vida educacional nos vários sistemas de ensino, representando em torno de 70% dos conteúdos do Curso:

A Formação BÁSICA: deve ser compreendida como um conjunto de ações pedagógicas, de referenciais teóricos e de critérios científicos que articulam a teoria e prática em ações interdisciplinares relacionadas ao conhecimento da corporeidade do homem na perspectiva científico-biológica, cultural, histórica, filosófica e social.

Tópicos centralizadores que fornecem os conteúdos matriciais da formação BÁSICA: *Homem & Sociedade, Educação & Ciência, Corpo humano, Aprendizagem, Desenvolvimento & Corporeidade.*

A Formação Específica: deve ser compreendida como um conjunto de ações didático-pedagógicas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem centradas em atividades provenientes da cultura de movimentos que se manifestam através dos jogos, dança, ginástica, esporte, recreação e Lazer.

b) Conhecimentos Identificadores: trata-se de um conjunto de conhecimentos que identificam o tipo de competências que o profissional desenvolverá dentro de sua opção de estudos e formação acadêmico/profissional.

O Projeto Curricular está estruturado de forma orgânica, distribuindo os conhecimentos, em forma de Aprofundamento, num total de 30% dos conhecimentos oferecidos pelo currículo – com enfoque na formação de docentes para atuarem na Educação Física escolar, com ênfase no domínio teórico-metodológico nos diversos sistemas e nos vários níveis de educação formal.

Dentro da estrutura orgânica do currículo, tanto a pesquisa, como o ensino e a intervenção - sob a forma de extensão universitária - funcionarão articuladamente

a partir das seguintes estratégias acadêmicas:

- a) Dos conteúdos desenvolvidos em cada disciplina do curso;
- b) De disciplinas estrategicamente situadas dentro do contexto curricular, funcionando como local especial de ação interdisciplinar;
- c) De programas de pesquisa e extensão especialmente construídos dentro do curso e que servirão de campo de experiências educativas e de intervenções pedagógicas e Sociais;
- d) De Atividades COMPLEMENTARES que possibilitarão a ampliação da formação científica, cultural e política do acadêmico;
- e) De produção e sistematização de conhecimentos em trabalhos/estudos monográficos.

A seguir apresentamos a estrutura curricular do curso com as respectivas disciplinas e suas credenciais.

CURRICULO PLENO

ESTRUTURA CURRICULAR DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

CURSO: EDUCAÇÃO FÍSICA

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: 04 ANOS

DURAÇÃO MÁXIMA DO CURSO: 07 ANOS

1º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C. H.	PRÉ-REQ.
8010	História da Educação Física	04	60	-
8020	Anatomia do Movimento Humano I	04	60	-
1581	Introdução à Metodologia Científica	04	60	-
6071	Antropologia Social	04	60	-
8190	Ritmo, Movimento e Linguagem Expressiva	04	60	-
8253	Língua Portuguesa	04	60	-

2º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8040	Informática Aplicada à Educação	04	60	-
8021	Anatomia do Movimento Humano II	04	60	8020
8050	Voleibol	04	60	-

8060	Atletismo	04	60	-
8240	Dança Educacional	04	60	8190
5091	Política Educacional Brasileira	04	60	-

3º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8023	Fisiologia Humana	04	60	8021
8051	Basquetebol	04	60	-
8061	Lazer, Ludicidade e Educação Física	04	60	-
8120	Filosofia & Corporeidade	04	60	-
1543	Psicologia Aplicada à Educação	04	60	-
8061	Natação	04	60	-

4º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8092	Aprendizagem e Desenvolvimento Humano	04	60	-
8072	Teorias Pedagógicas da Educação Física	04	60	-
8024	Fisiologia do Exercício	04	60	8023
8052	Futebol/Futsal	04	60	-
8260	Ginástica Adaptada	04	60	-
8162	Jogos e Recreações	04	60	-
8031	Ginástica Escolar	04	60	-

5º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8080	Produção do Conhecimento em Educação Física I	04	60	5091
8025	Cinésioologia	04	60	8021
8170	Esportes Escolares: Princípios Metodológicos	04	60	-
8140	Atividade Física e Saúde	04	60	-
8100	Estágio Supervisionado I	07	105	-
8053	Handebol	04	60	-
8021	Educação Física Cultura e Sociedade	04	60	-

6º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ REQ.
8300	Ética na Educação Física	04	60	-
8092	Aprendizagem Motora	04	60	-
8141	Medidas e Avaliações	02	30	-
8110	Oficina Pedagógica I	04	60	-
8101	Estágio Supervisionado II	07	105	8100
8081	Produção do Conhecimento em Educação Física II	04	60	8080

7º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8024	Nutrição, Metabolismo e Desenvolvimento Infantil	04	60	-
8142	Práticas corporais marciais	04	60	-
8231	Monografia de Conclusão de Curso I	04	60	8081
8102	Estágio Supervisionado III	07	105	8101
8111	Oficinas Pedagógicas II	04	60	8110
8200	Introdução ao Treinamento Esportivo	04	60	-

8º PERÍODO

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8250	Organização e Administração da Educação Física e Esportes	04	60	-
8103	Estágio Supervisionado IV	07	105	8102
8210	Currículo, Estrutura Escolar e Planejamento Pedagógico	04	60	-
8232	Monografia de Conclusão de Curso II	04	60	8231

DISCIPLINAS ELETIVAS

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITO	C.H.	PRÉ-REQ.
8310	Primeiro Socorros	04	60	-
8025	Traumatismo no Esporte	04	60	-
8254	Ginástica Artística	04	60	-
8255	Ginástica Rítmica Desportiva	04	60	-
8256	Judô	04	60	-
8257	Capoeira na Escola	04	60	-
8150	Atividade Física e ecologia	04	60	-
8151	Ementa livre	04	60	-

Atividades Complementares (obrigatórias): Carga horária de 200 h/a.

Total de créditos obrigatórios do Curso: 206.

Carga horária obrigatória do Curso: 3.290.

**Sendo 420 h/aulas de Estágio Prático Supervisionado e
60 h/aulas de disciplina eletiva.**

EMENTAS**ANATOMIA DO MOVIMENTO HUMANO I**

Carga Horária: 60 (FB) 1º semestre

EMENTA: Estudo filogenético da estrutura morfológica e corporal do ser humano em seu processo histórico-social. Identificação da anatomia sistêmica e topográfica do corpo humano. Sistemas Articulares que fornecem a estrutura, o suporte e o desenvolvimento da gênese do Movimento Humano.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Carga Horária: 60 (FB) 1º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo e à análise do conhecimento histórico da área de Educação Física, Esporte e Lazer, objetivando dotar o acadêmico de uma visão crítica e reflexiva sobre os fatos, acontecimentos e circunstâncias objetivas que deram origem ao pensamento teórico, à prática educativa e social de forma geral e, as conseqüências/desdobramentos deste saber no desenvolvimento pedagógico, cultural, científico e social ocorridos no campo educacional brasileiro.

ANTROPOLOGIA SOCIAL

Carga Horária: 60 (FB) 1º semestre

EMENTA: Introdução ao pensamento antropológico tendo como parâmetros as suas principais correntes Teóricas. Análise da cultura como geradora de percepções, concepções e de utilização do corpo e de cultura corporal do homem em suas estruturas e espaços Vivenciais. Estudo do fenômeno da corporeidade como materialização de expectativas e respostas Sociais.

RITMO, MOVIMENTO & LINGUAGEM EXPRESSIVA

Carga horária: 60 (FE) 1º semestre

EMENTA: Estudo teórico-prático das várias formas de linguagens, expressão e gestualidade corporal com a experimentação de diversos ritmos, músicas, cantigas, sons e movimentos, sob a forma criativa e/ou espontânea estruturadas através de vivências. Desenvolver composições de trabalho dentro de experiências corporais individuais e coletivas.

LÍNGUA PORTUGUESA

Carga Horária: (FB) 60 1º semestres

EMENTA: Introdução ao estudo, análise e domínio instrumental da Língua Portuguesa centralizada na vida cotidiana, na cultura e dentro da atividade escolar e profissional. Aperfeiçoamento das habilidades de compreensão da linguagem, redação, argumentação e leitura apropriada do vocábulo português.

INTRODUÇÃO A METODOLOGIA CIENTÍFICA

Carga Horária: 60 (FB) 1º semestre

EMENTA: A disciplina visa introduzir o aluno no campo da análise e da reflexão crítica sobre as diversas formas de pensar a ciência. Introduz alguns métodos utilizados pela investigação científica quanto a sua forma de apropriação da realidade. Apresenta várias noções conceituais, teorias e os principais procedimentos científicos no sentido de instrumentalizar o aluno a optar por processos investigativos, explicativos e/ou de intervenção da realidade que mais se adequem/aproximem da área de formação profissional.

POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA

Carga Horária: 60 (FB) 2º semestre

EMENTA: Estudo dos caminhos e descaminhos da educação escolar pública no Brasil: movimentos Sociais pelo ensino público, a trajetória histórica das várias Leis de Diretrizes e Bases para a Educação no País, Diretrizes Curriculares e Parâmetros Curriculares Nacionais. Análise das principais correntes pedagógicas que mantêm-se em campos de disputas hegemônicas no cenário científico, pedagógico e histórico-cultural na educação brasileira.

INFORMÁTICA APLICADA À EDUCAÇÃO FÍSICA

Carga Horária: 60 (FE) 2º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo da informática com a aplicação prática dos sistemas e programas básicos. Processamento de textos e de programas aplicativos referentes a tabelas, cálculos e estatísticas. Integração do acadêmico às várias Redes integradas (Centro Esportivo Virtual, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Cibradid, Listas Temáticas, Centros de Excelências em Esporte, IES) pelo sistema Internet.

ANATOMIA DO MOVIMENTO HUMANO II

Carga Horária: 60 (FB) 2º semestre

EMENTA: Sistemas Musculares que fornecem a estrutura, o suporte e o desenvolvimento da gênese do Movimento Corporal Humano.

VOLEIBOL

Carga Horária: 60 (FE) 2º semestre

EMENTA: Metodologia do ensino do Voleibol baseada nos conhecimentos históricos da modalidade, nos fundamentos e no seu desenvolvimento técnico visando à apreensão dos conteúdos e da didática de transmissão dos conhecimentos. Plano de aula explicitando o modelo mais adequado de ensino desta Modalidade Esportiva.

ATLETISMO

Carga horária: 60 (FE) 2º semestre

EMENTA: Metodologia e ensino do atletismo a partir dos seus conhecimentos históricos e Sociais, dos fundamentos básicos (modalidades e estilos) e noções gerais sobre as regras Competitivas. Introdução aos atendimentos de emergência

decorrentes dos traumatismos mais comuns desta prática. Plano de aula contendo a forma, os procedimentos, a avaliação e a didática de ensino do Atletismo.

DANÇA - EDUCACIONAL

Carga Horária: 60 (FE) 2º semestre

EMENTA: Análise do ritmo e harmonia de movimentos corporais sistematizados pela dança que apresentam traços comuns e universalizantes e os de natureza regional criados através das manifestações culturais da sociedade brasileira. Estudos dos aspectos conceituais, técnicos e estéticos da dança e sua aplicação na Educação Física escolar.

FISIOLOGIA HUMANA

Carga Horária: 60 (FB) 3º semestre

EMENTA: Introdução à fisiologia humana: Conceito, Homeostase, Integração funcional. Agentes e mecanismos regulatórios gerais e Específicos. Visão global integrada das funções dos diversos órgãos e Aparelhos. Teoria dos aspectos básicos da fisiologia normal do sistema nervoso central e periférico, do aparelho cardiovascular e do aparelho respiratório.

BASQUETEBOL

Carga Horária: 60 (FE) 3º semestre

EMENTA: Metodologia do ensino do Basquetebol baseada nos conhecimentos históricos da modalidade, nos fundamentos e no seu desenvolvimento técnico visando à apreensão dos conteúdos e da didática de transmissão dos

conhecimentos. Plano de aula explicitando o modelo mais adequado de ensino desta Modalidade Esportiva.

LAZER, LUDICIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Carga Horária: 60 (FE) 3º semestre

EMENTA: significado do Lazer na sociedade contemporânea. Conceito e conteúdos Culturais. O Lazer como campo de ação do profissional de Educação Física. Relações com a sociedade e a cultura. Elaboração de políticas e projetos de atuação. Vivências de repertório de atividades, políticas, planos e projetos da área, dos setores públicos, privados e terceiro setor.

FILOSOFIA, & CORPOREIDADE

Carga Horária: 60 (FB) 3º semestre

EMENTA: Estudo e análise das principais correntes filosóficas nas concepções de corpo e corporeidade de presentes nos elementos da cultura corporal no contexto educacional e demais espaços de intervenção social do profissional de Educação Física.

PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO

Carga Horária: 60 (FE) 3º semestre

EMENTA: Estudo do processo de desenvolvimento psicomotor, emocional, cognitivo e social da criança dentro das perspectivas comportamentalista, construtivista e sócio-interacionista. Análise dos principais fatores geradores de dificuldade de aprendizagem e desenvolvimento da criança segundo Skinner, Piaget, Wallon e Vigostky

NATAÇÃO

Carga horária: 60 (FE) 3º semestre

EMENTA: Metodologia e ensino da natação a partir dos seus conhecimentos históricos e Sociais, dos fundamentos extraídos dos estilos mais importantes e, de noções gerais das regras Competitivas. Introdução à mecânica de atendimento de emergência e salvamentos dos praticantes junto ao meio líquido. Plano de aula contendo a forma, os procedimentos, a avaliação e a didática de ensino da Natação.

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Carga Horária: 60 (FE) 4º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo das principais correntes/abordagens pedagógicas inscritas no campo da Educação Física, centralizando os conhecimentos nos aspectos relacionados às aprendizagens cognitiva, afetiva e motora, bem como no desenvolvimento da criança quanto às aprendizagens Sociais, estruturadas nas teorias funcionalistas, perceptivos-motoras e desenvolvimentistas, preconizadas pela Educação Física.

TEORIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Carga Horária: 60 (FE) 4º semestre

EMENTA: Estudo das principais correntes pedagógicas inscritas no campo da educação física, influenciadas pela escola tradicional, nova e tecnicista, bem como estudo das abordagens teórico- críticas, transformadora, emancipatória, presente no processo de ensino-aprendizagem e avaliação na Educação Física.

FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO

Carga Horária: 60 (FB) 4º semestre

EMENTA: Estudo das adaptações orgânicas em função do treinamento sistemático, métodos de avaliação da performance desportiva e a bioenergética aplicada à atividade física. Métodos de avaliação direta e indireta das potências anaeróbica alática e láctica, e aeróbica.

FUTEBOL/FUTSAL

Carga Horária: 60 (FE) 4º semestre

EMENTA: Metodologia do ensino do Futebol/ Futsal baseada nos conhecimentos históricos da modalidade, nos fundamentos e no seu desenvolvimento técnico visando à apreensão dos conteúdos e da didática de transmissão dos conhecimentos. Plano de aula explicitando o modelo mais adequado de ensino desta Modalidade Esportiva.

GINÁSTICA ADAPTADA

Carga Horária: 60 (FE) 4º semestre

EMENTA: Introdução aos novos conceitos de ginástica adaptada em discussão hoje no Brasil. Apresentação da definição e evolução conceitual da ginástica adaptada. Terminologia e classificação dos diferentes tipos de deficiências e ou Limitações. Intervenção e o ensino escolar colocado pela legislação educacional brasileira. Orientação para o desenvolvimento de atividades, aos indivíduos com limitações para a Educação Física, através de jogos e esportes adaptados.

JOGOS, RECREAÇÕES

Carga Horária: 60 (FA) 4º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo dos Jogos, Brincadeiras e Recreação relacionadas a primeira e segunda infância da criança. Planejamento e aplicação prática de programas de atividades lúdicas direcionadas para Creches, Centros Infantis, Colônias de Férias, Acampamentos e Movimentos Ecológicos dirigidos à infância. Desenvolvimento de técnicas e metodologias de ensino voltado para a Educação Física Infantil.

GINÁSTICA ESCOLAR

Carga Horária: 60 (FA) 4º semestre

EMENTA: Estudos sobre os principais métodos de ginástica aplicados à escola, inclusive, aqueles em processo de construção no interior da escola pública brasileira. Análise das propostas metodológicas e de conteúdos a serem desenvolvidos pela escola apresentada pelos PCNS. Novas perspectivas de ginásticas baseadas na concepção de aulas abertas em Educação Física escolar.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - I

Carga Horária: 60 (FB) 5º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo dos principais correntes teórico-metodológicas resultantes da produção científica, sistematizadas e veiculadas pelas Universidades, pelos centros de documentação científica e tecnológica e pelas associações científicas que representam tanto os modelos clássicos da ciência quanto os modelos alternativos das ciências educacionais e sócio-culturais que têm influenciado a área de Educação, Educação Física, Esportes & Saúde.

CINÉSILOGIA

Carga Horária: 60 (FE) 5º semestre

EMENTA: Promover o conhecimento e o entendimento objetivo e experimental do movimento e da ação do corpo humano. Estudar a aplicação das leis físicas e as bases fisiológicas e estruturais do movimento. Cinésioologia e a importância no currículo da Educação Física. Articulações do corpo humano e estrutura, conceitos básicos de mecânica, análise cinética e cinemática corporal.

ESPORTE ESCOLAR: PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Carga Horária: 60 horas (FA) - 5º período

EMENTA: Estudos sobre a influência do esporte competitivo e o seu papel (excludente) no interior da escola. Problemas metodológicos do esporte de performance – esporte na escola – para as novas possibilidades do esporte como matéria de educação e ensino, instituído a partir da cultura, da identidade social e do desenvolvimento técnico – esporte da escola. Introdução às novas metodologias baseadas nos jogos cooperativos nas aulas de Educação Física escolar.

ATIVIDADE FÍSICA & SAÚDE

Carga Horária: 60 (FB) 5º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo de programas e/ou propostas de atividade físicas direcionadas para atender/responder às demandas Sociais intrinsecamente vinculadas a melhoria da saúde do indivíduo e a qualidade de vida coletiva e social humana. Modelos de atividades físicas dirigidas às crianças, adultos e idosos (obesos, asmáticos, sedentários, gestantes, hansenianos, aidéticos, etc.). Métodos e testes simples para avaliações cardiorrespiratórias e composição corporal.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I, II, III, IV

Carga Horária: 420 (FA) 5º, 6º, 7º e 8º semestres.

EMENTA: estudo teórico e metodológico da prática pedagógica e sua aplicação na área da Educação Física escolar. Acompanhamento dos alunos e processos de regência em aula junto à rede ou sistema educacional. Estes conteúdos devem se desenvolver/aplicados em vários momentos do curso, devem possibilitar ao acadêmico uma corrente e sistemática de aprendizagem em processos educativos, levando em conta os problemas cotidianos, as contribuições da didática e as condições da dialética da vida social com a escola.

HANDEBOL

Carga Horária: 60 (FE) 5º semestre

EMENTA: Metodologia do ensino do Handebol baseado nos conhecimentos históricos da modalidade, nos fundamentos e no seu desenvolvimento técnico visando a apreensão dos conteúdos e da didática de transmissão dos conhecimentos. Plano de aula explicitando o modelo mais adequado de ensino desta Modalidade Esportiva.

EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURA E SOCIEDADE

Carga Horária: 60 (FE) 5º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo da Cultura Corporal e de suas relações com a estrutura social, na constituição das representações Sociais e ideológicas de corpo e corporeidade sedimentados no modo de produção social: trabalho & Lazer, tempo socialmente disponível, estética e saúde física. Estudos sobre a mitificação, mercadorização e coisificação do corpo enquanto mecanismos de consumo, adoração (narcisismo) e alienação do homem nas sociedades historicamente reguladas pelos processos tecnológicos e industriais.

INTRODUÇÃO AO TREINAMENTO ESPORTIVO

Carga Horária: 60 (FE) 7º semestre

EMENTA: Introdução aos diversos conceitos e definições sobre o Treinamento Esportivo: seus objetivos, meios, tarefas Básicas e os conteúdos Específicos. Estrutura geral dos processos de treinamento e sua interdependência com as capacidades físicas dos atletas: força, flexibilidade, velocidade, resistência muscular e cardiorespiratória.

ÉTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Carga Horária: 60 (FE) 6º semestre

EMENTA: Estudo análise e conceitos dos princípios legais da legislação da profissão e suas implicações. Reflexões das discussões Sociais, comunitários inter-relacionamento de classe e outros.

APRENDIZAGEM MOTORA

Carga Horária: 60 (FE) 6º semestre

EMENTA: A disciplina visa analisar e conceituar os aspectos fundamentais da aprendizagem e do desenvolvimento motor. Serão analisados Conceitos e Teorias básicas da Aprendizagem Motora e problemas específicos de motricidade como Coordenação e Regulação Psíquica do Movimento, Atenção, Percepção e Imaginação do Movimento, Transferência, Memória Motora, Motivação e a Relação Professor - Aluno, bem como conseqüências didático-metodológicas determinantes no processo ensino-aprendizagem do movimento.

MEDIDAS E AVALIAÇÕES

Carga Horária: 60 (FE) 6º semestre

EMENTA: Estudo de medidas e avaliação na área da Educação Física dentro do contexto sócio-político-cultural e educacional brasileiro. Análise de métodos e processos complexos em medidas e avaliação na área da Educação Física. Aplicação das técnicas cineantropométricas. Avaliação da estrutura e composição corporal.

OFICINA PEDAGÓGICA I , II

Carga Horária: 120 (FA) 6º e 7º semestres

EMENTA: Estudos de natureza vivencial/instrumental com o objetivo de promover de forma prática e objetiva, o desenvolvimento da capacidade educativa, pedagógica e crítica do acadêmico por meio da intervenção sócio-pedagógica, científica e cultural em programas ou serviços educacionais de pesquisa-ação-reflexão prestados à comunidade.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - II

Carga Horária: 60 (FB) 6º semestre

EMENTA: Análise e estudo teórico-metodológico das diversas formas de produção científica, sistematizadas e veiculadas pelos cursos de graduação e pós-graduação com vistas a instrumentalizar os acadêmicos em ações de investigação da realidade, pautadas pelos métodos interativos da pesquisa científica, social e educacional: pesquisa-ação, pesquisa participante e pesquisa qualitativa em Educação Física, Esportes & Saúde e Educação Física para portadores de necessidades especiais.

NUTRIÇÃO, METABOLISMO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Carga Horária: 60 (FB) 7º semestre

EMENTA: Introdução ao estudo da nutrição e da alimentação: definição, classificação, fontes alimentares, reações químicas, metabolismo dos nutrientes e noções de energia. Análise do estado alimentar da criança em função de seu crescimento, desenvolvimento físico e ambiente sócio-cultural.

INTRODUÇÃO AO TREINAMENTO ESPORTIVO

Carga Horária: 60 (FE) 7º semestre

EMENTA: Introdução aos diversos conceitos e definições sobre o Treinamento Esportivo: seus objetivos, meios, tarefas Básicas e os conteúdos Específicos. Estrutura geral dos processos de treinamento e sua interdependência com as capacidades físicas dos atletas: força, flexibilidade, velocidade, resistência muscular e cardiorespiratória.

PRÁTICAS CORPORAIS MARCIAIS

Carga horária 60h (FI) 7º semestre

EMENTA: Metodologia do ensino das práticas corporais marciais, baseada nos conhecimentos históricos das modalidades, nos fundamentos e no seu desenvolvimento técnico visando a apreensão dos conteúdos e da didática de transmissão dos conhecimentos no âmbito educacional. Tipos e formas de intervenção em Educação Física e a Influência das Lutas Orientais e Africanas no Brasil.

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Carga Horária: 60 (FA)7º semestre

EMENTA: É um conjunto de experiências que resultam de estudos, pesquisas, análises comparativas, entre outros, sob forma de produção científica, que expresse um resultado, um ponto de vista, uma tendência ou um novo ponto de partida para novas investigações conceituais, teóricas, metodológicas ou Práticas. No interior da disciplina Monografias serão oferecidas conteúdos referentes aos conhecimentos de Metodologia do Trabalho Científico, perfazendo um total de 60 h/aula. O trabalho (produto final) deve ser apresentado dentro das normas técnicas exigidas pelo método científico.

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA & ESPORTES

Carga Horária: (FE) 60 8º semestre

EMENTA: Conhecimento geral do modelo de organização e administração da Educação Física e dos Esportes no âmbito do setor público e empresarial. Introdução ao estudo da estrutura, funcionamento e o sistema hierárquico do poder relacionados a Ligas, Federações e Confederação esportivas de âmbito estadual e nacional. Atividades práticas de organização, planejamento e execução de calendários esportivos.

CURRÍCULO, ESTRUTURA ESCOLAR E PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Carga Horária: 60 (FA) 8º semestre

EMENTA: Estudos e análises dos conceitos e modelos de currículo objetivados e implementados para a melhoria da qualidade da educação escolar. Análise da estrutura formal dos sistemas de ensino e da escola: o poder, a democracia, a organização do trabalho escolar e as formas de participação dos professores e alunos na construção de Projeto e Programas Pedagógicos da Escola.

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Carga Horária: 60 (FA) 8º semestre

EMENTA: É um conjunto de experiências que resultam de estudos, pesquisas, análises comparativas, entre outros, sob forma de produção científica, que expresse um resultado, um ponto de vista, uma tendência ou um novo ponto de partida para novas investigações conceituais, teóricas, metodológicas ou Práticas. No interior da disciplina Monografia serão oferecidos conteúdos referentes aos conhecimentos de Metodologia do Trabalho Científico, perfazendo um total de 60 h/aula. O trabalho (produto final) deve ser apresentado dentro das normas técnicas exigidas pelo método científico.

PRIMEIRO SOCORROS

Carga Horária: 60 (FL)

EMENTA: Estudo de aspectos relativos à prevenção de acidentes, nas escolas, academias, clubes entre outros, proporcionar conhecimento e entendimento das ações que devem se desencadear, frente a uma citação de urgência ou emergência. Técnicas Básicas de primeiro socorros.

TRAUMATISMOS NO ESPORTE

Carga Horária: 60 (FL)

EMENTA: Introdução ao estudo das principais sintomatologias traumáticas provenientes/decorrentes da prática corporal de movimentos e nas atividades esportivas mais comuns praticadas pela sociedade. Noções gerais de prevenção, higiene, socorro e atendimento de emergência nos tipos de ocorrências mais frequentes na área de Educação Física e Esportes.

GINÁSTICA ARTÍSTICA

Carga Horária: 60 (FL)

EMENTA: Estudo teórico e prático da ginástica artística englobando os principais exercícios de solo e de aparelhos tanto no masculino como no feminino.

GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA

Carga Horária: 60 (FL)

EMENTA: Metodologia do Ensino do Judô baseada nos conhecimentos históricos e filosóficos desta Modalidade, no desenvolvimento técnico visando a apreensão dos conteúdos, e na didática de transmissão desses conhecimentos. Plano de aula explicitando a forma, os procedimentos, e o modelo mais adequado de ensino desta modalidade esportiva.

JUDÔ:

Carga Horária: 60 (FL)

EMENTA: Metodologia do Ensino do Judô baseada nos conhecimentos históricos e filosóficos desta Modalidade, no desenvolvimento técnico visando a apreensão dos conteúdos, e na didática de transmissão desses conhecimentos. Plano de aula explicitando a forma, os procedimentos, e o modelo mais adequado de ensino desta modalidade esportiva.

CAPOEIRA NA ESCOLA:

Carga Horária: 60 (FL)

EMENTA: Estudo dos principais elementos rítmicos, movimentos e mecânicas da luta e identidade cultural da capoeira. Implementação prática dos elementos constitutivos da capoeira enquanto conteúdos da Educação Física escolar. Didática do ensino da capoeira dentro da perspectiva de formação da personalidade da criança na escola.

ATIVIDADE FÍSICA E ECOLOGIA

Carga horária – 60h (FL)

Ementa Introdução aos estudos teórico-práticos e organizacionais objetivando a implementação de projeto/programas comunitários/grupos ou instituições públicas ligadas ao processo de educação ambiental (conscientização, defesa e preservação) e de programas Sociais direcionados para a melhoria da qualidade de vida do indivíduo e da população em geral com a utilização das atividades físicas, recreativas, esportivas e de lazer.

ATIVIDADES EM ACADEMIA

Carga Horária: 60 (FE)

EMENTA: A disciplina objetiva a identificação de fatores administrativos organizacionais em academias, a investigação aprofundada a respeito das características e métodos da ginástica nos anos 70 e 80, como por exemplo: a aula BÁSICA e tradicional da ginástica, a correção postural dos exercícios localizados, a utilização de diversos acessórios com ou sem sobrecarga, os exercícios de alongamento, os métodos de flexibilidade e de relaxamento, os objetivos e o conteúdo da ginástica aeróbica e os sistemas de elaboração de aulas de ginástica.

Identificam-se as tendências atuais como o treinamento com a plataforma “Step”, as noções Básicas das atividades: Personal Training, Dança de Salão e Hidroginástica

e o desenvolvimento da ginástica para clientela específica como: Crianças, gestantes e obesos.

Anexo 2. PROJETO DE EXTENSÃO- PROJETO PAIDÉIA

PROJETO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA: PROJETO PAIDÉIA.

O projeto Paidéia é um projeto de iniciação esportiva e na atualidade encontra-se vinculado ao curso de Educação Física da referida instituição de ensino superior. Criado desde 2003, por iniciativa de um dos professores do curso de Educação Física, tem desde a sua primeira versão o intuito de oferecer iniciação esportiva em algumas modalidades de quadra (futsal, voleibol e handebol) de forma gratuita às crianças carentes do município.

O projeto possui uma essência de ação comunitária que tem como foco a iniciação esportiva para população carente. Fundamenta-se filosoficamente na “Paidéia” de Platão e Sócrates, os quais propuseram uma educação ideal, que contemplavam a ginástica para o corpo e a música para alma.

O nome “Paidéia: para além da iniciação esportiva”, foi inspirado no termo grego *paideia* que na cultura grega da antiguidade, representava um conjunto histórico de idéias, princípios e tradições, que formavam um conceito global de desenvolvimento espiritual e conseqüentemente integral do ser humano, essencial na formação do homem grego.

Até chegar a sua consolidação efetiva no interior da instituição, o projeto passou por algumas transições em razão de incentivos e apoio financeiro, como também pela saída para capacitação de um dos coordenadores do projeto. O que fez com que o projeto focasse apenas a uma modalidade esportiva atendendo especialmente a um grupo de meninas adolescentes.

O projeto Paidéia sofreu as mesmas dificuldades já sofridas anteriormente por outros projetos de iniciação esportiva, mas sobrevivia principalmente em função de um grupo de alunas adolescentes trazidas de uma escola estadual pelo professor coordenador do projeto. Estas meninas formavam uma turma de futsal feminino que nos anos de 2004 e 2005, praticamente representou o projeto Paidéia enquanto projeto de iniciação esportiva.

Mas foi no ano de 2006 que o projeto se estruturou enquanto uma instância

significativa de extensão e pesquisa do curso de Educação Física. Neste ano recebe apoio financeiro da instituição e da prefeitura municipal, o qual a partir dessa iniciativa foi possível ampliar novas possibilidades de atendimento de diferentes origens, possibilidades e interesses na prática esportiva.

Seis grandes objetivos norteiam o projeto de iniciação esportiva, são eles:

- Elaborar uma proposta de ensino que compreenda o fenômeno esporte no contexto da realidade social a partir dos conhecimentos de natureza técnica, científica, política e cultural voltadas à população de baixa renda e que leve em conta as características regionais do município;

- Criar conjuntamente uma proposta de capacitação profissional para os acadêmicos que vão atuar nos núcleos do projeto;

- Consolidar a proposta de capacitação por meio de um grupo de estudos sobre “esporte e iniciação esportiva”; Superar o entendimento de que a iniciação é exclusivamente de crianças e adolescentes na busca de seleção de talentos;

- Implementar uma pedagogia dos esportes que contribua nas esferas da educação, do lazer e da qualidade de vida;

- Contribuir no processo de formação integral do ser humano, a partir da prática no esporte;

- Promover atividades educativas em condições favoráveis para uma ação multidisciplinar com outras áreas do conhecimento.

Daí espera-se ter:

- 1 Melhora da qualidade de vida da população envolvida;
- 2 Desenvolvimento integral dos alunos;
- 3 Colaboração para o processo de inclusão social;
- 4 Incentivo no sentimento de auto-superação em relação à prática corporal;
- 5 Fortalecimento da participação crítica e criativa na iniciação esportiva;
- 6 Oportunidade de capacitação profissional dos acadêmicos por meio da regência;
- 7 Consolidação de uma proposta de percepção do esporte considerando a

- complexidade do fenômeno;
- 8 Articulação multidisciplinar entre os diversos cursos da IES, tendo o projeto “Paidéia” como foco de estudo;
 - 9 Solidificação do grupo de estudo sobre “esporte e iniciação esportiva”;
 - 10 Estabelecimento de parcerias junto ao projeto;
 - 11 Inserção da IES junto à comunidade.

Atualmente o projeto oferece as seguintes modalidades esportivas tanto para o sexo masculino quanto para o feminino: futsal, vôlei, handebol, natação, ginástica rítmica desportiva e futebol de campo. E também a atividade física hidroginástica. Estas modalidades são oferecidas nos seguintes núcleos na cidade de Gurupi: Ginásio de esportes Idanizete de Paula; Ginásio pequeno da faculdade de Educação Física; Ginásio poli- esportivo do setor Malvinas e Estádio Rezendão. E recentemente no ano em 2007 amplia o seu atendimento no complexo de lazer do hotel Açáí.

As aulas acontecem no período da tarde (das 14:00h às 18:00), para as modalidades de quadra e para as turmas de natação infantil. Já as turmas de hidroginástica e natação adulto, tem aulas das 17:00h às 20:00h. As propostas desenvolvidas pelos professores estagiários são acompanhadas pelos professores coordenadores e devem observar o desenvolvimento dos alunos de forma individual, considerando a diversidade presente na turma. Toda proposta de planejamento semestral e de aula, deve ser sustentada por uma pedagogia de ensino dos esportes com base na corporeidade e na perspectiva do esporte enquanto fenômeno sociocultural plural.

Atualmente (no segundo semestre de 2007) o projeto atende cerca de trezentas pessoas entre crianças, adolescentes, adultos e idosos. E conta com uma equipe de sete acadêmicos estagiários que assumem a função de professores das modalidades esportivas e atividades físicas.

Anexo 3. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título: MULHER - ESPORTE - EMANCIPAÇÃO: DISCURSO DE PROFESSORES E ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG-TO

Objetivos da pesquisa: Verificar se há a discussão sobre a emancipação da mulher por meio do esporte no curso; Identificar qual o discurso que os professores do curso de Educação Física da faculdade UNIRG-TO têm quanto à emancipação feminina por meio do esporte. Conhecer qual a concepção que os acadêmicos participantes do projeto Paidéia possuem sobre a possibilidade de emancipação da mulher por meio do esporte.

Metodologia: Para operacionalização da pesquisa de campo adotamos a pesquisa qualitativa tendo base em Minayo (2003); utilizando do estudo descritivo pautados em Rudio (1982) adotando enquanto instrumento para a coleta dos dados o recurso da entrevista contendo duas perguntas geradoras e reportando para análise das informações a técnica desenvolvida por Moreira; Simões e Porto (2005) designada como: A análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significados.

Sigilo e Utilização dos Dados Coletados: Serão exclusivamente usados para atender os propósitos desta pesquisa, não sendo permitido o uso para outros fins. Cabe ao pesquisador responsável a segurança e a privacidade das informações coletadas nesta pesquisa.

Quanto à Participação: É voluntária, sendo que a recusa não implica em prejuízo nenhum ao senhor (a), da mesma forma que o senhor (a) poderá **desistir**

da mesma a qualquer momento, sem que isso lhe traga dano algum. Sua participação na pesquisa não lhe trará **ônus**, ficando todos os encargos financeiros por conta da pesquisadora, sendo que uma cópia desse documento fica com a pesquisadora responsável e a outra com o Sr(a).

Quanto aos Riscos: A pesquisa não apresenta nenhum **risco**, dessa forma não haverá ressarcimento e indenizações. A não ser que por ventura, ocorra algum prejuízo decorrente da pesquisa ao senhor(a), e se isso for confirmado em juízo os mesmos serão reparados e indenizados dentro dos conformes estabelecidos pela lei. Da mesma forma, que não serão indenizados problemas que não estiverem ligados à pesquisa.

Eu _____
_____, RG _____, li as informações acima. Foi dada a oportunidade para eu perguntar, sendo minhas perguntas respondidas satisfatoriamente, sendo assim concordo em participar nesta pesquisa e seguir as recomendações exigidas para garantir a confiabilidade dos resultados. Recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do Voluntário

_____/_____/200____

Nome e Endereço do Responsável pela pesquisa: Lucilene Gomes da Silva. Av. Santa Catarina n 2161, AP 04, Centro. Gurupi – TO.

E-mail: lucilenegs@yahoo.com.br

Nome e Endereço da Executora da Pesquisa: Lucilene Gomes da Silva.

APÊNDICES

Apêndice 1. CARTA DE APRESENTAÇÃO PROJETO PAIDÉIA.

**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Eu, Lucilene Gomes da Silva, RG: 33279924464737-SSPGO e CPF:83742476149, residente na Av Santa Catarina n2161 ap 04 no centro de Gurupi –TO venho através desta solicitar a permissão de Vossa Senhoria para realizar uma pesquisa de campo com os acadêmicos estagiários do projeto Paidéia utilizar as instalações (sala de aula) para concretização das coletas das informações.

Esta pesquisa de campo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulado: **MULHER - ESPORTE - EMANCIPAÇÃO: DISCURSO DE PROFESSORES E ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG-TO**, o qual é orientado pelo professor DR. Wagner Wey Moreira e possui os seguintes objetivos: Fazer um levantamento bibliográfico acerca: da emancipação feminina no contexto social e esportivo no curso de Educação Física; Verificar se há a discussão sobre a emancipação da mulher por meio do esporte; Identificar qual o discurso que os professores do curso de Educação Física da faculdade UNIRG-TO têm quanto à emancipação feminina por meio do esporte. Conhecer qual a concepção que os acadêmicos participantes do projeto Paidéia possuem sobre a possibilidade de emancipação da mulher por meio do esporte. Analisar se o discurso dos docentes reflete na concepção dos acadêmicos estagiários que atuam no projeto Paidéia. Analisar quais são as interfaces presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos.

Desde já agradeço a colaboração.

Lucilene Gomes da Silva. (Mestranda pesquisadora)

Apêndice 2. CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA O COORDENADOR DO CURSO

**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Eu, Lucilene Gomes da Silva, RG: 33279924464737-SSPGO e CPF:83742476149, residente na Av Santa Catarina n2161 ap 04 no centro de Gurupi –TO venho através desta solicitar a permissão de Vossa Senhoria para realizar uma pesquisa de campo com os professores do curso de Educação Física da presente Instituição de Ensino (Faculdade UNIRG) e utilizar as instalações (sala de aula) para concretização das coletas das informações.

Esta pesquisa de campo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulado: **MULHER - ESPORTE - EMANCIPAÇÃO: DISCURSO DE PROFESSORES E ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIRG-TO**, o qual é orientado pelo professor DR. Wagner Wey Moreira e possui os seguintes objetivos: Fazer um levantamento bibliográfico acerca: da emancipação feminina no contexto social e esportivo no curso de Educação Física; Verificar se há a discussão sobre a emancipação da mulher por meio do esporte; Identificar qual o discurso que os professores do curso de Educação Física da faculdade UNIRG-TO têm quanto à emancipação feminina por meio do esporte. Conhecer qual a concepção que os acadêmicos participantes do projeto Paidéia possuem sobre a possibilidade de emancipação da mulher por meio do esporte. Analisar se o discurso dos docentes reflete na concepção dos acadêmicos estagiários que atuam no projeto Paidéia. Analisar quais são as interfaces presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos.

Desde já agradeço a colaboração.

Lucilene Gomes da Silva. (Mestranda pesquisadora)